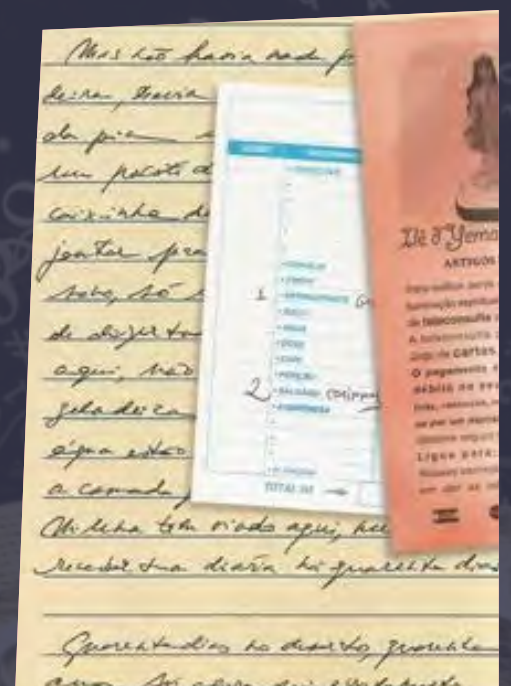




Coletânea de Textos Nordestinados a Ler

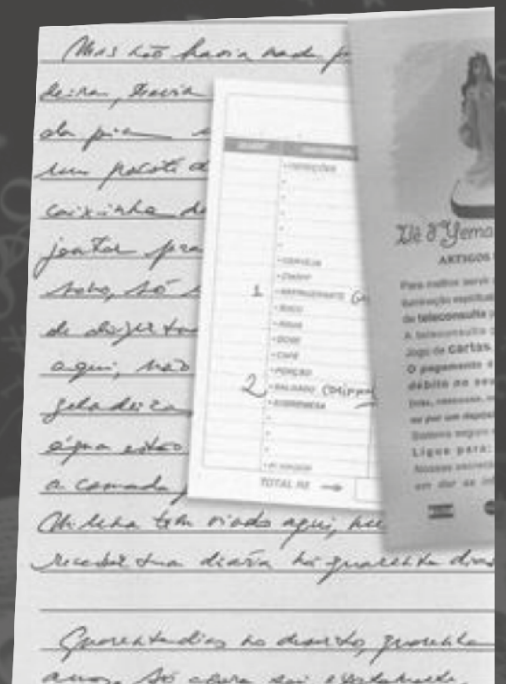
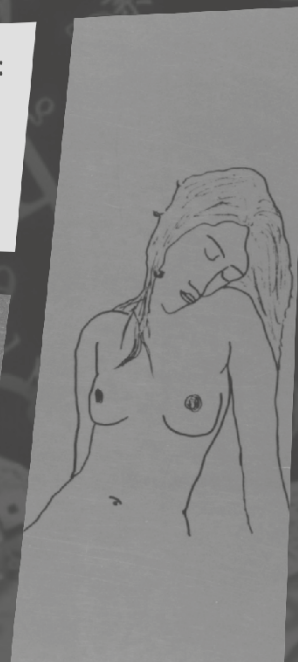
Organizadores:
Luciana Bessa Silva
Bárbara Larissa Alexandre Filgueira
Hemerson Soares da Silva





Coletânea de Textos Nordestinados a Ler

Organizadores:
Luciana Bessa Silva
Bárbara Larissa Alexandre Filgueira
Hemerson Soares da Silva



Ficha Editorial

Organizadores

Luciana Bessa Silva
Bárbara Larissa Alexandre Filgueira
Hemerson Soares da Silva

Autores

Carla Castro
Cícera Mamede
Dia Nobre
Émerson do Nascimento Cardoso
Flávia Hellen
Letícia Isabelle Alexandre Filgueira
Luciana Bessa Silva
Maria Kilô Ferrera
Mayara Lima
Naira Leite
Natália Pinheiro
Sérgio Murilo Fontes
Shirley Pinheiro

Projeto editorial e diagramação

Hemerson Soares da Silva
Bárbara Larissa Alexandre Filgueira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586 Coletânea de textos: Nordestinados a ler [recurso eletrônico] / Organizadores: Luciana Bessa Silva, Bárbara Larissa Alexandre Filgueira, Hemerson Soares da Silva. – Juazeiro do Norte-CE: Universidade Federal do Cariri, 2021. 186 p.: il.

E-book em formato PDF.
ISBN 978-65-88329-29-0 (Digital)/978-65-88329-30-6 (Impresso)

1. Literatura. 2. Nordestinados a Ler. 3. Mulheres. 4. Coletânea de textos. I. Silva, Luciana Bessa. II. Filgueira, Bárbara Larissa Alexandre. III. Silva, Hemerson Soares.

CDU: 82-8

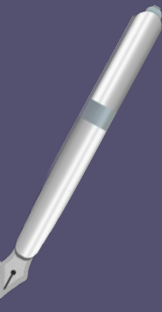
Bárbara Larissa Alexandre Filgueira - CRB-3/CE-1615-0



O trabalho **Coletânea de Textos: Nordestinados a Ler** de Luciana Bessa Silva, Bárbara Larissa Alexandre Filgueira e Hemerson Soares da Silva está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).



Sumário



Prefácio	10
Luciana Bessa Silva	

AGREMIações LITERárias

13

Academia dos Cordelistas do Crato: berço dos poetas e morada da poesia	14
Shirley Pinheiro	

Ala feminina da casa de Juvenal Galeno dá voz a mulher na literatura cearense	17
Luciana Bessa Silva	

Fundação Casa de Jorge Amado: da arte à cultura baiana	19
Naira Leite	

ENTREVISTAS

21

Entrevista com Cícera Mamede	22
Cícera Mamede	

Entrevista a Sérgio Murilo Fontes	26
Sérgio Murilo Fontes	

Entrevista com Dia Nobre	30
Dia Nobre	

Entrevista com Natália Pinheiro	35
Natália Pinheiro	



Entrevista Maria Kilô Ferrera	39
Maria Kilô Ferrera	
Entrevista Carla Castro	43
Carla Castro	
Entrevista com Émerson Cardoso	50
Émerson Cardoso	

História das Mulheres na Literatura **57**

Alba Valdez: uma cearense arretada!	58
Luciana Bessa Silva	
As irmãs Sampaio	60
Luciana Bessa Silva	
Bastinha Job e a arte de versar com humor	62
Shirley Pinheiro	
Henriqueta: uma Galeno em destaque	65
Luciana Bessa Silva	
Nezite Alencar: uma Historiadora Cordelista	67
Shirley Pinheiro	
Os recados poéticos de Fátima Correia	69
Shirley Pinheiro	
Sônia Coutinho: uma baiana resistente!	71
Luciana Bessa Silva	
Zélia Gattai: escrita com liberdade e com o coração	73
Mayara Lima	

Homenageados **75**

Ana Cristina César: uma poeta-crítica	76
Luciana Bessa Silva	
Entre o “Brasil oficial” e o “Brasil real”: Ariano Suassuna	78
Luciana Bessa Silva	
A pulsão poética de Augusto dos Anjos	80
Luciana Bessa Silva	



Pela “igualdade de direitos entre homens e mulheres”: Bertha Lutz	82
Luciana Bessa Silva Flávia Hellen	
Maria Carolina de Jesus: o diário nosso de cada dia	84
Luciana Bessa Silva	
Era uma vez uma mulher e seu tempo: Cora Coralina - uma vida vivida com sabedoria.....	86
Shirley Pinheiro	
Desvaneios Literários	89
Luciana Bessa Silva	
Ferreira Gullar: um Poeta Fundamental.....	91
Shirley Pinheiro	
Um fabulista com nome de Rosa	94
Luciana Bessa Silva	
A essência de Henriqueta Lisboa.....	96
Luciana Bessa Silva	
Hilda Hilst: ousada em prosa e em verso	98
Luciana Bessa Silva	
Jorge, um escritor muito amado	100
Luciana Bessa Silva	
A trajetória inspiradora de Júlia Lopes de Almeida	102
Luciana Bessa Silva	
O bruxo Machado de Assis	104
Luciana Bessa Silva	
Manuel Bandeira: um lírico moderno	107
Luciana Bessa Silva	
A mulher-escritora Nélida Pinõn	109
Luciana Bessa Silva	
Nísia Floresta: uma mulher à frente de seu tempo	111
Shirley Pinheiro	
Olga Savary: o erotismo em questão	115
Luciana Bessa Silva	
Carta a Paulo.....	117
Luciana Bessa Silva	
Que sorte é nascer no Nordeste!.....	119
Shirley Pinheiro	



Uma professora chamada Literatura	121
Luciana Bessa Silva	
Vinícius de Moraes: infinito enquanto dure a humanidade	123
Shirley Pinheiro	
Pagu: uma vida engajada.....	129
Luciana Bessa Silva	
A realidade social na obra do escritor Graciliano Ramos	132
Luciana Bessa Silva	
Marina Colasanti: administração do tempo e a luta contra o machismo ...	135
Letícia Isabelle A. Filgueira	
Festejando o aniversário de Rachel de Queiroz	139
Emerson do Nascimento Cardoso	

Indicações de Livros 143

Inflama.....	144
Luciana Bessa Silva	
Lembranças de uma anarquista chamada Zélia Gattai	146
Luciana Bessa Silva	
Uma casa, três experiências	148
Luciana Bessa Silva	
No útero não existe gravidade	151
Shirley Pinheiro	
Redemoinho em Dia Quente.....	154
Shirley Pinheiro	
Quem é Úrsula?	157
Luciana Bessa Silva	
Um vasto mundo chamado Maria (Valéria Rezende)	159
Luciana Bessa Silva	
O Quinze.....	162
Luciana Bessa Silva	
Os venenos de Lucrecia.....	165
Luciana Bessa Silva	



Mulheres Pioneiras.....	169
Anilda Figueiredo: “se tem mulher no cordel, você tem que respeitar”	170
Shirley Pinheiro	
A Literatura de Dalinha Catunda: um Acordar de Conflitos	173
Letícia Isabelle A. Filgueira	
A excelência de Josenir Lacerda à poesia popular	175
Shirley Pinheiro	
Laura Russo	177
Mayara Lima	
Maria das Neves Batista Pimentel: a paraibana por trás do alagoano	179
Shirley Pinheiro	
Esperança Garcia, negra escravizada e primeira advogada do Piauí	181
Letícia Isabelle A. Filgueira	
Madalena Caramuru: a primeira mulher alfabetizada no Brasil	184
Letícia Isabelle A. Filgueira	



Prefácio



Luciana Bessa Silva

O Blog Literário: [Nordestinados a Ler](#) foi idealizado para dar visibilidade a produção literária de mulheres com foco na Região Nordeste, já que ao longo da história elas ocuparam um papel secundário. Sem acesso ao papel e a caneta, a atuação feminina esteve restrita ao ambiente doméstico. Esse silenciamento não permitiu que as mulheres fossem protagonistas de sua própria narrativa, logo, o Cânone Literário foi (continua sendo) protagonizado por homens – brancos e de famílias abastadas.

O [Nordestinados a Ler](#) é uma ferramenta que nasceu com o propósito de compartilhar informações sobre: agremiações literárias, indicação de livros, de pesquisas e de eventos, vida e obra de escritoras/es, pioneirismo feminino em diferentes áreas, entrevistas com autoras/es etc. Cadastrado na [Pró-Reitoria de Cultura \(PROCULT\)](#), da [Universidade Federal do Cariri \(UFCA\)](#) como um projeto interdisciplinar, dialógico e interativo, o [Nordestinados a Ler](#) busca evidenciar uma Literatura que foge do eixo Rio-São Paulo e escrita pelo sexo masculino.

Os manuais literários expõem autores cuja produção se concentra no Sul-Sudeste. Embora de grande importância para repensar nosso passado de colonos, existiu/existe uma vida literária e cultural no Nordeste brasileiro intensa, crítica e instigante esperando para ser conhecida, debatida e difundida.



Esse e-book é um compilado dos textos publicados no Blog Literário: [Nordestinados a Ler](#) no ano de 2021. Ao todo são 60 textos que permitirá a você leitor conhecer mais sobre a cultura literária produzida no Nordeste, uma região de grandes talentos, mas que, infelizmente, ainda carrega a pecha de uma localidade atrasada e subdesenvolvida, criada por uma elite que não aceita que os nordestinos rompam fronteiras em qualquer área, especialmente, na Política, na Economia e na Cultura.

Os textos desta obra estão organizados pelas seguintes seções: **Agremiações Literárias** (3 textos); **Entrevistas** (7 textos); **História das mulheres na literatura** (8 textos); **Homenageados** (26 textos); **Indicações de Livros** (9 textos); e **Mulheres Pioneiras** (7 textos).

Convidamos a todos e todas a conhecer, ler e compartilhar, por meio desta Coletânea, a literatura de autoria feminina produzida no Nordeste brasileiro, uma região construída com base em desigualdades sociais, geográficas e políticas, mas permeada por um povo inteligente e aguerrido, que transforma suas lutas e seus conflitos em narrativas que ora compartilhamos com vocês.

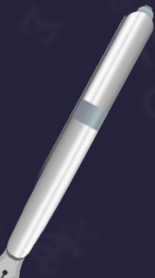
Boa leitura!!!

Luciana Bessa Silva

*Idealizadora do Blog Literário Nordestinados a Ler
Doutora em Letras pela Universidade Federal do Ceará (UFC)*



Agremiações Literárias



Academia dos Cordelistas do Crato: berço dos poetas e morada da poesia

Thirley Pinheiro

Surgida por volta do século XVI, a Literatura de Cordel foi trazida para o Brasil pelos portugueses colonizadores e rapidamente se disseminou pelos estados nordestinos. No entanto, na década de 80, a produção e leitura dessa literatura diminuíram pouco a pouco. Rumores diziam que até o ano de 2000, ninguém mais lia ou procuraria pelos cordéis e, ali mesmo, essa cultura acabaria.

Foi sob esse contexto que o cordelista, folclorista, radialista e jornalista cratense, Elói Teles de Moraes, popularmente conhecido como Seu Elói, fundou a Academia dos Cordelistas do Crato (ACC). Preocupado com o desaparecimento dos folhetos, Seu Elói reuniu um grupo de onze poetas (alguns já possuíam cordéis publicados, outros enviavam versos para seu programa **Coisas do Meu Sertão**, na rádio Educadora do Cariri e se encaixavam na estética da Literatura de Cordel), e juntos, em janeiro de 1991, criaram a ACC.



No folheto, *Falando de mim e da Academia* (2015), o poeta Luciano



Carneiro, que ocupava a cadeira nº 02 diz:

*Elói Teles de Moraes
Convidou a gente um dia
Andava preocupado
Com o que acontecia
E disse nós não podemos
Desprezar a poesia.
Criou-se a Academia
Dos Cordelistas do Crato
Mestre Elói, eu e mais outros
Fizemos ali um trato
De defender o cordel
E acabar com o boato
(CARNEIRO, 2015, p. 8)*

Carinhosamente conhecida como “a morada da poesia”, a ACC está localizada no Centro da cidade, na rua Rui Barbosa. Atualmente é composta por vinte poetas populares e é presidida pela cordelista Anilda Figueiredo, que ocupa a cadeira nº 07, que foi do Seu Elói.

A ACC possui em seu acervo mais de 1 milhão de folhetos, produzidos artesanalmente, colocando letra por letra, num processo longo e demorado. Para concorrer a uma vaga na ACC, o cordelista precisa submeter uma carta e um cordel que será criteriosamente analisada e avaliada por seus membros. Sobre isso, Luciano Carneiro também versou:

*Naquele órgão pacato
Só entra escolhido a dedo
Não tem privilegiado
Isso nunca foi segredo
Quem não honrar a cadeira
Desocupa o canto é cedo.*



[...]
Na Morada da Poesia
Temos a felicidade
De agruparmos poetas
De responsabilidade
Quantidade não importa
Primamos por qualidade
(CARNEIRO, 2015, p. 4-5)

A força e resiliência do povo nordestino se reflete na resistência e preservação da Literatura de Cordel, que já é nossa tradição. Os folhetos de cordéis trazem diversão e informação aos seus leitores. Carregam em seus versos nossa história, nossas lutas e nossa cultura. E como disse Luciano Carneiro, “viva a cultura cordelística brasileira!”.

Referência:

CARNEIRO, Luciano. **Falando de mim e da Academia**. Crato: Academia dos Cordelistas do Crato, 2015.



Ala feminina da casa de Juvenal Galeno dá voz a mulher na literatura cearense



Luciana Bessa Silva

A residência do poeta Juvenal Galeno, construída pelos idos de 1888, é hoje a Casa de Juvenal Galeno e localiza-se à Rua General Sampaio, nº 1128, bairro Centro, na Terra do Sol, Fortaleza – CE. Ela sempre foi frequentada pelos nomes mais importantes da cultura cearense, como Patativa do Assaré, Rachel de Queiroz, Demócrito Rocha etc.



Por isso, em 1919, a filha do poeta, Henriqueta Galeno (1887-1964), resolveu criar o Salão Juvenal Galeno e abriu suas portas para um público seletivo e numeroso das mais diferentes artes. No ano de 1936, sem a presença do pai, pois já havia falecido em 1931, Henriqueta inaugurou o salão nobre da casa, que passou a se chamar Casa de Juvenal Galeno. Atualmente é um equipamento social mantido pelo Governo do Estado e abriga mais de dez instituições literárias, dentre elas a Ala Feminina da

Coletânea de Textos: No redimidos a Lev



Casa de Juvenal Galeno.

Idealizada nos mesmos moldes de uma Academia de Letras, com quarenta patronas (hoje sessenta), cuja missão era acolher a intelectualidade feminina do Ceará, que até então frequentava as festas promovidas pelo Salão do Poeta na condição de acompanhantes de seus respectivos maridos.

Em 1949, Cândida Galeno (1918-1989), neta de Juvenal Galeno, cria a "Revista Jangada" com o propósito de levar para outros mares a Literatura Feminina cearense, que durante décadas foi construída somente por homens

Há 83 anos, a Ala Feminina recebe mulheres, sempre nos segundos domingos de cada mês, divulga seus trabalhos, as coloca em contato com outras entidades culturais, promove concursos literários e lançamentos de antologias poéticas.

Como linguagem é poder, a mulher lutou e conquistou o direito de narrar sua própria história. A Ala Feminina contribuiu para esse protagonismo.



Fundação Casa de Jorge Amado: da arte à cultura baiana

Naira Lette

A Fundação Casa de Jorge Amado é uma instituição cultural criada em 7 de março de 1987 e localizada no Largo do Pelourinho, 15, em Salvador. Foi fundada e idealizada como a finalidade de estudar os trabalhos do escritor Jorge Amado (1912-2001) e de sua esposa, Zélia Gattai (1916-2008), assim como a arte e a cultura da Bahia, em todas as suas manifestações.



Além disso, a Casa de Jorge Amado tem como outro objetivo a fundação de um fórum destinado a debates acerca da cultura da Bahia principalmente sobre a luta pela superação das discriminações raciais e econômicas. Aberta a visitas, a Casa apresenta uma exposição permanente com livros, imagens, objetos e prêmios do escritor, suficientes para preencher essa página, motivo pelo qual escolhemos alguns: Prêmio Internacional Stalin, em Moscou, (1951); Prêmio de Latinidade, em Paris, (1971); Prêmio Camões (1995). No Brasil, foi agraciado com dois Jabutis: em 1959 (com o romance **Gabriela Cravo e Canela**) e em 1995 com (**A Descoberta da América pelos Turcos**).



Através de seminários, oficinas, palestras, exposições, a fundação mantém viva a memória de um escritor que publicou quarenta livros, sendo vinte e um romances, dentre eles destacamos: **Jubiabá** (1935), **Mar Morto** (1936), **Capitães de Areia** (1937), **Gabriela, Cravo e Canela** (1958), **Dona Flor e seus dois Maridos** (1966), **Teresa Batista Cansada de Guerra** (1972), **Tieta do Agreste** (1977). Na verdade, Jorge Amado é o autor brasileiro mais adaptado para o cinema, teatro e televisão, como é o caso das três últimas obras citadas.

Um escritor que colocou em seus romances cantores, seresteiros e batuqueiros só poderia ter uma afinidade com a música. Em parceria com Dorival Caymmi (1914-2008) gravou um disco, **Festa** (1958), em que fazia leituras musicadas pelo companheiro de noitadas, como: **Canto de amor à Bahia** e **Quatro acalantos de Gabriela, Cravo e Canela**. Contudo, os versos-música mais difundidos de Jorge Amado chama-se: **É Doce Morrer no Mar**.

Temas como as injustiças sociais, o folclore, as crenças, a alegria, a força e a sensualidade do povo brasileiro são uma constante na obra amadiana, uma das mais lidas e significativas da Literatura Brasileira.

A **Fundação Casa de Jorge Amado** - “múltipla, inquieta, mutável e mutante, que a cada dia se renova, hospitaleira e receptiva” - para além de preservar e difundir a obra do escritor, contribui para fomentar a literatura, revelar novos escritores e publicá-los, por meio do Projeto Editorial Casa de Palavras, que já conta com mais de cento e quarenta publicações. Caso deseje conhecer mais perto Amado e sua Casa, acesse: [@casadejorgeamado](#).



Entrevistas



Entrevista com Cícera Mamede



Cícera Mamede

1 Quem é Cícera Mamede?

Cícera: Esta resposta é difícil (risos). Sou uma mulher cariense, em busca constante por autoconhecimento, vivências, encontros, reencontros e desencontros. Pedagoga, estudante, observadora de si, da vida e da trajetória até aqui percorrida.

2 Qual a sua relação com a leitura?

Cícera: Ler é se encantar com os prodígios da mente!

Recordo que tenho uma relação afetuosa com a leitura desde a adolescência. Quando busco nas memórias, o primeiro livro que recordo o nome, autor e trechos do enredo foi **Um Velho que Lia Romances de Amor** (Luís Sepúlveda). Ano passado adquiri um exemplar e gostei muito de ter retornado a leitura que fiz quando adolescente.

A leitura desperta a depender das histórias contadas, do enredo, de como faço a leitura e do período em que me encontro: sensações de alegria, tristeza, ansiedade, leveza, calma, etc. Já tive a oportunidade de ler um livro a noite inteira, até ao amanhecer. Foi fantástico. Uma



história fascinante e que eu não conseguia parar, com um desfecho muito inusitado, recomendo: **Budapeste** (Chico Buarque).

3 No Luar do Sertão é o seu primeiro livro. Conta pra gente a história dele (enredo, personagens, ilustração...)?

Cícera: Em conversa com os mais próximos eu brinco dizendo que tenho uma mente muito fértil (risos).

Este é o primeiro livro. Foi pensado para que estudantes do ensino fundamental I, pudessem realizar sua leitura, deixando sua imaginação fluir, criando imagens mentais, talvez de um mundo bem diferente, deste meio urbano em que estamos tão acostumados a viver.

Uma história que resgata as andanças pelos campos, sítios, fazendas e lugares em que o contato com a natureza, as brincadeiras infantis e o universo permeado com seus cheiros, cores e sabores estão presentes. Quem sabe ao ler estas histórias, nossas crianças sejam instigadas a conhecer espaços em que o brincar livre, correr por entre as árvores, degustar frutas tirando-as do pé, seja possível?! Quem sabe?!

Com este trabalho, também tive a intenção de colaborar com o Instituto de Apoio à Criança com Câncer (IACC - entidade filantrópica), instalada na cidade de Barbalha - CE. A maioria dos exemplares foram doados ao IACC, outra parte fiz doação a outras entidades filantrópicas aqui da região do Cariri.

A história perpassa nossa imaginação e nos conduz ao Luar do Sertão, lugar pitoresco, com rios, árvores, flores, frutos. O gosto por caminhar, por realizar a travessia até chegar à escola é realizado



pelos personagens principais: Maria Flor e Benjamin (Bem). Retrata o quanto a natureza precisa ser respeitada, cuidada, apreciada e compreendida enquanto parte de cada um de nós. Maria Flor e Bem são crianças que gostam de estudar, que têm suas vidas na vivência com a natureza, com os pais, com suas raízes.

A história também homenageia as cantadoras, os cantadores do sertão. Retrata a Festa de São João e nos convida a vivenciar a alegria de se buscar a vida em harmonia com a natureza e com o belo que existe em cada um de nós.

A ilustração foi realizada por Miguel Silva (Fortaleza).

Impressão: Expressão Gráfica e Editora (Fortaleza).

4 O que o leitor pode esperar de *No Luar do Sertão*?

Cícera: Uma homenagem aos pais, às suas trajetórias de vida! O respeito à natureza, aos que moram, labutam e lutam arduamente para se manterem no campo. É também um tributo às nossas tradições.

5 Você já tem ideia para seu segundo livro?

Cícera: Estou dialogando com uma amiga - Ana Moésia, da AMA Cariri, para lançarmos um livro com temática sobre o autismo.

6 Deixa uma mensagem para as leitoras/ os leitores do **Nordestinados a Ler**.

Cícera: Deixe a leitura fazer parte de sua vida! Entregue sua mente para as grandes possibilidades de vivenciar mundos, histórias, situações, pessoas, tempos passados e projeções...



O livro é uma companhia que expande nossa consciência, nos oportuniza vivências e nos conduz a reflexões profundas.



Entrevista a Sérgio Murilo Fontes



Sérgio Murilo Fontes

1 Para além de ser Mestre em Estudos Literários e escritor, quem é Sérgio Murilo Fontes?

Sérgio: Não sei bem. A publicação do **Cor de Risco** me abriu uma nova identidade, ou uma nova faceta, a de escritor. Antes disso, eu era um professor aracajuano de língua portuguesa e inglesa (e suas literaturas, claro) que havia largado quatro anos de engenharia por ter se apaixonado pela leitura – o que nos leva a outra faceta: a de leitor ávido, fascinado por aprender. Sou também um acadêmico, gosto de pesquisar a literatura e pretendo fazer meu doutorado em breve.

2 Nós sabemos que antes de qualquer coisa, todo escritor é um leitor. Quais foram as leituras que influenciaram na sua escrita, os autores e autoras que permeiam seu arcabouço literário?

Sérgio: Como fiz questão de apontar na orelha do **Cor de Risco**, se eu escrevo hoje, é por ter conhecido a obra dos sergipanos Antônio Carlos Viana e Francisco J.C. Dantas. Dantas foi meu objeto de estudo no mestrado, e com Viana aprendi as possibilidades do gênero conto.



Eu poderia elencar mais dez ou vinte livros que literalmente aparecem no **Cor de Risco**, mas prefiro ficar apenas nos nomes desses dois autores dos quais sou e sempre serei fã.

3 *Cor de Risco* é sua primeira obra a ser publicada e é um livro que não tem definição certa de gênero, pode ser lido tanto como romance, quanto como contos conectados, pois no próprio título tem a interrogativa: contos? Conte-nos a história dessa obra.

Sérgio: **Cor de Risco** é um projeto antigo, que eu vinha ensaiando há anos. A ideia era, por meio de uma pouca de metaliteratura, ressaltar a importância do papel do leitor e as dificuldades do fazer literário. O edital da lei Aldir Blanc e o apoio das edições blague me possibilitou concretizar e publicar este trabalho. O livro tem contos com diferentes temas, gêneros e tamanhos, e algumas discussões de um autor com uma editora, que mais levantam perguntas do que apresentam respostas. A interrogação do contos? resume bem isso. No fim, cabe ao leitor decidir se quer responder ou decidir qualquer coisa.

4 *Cor de Risco* combina os artifícios da autoficção e metaliteratura. Como foi o seu processo de escrita? Como tem sido a recepção por parte dos leitores?

Sérgio: Até aqui, a recepção do livro tem sido muito boa. Diferentes leitores entenderam e vieram discutir comigo vários dos recursos e referências que eu utilizei, e uns até viram coisas que eu nem via no **Cor de Risco**: bom sinal, sinal de que o livro já não é meu (se é que já foi), e sim dos leitores. Quanto ao processo, admito que foi doloroso.



Escrever é uma coisa, finalizar um livro, com todo o processo de releitura, revisão e reescrita é outra completamente diferente. Mas aqui, novamente, o apoio da editora blague foi essencial.

5 Como e onde os nossos leitores podem encontrar e encomendar *Cor de Risco*? Depois dessa obra, já está pensando em uma segunda publicação?

Sérgio: Por ser uma editora pequena e independente, a aposta nas redes sociais é fundamental para a blague. Por isso, a página da blague no Facebook ([Edições Blague](#)) e no Instagram ([@edicoesblague](#)) são seus principais meios de comunicação com os leitores, bem como seus principais canais de venda. Basta entrar em contato por mensagem, direct ou e-mail (edicoesblague@gmail.com) para comprar o **Cor de Risco** e as outras obras da editora.

Quanto a uma segunda publicação, admito que escrevi muito pouco desde o lançamento de **Cor de Risco**. Talvez eu não tenha me curado totalmente do processo de finalizar um livro ainda. De qualquer forma, pretendo continuar escrevendo, tanto contos quanto, em um futuro não tão distante, um romance, quem sabe.

6 O **Nordestinados a Ler** prioriza a produção de autoria feminina. Como você vê isso? Em Sergipe, as mulheres têm alcançado destaque no cenário literário?

Sérgio: Primeiro, eu gostaria de parabenizar este projeto. Conheci o **Nordestinados a Ler** em um evento acadêmico, e já de cara o nome me atraiu. Gosto de bons títulos. Quando acessei o site, me apaixonei. É uma belíssima iniciativa. Nós, do Nordeste, precisamos de mais espaços de divulgação e discussão da literatura que produzimos.



Em Sergipe, a autoria feminina vem brilhando já há algum tempo, com nomes como Maria Lúcia Dal Farra, Taylane Cruz, Renata de Castro e Débora Arruda (algumas dessas autoras não nasceram aqui, em Sergipe, mas as cito mesmo assim pois não deixam de ser literatura sergipana, claro). Mais recentemente, conheci e fiquei encantando pela literatura de Stella.



Entrevista com Dia Nobre



Dia Nobre

1 Mulher lésbica, cariense, leitora, escritora, doutora em História, professora universitária. Dia Nobre “carrega o conhecimento de quem sabe sentir dor”?

Dia Nobre: não sei se “sei sentir dor”. acho que é mais uma questão de continuar apesar de conservar em mim tantas identidades é algo esplêndido poder aprender de tantas formas, a partir de tantos lugares, a todo o momento.

2 Seu primeiro livro de poemas Todos os meus humores (2020) e, mais recentemente, No útero não existe gravidade (2021) são de uma força e de uma sensibilidade que transpassam o leitor. Quais as aproximações/distanciamentos entre eles? Como foi se reconhecer na condição de escritora e que desafios enfrentou/enfrenta?

Dia Nobre: os dois livros foram escritos em momentos diferentes todos os meus humores é um quebra-cabeças montado a partir



dos meus diários. uma experiência de bricolagem em que recortei e coleí coisas que escrevi ao longo de quinze anos, em várias fases da vida por isso, ele é mais fragmentado, traz várias estações que se interseccionam entre si. no útero não existe gravidade foi uma espécie de catarse terapêutica. escrito ao longo do primeiro ano de pandemia, ele marca o retorno à uma questão que me inquietava há bastante tempo, mas que demorou a ser elaborada: a partida e, consequente, morte simbólica da minha mãe vejo os livros muito diferentes entre si, embora algumas obsessões minhas estejam presentes em ambos imagine uma mulher diante do mar. o primeiro livro foi como deixar que a onda molhasse apenas aos pés. no segundo, ela foi engolida pelo mar tem sido uma aventura me entender como escritora. publicar meus livros, ser lida o maior desafio foi me aceitar enquanto tal.

3 Você sempre diz que sua poesia é pessoal, mas não é confessional e No útero não existe gravidade, seu livro mais recente, é uma obra de autoficção. Como foi para você o processo de escrita desse livro? Os leitores a confundem com sua protagonista?

Dia Nobre: os leitores sempre pensam que se um livro é autoficção, ele necessariamente, fala a verdade sobre o que aconteceu. Como escritora e historiadora, devo dizer que nem a literatura, nem a história, são espelhos da realidade a narrativa é uma invenção. Eu não estou confessando nada o que eu faço é esgarçar a memória. Eu elaboro as lembranças e os esquecimentos, meus e de outras pessoas. Eu invento histórias para mim mesma. Eu não sou a personagem do meu livro, mas ela é parte de mim porque enquanto narradora eu a construo no texto no processo de escrita eu lidei com duas facetas de uma mesma moeda: é doído e recompensador ao mesmo tempo, feito um bordado que mostra um desenho bonito, mas é cheio de nós



de remendos na parte interna do bastidor.

4 Sua obra é repleta de frases marcantes. Seja para escrever na alma, seja para deixar o leitor chocado, elas são sempre memoráveis e muitas vezes provocativas, como por exemplo: “O senhor é meu pastor e ele sabe que sou gay”, de seu conto *A Revelação*, em que você faz essa brincadeira com a referência cristã. Como tem sido o *feedback* dos leitores diante de temáticas consideradas tabus? Sua escrita tem essa função de provocar e questionar o que está posto?

Dia Nobre: eu cresci em uma cidade religiosa, em uma casa religiosa, criada por uma avó religiosa, depois me tornei historiadora e fui estudar a religião (risos). É uma linguagem que me dá espaço para a subversão. Penso que uma escrita que não provoca não vale a pena ser lida. Eu escrevo para desafiar os padrões. É um eterno sou-existo-resisto. Acredito que por isso, meus livros encontram as leitoras certas que se inquietam e desafiam o mundo junto comigo.



5 Acompanhar você nas redes sociais é como encontrar um mar de referências a mulheres que usam a escrita como forma de expressão e de resistência. Que escritoras a influenciaram e que você poderia indicar para nossos leitores?

Dia Nobre: muitas mulheres fecundaram o meu espaço de experiência: Ana Cristina César, Clarice Lispector, Virginia Woolf, Sylvia Plath, Conceição Evaristo, Toni Morrison, Isabel Allende, Carson McCullers, Elena Ferrante, Jarid Arraes, para citar algumas. Elas me apontam para um horizonte repleto de expectativas.

6 Que mensagem você poderia deixar para os leitores e leitoras do **Nordestinados a Ler**, como também para aqueles que ainda não descobriram a importância de falar e debater sobre a literatura produzida por mulheres?

Dia Nobre: vou responder com um clichê que amo: saia do lugar de conforto e busque o que te incomoda. a escrita de mulheres é como um grito no escuro, te arrepia, abre um mundo cheio de identificações, referências e experiências únicas que reverberam no corpo.

7 Que mensagem você deixa para os leitores/leitoras e também para aqueles que ainda não descobriram a Poesia?

Dia Nobre: Desde o início da pandemia todo mundo anda falando muito sobre cuidar da saúde mental com psicólogos, terapeutas e afins, mas poucos de nós que vivemos na favela tem acesso a esses



dispositivos, então minha recomendação é que agora mais do que nunca nós possamos nos sustentar no afeto dos nossos e também na arte, porque além de libertar, ela salva das velas perigosas que foram postas no nosso caminho há pouco tempo.

Quem desejar entrar em contato comigo

Instagram: [**@dianobre**](#)



Entrevista com Natália Pinheiro



Natália Pinheiro

1 Você declarou em um livreto de poemas que Natália Pinheiro é “um ser imensidão”. Explica melhor isso.

Natália: Então, isso é muito no sentido de que eu sou mais do que consigo dizer sobre mim e também de como eu me sinto. (Não em tamanho). É também sobre as partes de nós que trazemos ao se enunciar no mundo e a dificuldade de se definir. Eu sou tudo o que me marca nesse mundo, sou também tudo o que me perpassa, mas sou mais que isso, e é essa imensidão de eus que me forma da maneira mais inteira.

2 Como é ser “imensa” em uma sociedade quer nos quer cada vez mais “minúscula”?

Natália: Desafiador e difícil. Porque a sociedade tenta a todo momento diminuir, podar, reduzir essa imensidão.



3 Você além de militante do movimento negro, de integrante do Coletivo Camaradas, integra o Slam das Minas. Como aconteceu esse encontro da Natália e o Slam?

Natália: Então, conheci esse movimento de Poesia Slam através do Youtube. Sempre gostei de procurar vídeos de poesia e escutar. Nessas pesquisas por vídeos acabei encontrando e mergulhando numa série de materiais com esse tipo de poesia e só depois conheci todo o movimento que era o Slam. A maioria desses vídeos trazia poetas e produções da Região Sudeste. Nesse período ainda não havia nenhum grupo de Slam aqui no Cariri. A nível de Ceará, o mais próximo ainda era longe, ali pela região Norte e capital, o que tornava inviável que pudesse participar. Mas, eu já começava a me encantar com essa poesia falada que me tocava e se mostrava cada vez mais próxima e só me encantei cada vez mais. Foi como se enxergar na poesia, nas poetas, na vida pulsante que envolvia todas essas poesias. No fim de 2018, um grupo de mulheres da região que já escreviam, começaram a se juntar para formar o Slam das Minas Kariri ([@slamdasminaskariri](#)) e sabendo que eu também escrevia e vez ou outra participava das rodas de poesia no Coletivo Camaradas, me chamaram para formar e participar desse grupo com outras mulheres, foi quando pude experimentar essa poesia autoral e falada, me encorajar a partir de outras mulheres as quais nutro grande admiração. E esse momento foi um outro encontro. Que me possibilitou também encontrar e escutar uma parte de mim.



4 Qual a sua relação com a leitura e, em especial, a poesia? Quais suas referências leitoras?

Natália: Minha relação com a leitura começa na infância e através da minha mãe que sempre lia pra mim e minha irmã. Ela lia histórias e textos que encontrava pelos livros. Além disso, tenho lembrança dela falar de versos e poesia no cotidiano. Poesias que ela lembrava e que gostava. Me falava com empolgação de Patativa e sempre mencionava as pedras de Drummond.

Outra face da poesia, com o caráter mais da oralidade me foi chegando através do meu pai e avô, que gostavam de escutar repentistas. E eu me encantava por aquela poesia cantada.

Então diria que minha relação é sobretudo de afeto. E com o passar do tempo fui construindo mais relações. De luta, de estratégia de fala, de tentativa de continuar criando vida em meio ao caos.

5 Você tem dois livretos de poemas publicados. Fala dos seus livretos, onde podemos encontrá-lo?

Natália: Sim, são dois livretos lançados pelo [Coletivo Camaradas](#). Misturando poemas mais curtos com poemas mais longos e com um pouquinho das imensidões que me formam. As poemas dos livretos estão espalhadas pelo mundo, algumas coisas se encontram também no instagram.



6 Deixa uma mensagem para as leitoras/ os leitores do **Nordestinados a Ler**.

Natália: Não se podem, diminuam ou reduzam por medo de no mundo não caber suas imensidões. Leiam e escrevam o que gostam e deixem o sentimento que tem dentro de vocês pulsarem e transbordarem. Talvez o medo surja, mas somos maior que ele. E às vezes é preciso lembrar.

Abraços poéticos a todes.



Entrevista Maria Kilô Ferrera



Maria Kilô Ferrera

1 Quem é Maria Kilô Ferrera?

Maria Kilô: Esta nascida na cidade de Caruaru, interior de Pernambuco, mulher negra, de 27 anos, produtora cultural organizadora do Festival Balaiô Caruaru. Slam Caruaru, Sarau Caruaru e Slam das Minas Caruaru, poeta e membro dos coletivos Malin e Vai no teu tempo.

2 Conte-nos como aconteceu esse encontro entre a Maria Kilô e a poesia.

Maria Kilô: Desde criança sempre gostei muito de escrever poemas e textos aleatórios em diários, mas só depois dos 16 anos conheci mais a fundo os sarais que aconteciam na Estação Ferroviária desativada no centro do município e vídeos soltos de Slams ao redor do Brasil, depois de quase 7 anos me atinei pra o Slam que acontecia aqui e tive a feliz experiência de competir e desde então não parei mais de escrever.



3 Em uma sociedade de homens práticos que procuram soluções, respostas e expedientes úteis, por que escrever Poesia?

Maria Kilô: Pra não deixar a normalidade nos engolir, pra compartilhar e reconhecer em si a humanidade que o capitalismo tanto tenta apagar do dia a dia, dos pensamentos e vontades manipuladas das pessoas no século XXI. Essa praticidade e facilidade de encontrar soluções robotiza as pessoas, e a poesia vem pra que cada um ouça as batidas do próprio coração e lembre que sentir/escrever não é perda de tempo, pelo contrário, é uma das poucas maneiras de prolongar boas memórias.

4 Na escola, na família, você foi incentivada a ler, a escrever, a publicar seu livro?

Maria Kilô: Lembro de minha mãe sempre citar que aprendi a ler e escrever aos 3 anos de idade, e ela falava também que depois que iniciei as primeiras lidas (de placas na rua, cartazes e etc), sempre consumi muitos livros infantis, por incentivo dos meus pais, principalmente minha mãe não chegou a finalizar o ensino fundamental e tinha.

5 *Inflama*, seu primeiro livro de Poesia, “é uma caixinha de segredos”. Pode compartilhar conosco alguns desses segredos?

Maria Kilô: Sim! Na verdade acho que **Inflama** é uma caixa de segredos pra quem conhece o meu trabalho e principalmente me conhece, porque enquanto ser sociável me considero uma pessoa um tanto quanto retraída por diversos motivos, e certas formas de escritas relacionadas a mim são desconhecidas para a maioria das pessoas,



até as que estão mais próximas, na verdade algumas poesias que selecionei pra incluir no livro me levam até certos lugares que me causam estranheza, e acredito que é isso, escrever nos momentos em que sentimos vontade pode nos dar esse presente de lembrar sentimentos antigos ou pouco visitados antes. Tenho que confessar que relutei bastante antes de publicar o livro, pois os textos são bem simples, mas coletei cada um de um lugar muito particular pra mim, e agradeço por que até agora recebi ótimas visitantes.

6 *Inflama* traz suas “influências eróticas, existências e de crítica social”. Quem são essas influências?

Maria Kilô: Com certeza a maior delas é a Mayara Isis, organizadora do Sarau das Pretas no Rio de Janeiro, ela não foi minha primeira influência, mas por ser negra e gorda, assim como eu, acabei fazendo dela meu espelho, é libertador ver mulheres pretas falando sobre sua sexualidade abertamente, inclusive as LGBTQI+, então mesmo consumindo alguns textos eróticos, depois de conhecê-la resolvi me jogar; e a pitada de existencialismo e a crítica social vem Clarice, Nietzsche e os poetas dos Slams.

7 Que mensagem você deixa para os leitores/leitoras e também para aqueles que ainda não descobriram a Poesia?

Maria Kilô: Desde o início da pandemia todo mundo anda falando muito sobre cuidar da saúde mental com psicólogos, terapeutas e afins, mas poucos de nós que vivemos na favela tem acesso a esses dispositivos, então minha recomendação é que agora mais do que nunca nós possamos nos sustentar no afeto dos nossos e também



na arte, porque além de libertar, ela salva das velas perigosas que foram postas no nosso caminho há pouco tempo.

Quem desejar entrar em contato comigo

Instagram: [**@mariaferrerakilo**](https://www.instagram.com/mariaferrerakilo)



Entrevista Carla Castro



Carla Castro

1 Para além de professora, pesquisadora e escritora, quem é Carla Castro?

Carla Castro: Sou uma mulher que escolheu como expressão do pensamento a palavra escrita. Que ainda na infância começou a se dedicar a produção textual, escrevia desde bilhetes a cartas para os amigos, mantinha diários com pensamentos, letras de músicas e poesias.

Que se preocupa com as questões feministas, com a luta pela igualdade de gêneros, que se entristece toda vez que ouve um relato de misoginia e de feminicídio.

Para além do cultivo das palavras também cultiva plantas, dentre elas cactos e suculentas e faz dessa dedicação não só uma arte, mas também um trabalho.



2 Sua dissertação de mestrado intitula-se "A escrita feminina cearense do século XIX: uma perspectiva de análise da poesia de Ana Nogueira e Francisca Clotilde". Fale-nos sobre essa experiência.

Carla Castro: Eu procurei algumas palavras que pudessem descrever a minha experiência do mestrado, mas não encontrei. As pessoas me diziam que fazer um mestrado era muito difícil, porque eu precisaria ler muito. Entretanto essa não foi a maior dificuldade. O que eu vivenciei não estava em nenhum manual para alunos ingressantes em uma pós-graduação.

Foram três tentativas, em 2015, 2016 e 2017. Na primeira e na segunda não obtive a aprovação, na terceira a linha de pesquisa do meu interesse "Literatura de autoria feminina" não havia sido ofertada. Então elaborei um projeto que tinha como objeto de estudo a literatura não-ficcional de José de Alencar. Passados alguns dias, um aditivo ao edital de inscrição foi divulgado e dessa vez a linha de pesquisa "Literatura de autoria feminina" voltava a ser apresentada. O aditivo apresentava uma vaga para o mestrado e uma vaga para doutorado e foi assim que abandonei José de Alencar e voltei para as minhas pesquisas sobre literatura de autoria feminina. E consegui a aprovação. Em 2018 eu iniciava os estudos de mestrado onde eu desenvolveria o estudo do dicionário de escritoras cearenses, começado ainda em 2006.

Em menos de três meses a minha orientadora Edilene Ribeiro Batista faleceu vítima de H1N1 e mesmo antes de sua partida o meu objeto de pesquisa já era questionado, pois a linha de pesquisa a ser desenvolvida deveria ser em literatura comparada. O que não poderia ser realizado através do dicionário de escritoras cearenses. Ao iniciar uma nova orientação novamente foi sugerido para que eu escolhesse



duas escritoras, dentre aquelas que já eram minhas conhecidas (nascidas no século XIX), para que assim eu pudesse analisar os seus escritos identificando as semelhanças e as diferenças entre suas obras. E assim eu escolhi as escritoras Anna Nogueira Baptista e Francisca Clotilde Barbosa Lima. A Anna Nogueira eu já admirava por sua participação no jornal O Pão, enquanto a Francisca Clotilde eu relutei no início, pois eu gostaria de estudar escritoras que eram invisibilizadas da história e já existiam vários estudos sobre a obra [A Divorciada](#) e sobre o seu trabalho na educação, mas como os seus poemas ainda não foram todos catalogados e não existia nenhum estudo sobre a sua poesia eu acabei aceitando o desafio.

E muito gratificante quando você começa a estudar duas escritoras cearenses nascidas no século XIX e descobre que elas publicaram poesias em jornais do Brasil inteiro, do Nordeste ao Sul, os seus nomes e os seus escritos foram conhecidos. Aqui no Ceará foram as primeiras mulheres a participarem de agremiações literárias onde somente os homens tinham acesso, no caso o Club Literário Cearense e publicaram seus poemas na revista [A Quinzena](#), no período entre 1887 e 1888. Hoje eu reverbero a participação de Anna Nogueira também na [Padaria Espiritual](#), não apenas pela publicação de seus poemas no periódico [O Pão](#), mas também por suas participações nas fornadas que podem ser conferidas no livro de atas e nos jornais da época, bem como um registro feito em seu diário e publicado por sua neta no livro Cadeiras na Calçada. Entretanto reescrever a historiografia é um desafio, mas que precisa ser enfrentado. Não podemos mais silenciar essas vozes que tiveram uma participação significativa na sociedade no final do século XIX e início do século XX, mas por não serem citadas pelos historiadores permanecem mudas e apagadas.



3 Por que você escolheu a Literatura produzida por mulheres? Ou você foi escolhida?

Carla Castro: Ingressar no curso de Letras em 2003 foi uma alegria, primeiro veio o entusiasmo, depois a consciência do desafio e no final a angústia de um caminho árduo a ser percorrido.

Logo me interessei pela Literatura Cearense e enveredei pelas pesquisas e não demorou muito para perceber que existia uma lacuna em nossa historiografia. Os nomes das nossas escritoras não estavam nos livros de Literatura. Após aquela constatação fui tomada por vários sentimentos, indignação, revolta, tristeza, e perante essa ausência de informações me comprometi ainda no ano de 2006 a realizar um estudo com o objetivo de revelar esses nomes, embora eu não houvesse localizado os nomes das escritoras nos livros eu tinha uma convicção de que elas haviam existido. E decidi publicar um dicionário que contivesse o maior número de escritoras cearenses. Respondendo a sua indagação eu acredito que fui escolhida. Eu não sabia ao certo a quantidade de escritoras que eu encontraria, mas com o passar dos tempos elas iam se revelando para mim.

4 Você é autora de *Resquícios de Memórias: Dicionário Bibliográfico de Escritoras e Ilustres Cearenses do Século XIX*, publicado pela editora Expressão Gráfica. Conte-nos a história dessa obra.

Carla Castro: Eu costumo dizer que ao ingressar no curso de letras em 2003 logo no primeiro dia de aula após ouvir o professor Eduardo Luz falar sobre a importância de se estudar os autores cearenses no mestrado, eu sofri um encantamento. E desde esse dia essa expressão Literatura Cearense não saiu mais dos meus pensamentos. Em 2006



eu identifiquei a lei que institui o dia primeiro de novembro como o dia da Literatura Cearense e organizei um projeto em comemoração a essa data. Apresentei a professora Elisabeth Dias Martins que na ocasião me propôs que eu elaborasse uma exposição de fotos para que os participantes desse evento pudessem conhecer quem eram os escritores cearenses, foi quando eu percebi que nos livros de literatura cearense não haviam os nomes de mulheres, e naquele mesmo momento decidi que faria um dicionário com o maior número de escritoras cearenses para que elas tivessem um reconhecimento e para que as pessoas que desejassem conhecer as nossas literatas que foram apagadas pelos nossos historiadores tivessem enfim uma fonte de consulta. A pesquisa foi hercúlea e levou mais de uma década. Fiz várias viagens, desde a Biblioteca Nacional a bibliotecas pelo interior do Ceará, adquiri mais de duzentos livros, livros raros pois aqui no Ceará temos pouquíssimo acervo sobre a temática e li vários jornais da época através dos microfimes quando ainda eram possíveis de serem consultados na biblioteca governador Menezes Pimentel. Hoje temos acesso através da internet de hemerotecas onde podemos consultar vários jornais, mas ainda hoje não temos todos os jornais digitalizados, e mesmo os que estão digitalizados se você fizer uma pesquisa utilizando o buscador não irá encontrar 100% e para realizar uma pesquisa aprofundada você precisa realmente ler todos os periódicos.

No ano de 2017 participei do edital das artes da Secultfor na categoria pesquisa literária e consegui a terceira colocação. E foi através desse edital que eu pude publicar o livro. Essa publicação ocorreu em 2019 durante a XIII Bienal Internacional do Livro do Ceará.

De lá pra cá tenho enviado exemplares para diversas bibliotecas públicas e bibliotecas de universidades do Brasil e do exterior com o objetivo de dar voz a essas escritoras.



5 Eu assisti a duas excelentes palestras suas e você mencionou essa frase: "Sim, cada morto deixa um pequeno bem, sua memória, e pede que cuidemos dele" (Jules Michelet), que inclusive é a epígrafe de sua dissertação. Como nós leitores podemos cuidar dessa memória?

Carla Castro: Nós leitores, pesquisadores, estudiosos, podemos cuidar da memória de diversas formas. Preservando para que outras pessoas tenham acesso, publicando artigos e livros, fazendo palestras, rodas e clubes de leituras. Fazendo pesquisas, visitando bibliotecas, resgatando obras de acervos raros e reeditando, participando de editais e socializando descobertas.

Não deixar a memória se esvaír e perecer, dando voz para que ela saia da obscuridade. Certa vez a esposa do neto de Anna Nogueira disse que haverá um dia em que ninguém se lembrará mais dela, e eu retruquei dizendo que enquanto eu viver ela sempre será lembrada.

6 Que mensagem você poderia deixar para os leitores/leitoras e também para aqueles que ainda não descobriam a importância de falar e debater sobre literatura produzida por mulheres?

Carla Castro: Estudar, escrever e falar sobre a literatura de autoria feminina é ecoar pensamentos e histórias que foram invisibilizadas somente pelo fato de serem mulheres.

A reescrita da historiografia literária é um dever que deve ser exercitado de forma urgente, porque não podemos perpetuar um cânone que dá voz somente a elite, aos brancos e aos homens que



estão eternizados porque foram eles que estavam no poder. Que tinham o poder e o direito de ler, estudar, escrever, publicar. Agora vamos dá voz aos silenciados que foram apagados da história por serem considerados minorias e que por isso não tinham voz e nem vez. As mulheres sempre participaram da história, dos movimentos sociais, intelectuais e culturais, mas que ao invés de serem participes foram apresentadas somente como coadjuvantes isso quando eram conhecidas.

Vamos agora fazer com que essas mulheres que nos antecederam sejam reconhecidas e valorizadas por suas ideias e por suas obras que merecem ser eternizadas.



Entrevista com Emerson Cardoso



Emerson Cardoso

1 Antes de pesquisador, professor, escritor, Emerson Cardoso é um leitor arguto de escritores/escritoras. Compartilhe conosco como aconteceu sua relação com a leitura, a literatura e a poesia, já que é autor de Romanceiro do Norte Juazeiro (2014).

Emerson Cardoso: Em pouco tempo de escola aprendi a ler. Sempre gostei de aulas que consistiam em leituras e interpretações textuais. Lembro que eu lia e relia os poemas ou letras de canções presentes nos livros didáticos e os decorava. Na segunda série, por exemplo, decorei o poema A porta, de Vinícius de Moraes, e nunca o esqueci. A literatura me veio, mais ou menos como a concebo hoje, quando eu comprei, na sétima série, o livro Literatura Brasileira: das origens aos nossos dias, de José de Nicola. Eu vivia com esse pequeno manual de literatura nas mãos. Decorei vários poemas presentes nele e o guardo até hoje. Poesia, para mim, é algo indispensável para nossa existência. Não consigo imaginar a vida sem leitura, sem literatura, sem poesia. Dentre as autoras e os autores que amo, a maior parte produz principalmente poesia: Cecília Meireles, Augusto dos Anjos,



Vinícius de Moraes, Manuel Bandeira, Adélia Prado, Hilda Hilst, Ana Cristina Cesar, são os primeiros nomes que me vêm à mente, quando o assunto é poesia brasileira. No exterior, Florbela Espanca, Federico García Lorca, Noémia de Sousa, Sophia de Mello Breyner, Agostinho Neto, Sylvia Plath, Arthur Rimbaud, dentre outros.

2 Você mantém dois blogs: 1) Das insustentáveis levezas: leitura, interpretação e arte (<http://emersoncardosoemerson.blogspot.com>); 2) Dimanche de Camomille (<http://dimanchedecamomille.blogspot.com>). O que os leitores podem encontrar em suas páginas on-line?

Émerson Cardoso: O blog [Das insustentáveis levezas: leitura, interpretação e arte](#) começou como uma estratégia para minhas aulas. Eu postava conteúdos de literatura e gramática direcionados para o contexto de sala de aula. Depois, comecei a apresentar resenhas críticas, textos de autoras e autores em gêneros diversos, explanações sobre artes etc. Passei a divulgar, também, textos de minha autoria. O blog [Dimanche de Camomille](#) era para ser uma forma de divulgar somente poesia, mas eu o utilizo pouco. Preciso reanimá-lo.

3 Você é autor de dois cordéis: [A Beata Luzia vai à guerra](#) (2011) e [A artesã do chapéu ou pequena biografia de Dona Maria Raquel](#) (2012). Conte-nos sua relação com esse gênero literário e, claro, a história de ambos os textos.

Émerson Cardoso: O Cariri tem o privilégio de ser um grande produtor e propagador desse gênero poemático que amo tanto. Antes da graduação (sou da área de Letras) eu já gostava de ler cordéis, mas



foi na graduação que tive contato mais profundo com o gênero. Tive oportunidade de cursar uma disciplina com uma professora maravilhosa. Ela fez um excelente trabalho no sentido de divulgar estudos teórico-críticos sobre o cordel e também no sentido de nos apresentar obras de algumas cordelistas do Cariri. Fiquei encantado para sempre e comecei a colecionar cordéis (até hoje mantenho essa coleção). Como sou obcecado pela História de Juazeiro do Norte, decidi, certa vez, discorrer sobre a Sedição de Juazeiro em forma de cordel. Foi assim que surgiu *A Beata Luzia vai à Guerra*. Tempos depois, contei a história de minha bisavó materna no cordel: *A artesã do chapéu ou pequena biografia de Dona Maria Raquel*. Ela foi uma artesã que trabalhou por mais de setenta anos com palha de carnaúba, de modo que senti a necessidade de homenageá-la. Publiquei os dois textos em Fortaleza e inicialmente não os divulguei no Cariri (por certa timidez minha). O meu terceiro cordel sairá em breve. O título dele é **A punição do Padre Belo**. O cordel, para mim, é de uma riqueza incomensurável e deve ser sempre valorizado.

4 Em 2018, você lançou seu primeiro romance O casarão sem janelas. Nele há um escritor inseguro de seu ofício que dá voz a quatro mulheres: Augusta, Maria dos Anjos, Angelita e Lina. Qual a simbologia desse casarão sem janelas? O que aproxima / afasta o “escritor inseguro” e o “escritor Émerson”?

Émerson Cardoso: Eu comecei a escrever *O casarão sem janelas* em 2001. Entre escritas e reescritas, o publiquei em 2018, para meu mais absoluto arrependimento. Ele foi todo reescrito para ser publicado novamente, em 2022, em uma obra que pretende homenagear o Cariri cearense nos gêneros lírico (**Romanceiro do Norte Juazeiro**),



dramático (**A Revolta de Antonina**) e narrativo (**O casarão sem janelas**). Esse romance traz essas personagens femininas citadas, e outras tantas que povoam o casarão, com o objetivo de refletir sobre a condição da mulher em suas perspectivas mais amplas. A ausência de janelas figura como uma metáfora para o cerceamento que pairou, por séculos, em torno da existência das mulheres. O romance traz figuras femininas complexas (eu não sei criar personagens masculinas) e também é um romance histórico. O Padre Cícero, por exemplo, aparece como personagem em um dos capítulos. Agora, sobre minha insegurança, por muito tempo me coloquei na condição de escritor amador, porque tinha medo de não ser capaz de dar conta da responsabilidade que essa palavra concentra. Sempre escrevi compulsivamente. Por exemplo, enquanto escrevo um livro de poesia, para publicar próximo ano, estou escrevendo um romance, uma peça teatral, um livro de contos, um livro de memórias, um livro sobre a obra de Rachel de Queiroz, mas sempre me coloquei na posição tímida de não expor muito o que faço. Também não expus meus textos porque publicar é difícil. As publicações que fiz, sinceramente, foram medíocres demais. Talvez um perfeccionismo exagerado tenha me deixado prudente e autocrítico em excesso. Hoje, após a publicação de meu último livro de contos, resolvi não me amedrontar e divulgar meus textos. Simplórios ou complexos, terei que divulgá-los, porque nasceu em mim uma urgência incontida. Não posso escrever e guardar na gaveta. O tempo é de compartilhar.



5 O mundo no ano de 2021 foi marcado por grandes perdas humanas e materiais. No entanto, você lança o livro *O baile das assimetrias*. Conte-nos a história dessa obra e não se esqueça de dizer qual a influência que a Astrologia tem sobre você.

Émerson Cardoso: A pandemia foi (e tem sido) avassaladora para todos nós. Eu vivenciei perdas de pessoas próximas e não sei ainda como lidar com isso. De repente, me apareceu um sentimento trágico da vida que me atormentou. Se eu não publicasse o livro de contos **O baile das assimetrias**, que eu escrevia e reescrevia há anos, poderia morrer e deixá-lo esquecido para sempre. Esse livro trata de astrologia, mas esse é um ponto de partida para a explanação de outras questões um tanto complexas que emergem das narrativas. Alguns contos são profundos pelas reflexões que instigam, outros são mais cômicos e prosaicos. Tudo é uma estratégia para tratar de temas como: minorias sociais, discriminação, racismo, homofobia, bolsonarismo, incomunicabilidade, solidão, maternidade, velhice, amor, vida, morte etc. A astrologia me chama atenção desde sempre, porque parece algo lírico, divertido, envolvente. Não acredito em astrologia, mas a considero poesia cotidiana no seu sentido mais pleno. Gosto da astrologia por aquilo que ela pode nos fazer refletir. Gosto, também, porque tenho mente taurino-geminiana (nasci na cúspide), isto é, tenho vontade de conhecer de tudo. Acho que meu ascendente em sagitário também me inclina a buscar conhecimentos múltiplos. A minha lua em aquário me salva. Ela me inclina a lidar com pessoas. Do contrário, eu viveria isolado escrevendo doidamente.



6 Que mensagem você poderia deixar para os nossos leitores/leitoras que ainda não despertaram para o universo literário produzido por mulheres da região Nordeste?

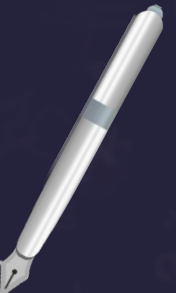
Émerson Cardoso: Eu sempre fui vinculado, em minhas pesquisas e leituras, à autoria feminina. Não hesito em dizer que as autoras brasileiras estão profundamente em minha formação e reverberam em minha escrita. A autora do Nordeste que mais estudei foi Rachel de Queiroz. Antes de entrar na graduação, eu já colecionava conteúdos sobre a obra dela. Li todos os romances, peças teatrais e uma boa quantidade de crônicas produzidas por ela. Sou obcecado quando algo me instiga, de modo que Rachel de Queiroz foi minha escolhida para uma longa jornada de estudos. Acho que a escolhi por ela ser cearense, trazer a mulher como protagonista e discutir o Nordeste com maestria. Estou há sete anos escrevendo um livro sobre a obra dela, que sairá em breve. Para as leitoras e os leitores do blog *Nordestinados a Ler*, gostaria de dizer que é preciso conhecer a literatura brasileira e, dentro dela, a literatura produzida pela muitas personalidades femininas do Nordeste. Essas autoras têm obras à espera de serem lidas, estudadas e compartilhadas. Há tanto a descobrir, quando o assunto é a força da mulher que resiste aos cerceamentos históricos e escrevem, apesar das muitas dificuldades, suas obras em gêneros literários diversos. Não deixem de ler Nísia Floresta, Maria Firmina dos Reis, Emília Freitas, Auta de Souza, Ana Miranda, Natércia Campos, Socorro Acioli, Zélia Sales, dentre outras. O narrador de Rachel de Queiroz diz, n' **O Quinze**, que: "A gente precisa criar seu ambiente, para evitar o excessivo desamparo... Suas ideias, suas reformas, seu apostolado... Embora nunca os realize... nem sequer os tente... mas ao menos os projete, e mentalmente os edifique..." Ele tem razão. Nós precisamos, sobretudo nesses tempos sombrios, criar um



ambiente de leitura, Cultura, Educação e Arte, assim nossas vidas poderão crescer em sentido e profundidade. Com a pandemia, ficou comprovado que sem a Arte a vida seria insuportável. Para concluir, gostaria de dizer que, dentre as manifestações literárias, a literatura é a que mais amo. Quando a acolhi, minha vida mudou completamente. Acolham a literatura também. Ela tem muito a dizer sobre a existência e seus enfrentamentos.



*História das
Mulheres na Literatura*



Alba Valdez: uma cearense arretada

Luciana Bessa Silva

Difícilmente um cearense não leu Rachel de Queiroz (1910-2003), a primeira mulher (e nordestina) a ingressar na Academia Brasileira de Letras, em 1977 e, também, a receber o prêmio Camões, em 1993.

A questão aqui é outra cearense: Alba Valdez, nascida em 12 de dezembro de 1874. A Literatura Cearense está repleta de escritoras esperando para serem lidas. É por isso que o escritor/a escreve: para compartilhar o que não cabe dentro de si.



Alba Valdez atuou por muitos anos em vários jornais da capital cearense. "A Tribuna" (1922), "O Nordeste" (1927), "Unitário" (1955) etc. É preciso que se diga que Alba Valdez era pseudônimo. Seu nome era Maria Rodrigues Peixe. Usá-lo era uma forma de fugir das vistas de seus pais que acreditavam que o ato de escrever era uma atividade masculina.

Alba não concordava com seus genitores. Formou-se professora, tornou-se escritora e uma defensora da causa feminista. Ela defendia que o espaço público deveria ser ocupado por qualquer mulher, se assim o



desejasse. Participou do Centro Literário, da Boemia Literária, da Iracema Literária e da Padaria Espiritual.

Em 1901, escreveu seu primeiro livro intitulado **Em Sonhos**, uma coletânea de contos, crônicas e outros textos em prosa. Alguns deles foram traduzidos para o sueco e para o francês, como o conto **A Carta**.

Em 1904, fundou a primeira Liga Feminista Cearense, porque acreditava que as mulheres podiam se destacar "fora do lar". Em 1907, veio à tona seu segundo livro: **Dias de Luta: relatos de sua infância e adolescência**. Em 1936, foi a primeira mulher a ingressar no Instituto Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico). E um ano depois, (1937) também foi a primeira a romper o seletivo espaço masculino da Academia Cearense de Letras.

Alba Valdez em seu tempo rompeu barreiras. Nós leitores, em nosso tempo, estamos sendo convidados a recompensá-la por sua luta: ler e divulgar sua obra é a melhor opção.



As irmãs Sampaio

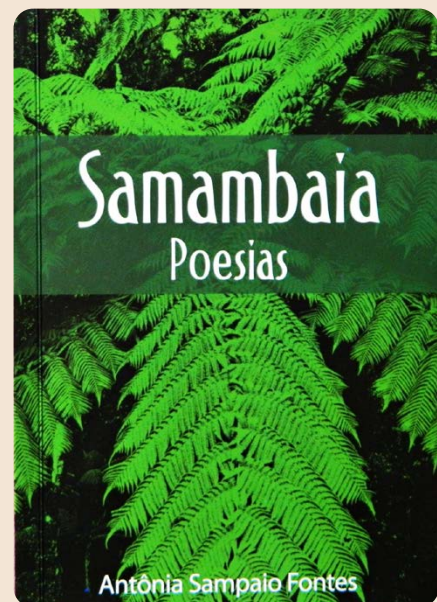
Luciana Bessa Silva

São muitos os nomes de mulheres que contribuíram para que a Literatura Cearense não fosse contada sob a ótica masculina, o que nos faz lembrar **O perigo de uma história única** (2009), de Chimamanda Adichie.

A mulher, ao longo da História, foi negado o capital simbólico (aquilo que chamamos prestígio ou honra e que permite identificar os agentes no espaço social). Frequentar o espaço público, ler e escrever não lhe eram permitidos.

O gênero foi o responsável por criar uma literatura produzida e lida pelo próprio homem. Por mais que tentem, as mulheres resistem. É o caso de Antônia Sampaio Fontes, nascida no dia 24 de fevereiro, de 1884, em Baturité - CE. Em seu livro **Samambaia** (2009), declarou: “Eu canto Deus e o amor, / Canto o mar beijando a praia, / Canto a ave, canto a flor!”.

Além de enaltecer a natureza, Antônia também celebrou os primeiros anos de vida no poema **Minha Infância**, ao fazer uma paródia do texto



Meus oito anos, do poeta romântico Casimiro de Abreu: “Oh! Que saudade que tenho / Do despontar da existência, / Dos meus dias de inocência, / Do meu viver de criança”.

Os poemas de Antônia Sampaio nos remetem ao Romantismo: idealização do amor, sentimentalismo exacerbado, egocentrismo. Aos 16 anos, Antônia escreveu **Desengano**: “ Amar e ser amado é belo! É tudo, eu sei! / Amar sem ser amado é triste...”.

Parece que as filhas do casal Antônio Jardim e Maria Sampaio Jardim tinham uma inclinação para as letras. Antônia tinha uma irmã Maria, nascida em 07 de janeiro de 1888, em Paracuru. Além de coautora de **Átomos e Centelhas**, figura na Antologia **Sonetos Cearenses** (1938). Vários de seus poemas foram publicados em **O Malho** e nas revistas **Fon-Fon** e **Vida Doméstica**, do Rio de Janeiro.

Leiamos as irmãs Sampaio (Antônia e Maria). O perigo de uma literatura contada somente pelos homens é a criação de estereótipos e pré-julgamentos.



Bastinha Job e a arte de versar com humor

Thirley Pinheiro

Em janeiro de 1945, nascia nas terras de Patativa do Assaré, Sebastiana Gomes Almeida Job, mais conhecida como Bastinha Job. Mudou-se para o Crato - CE, em 1952, onde cursou Letras na Universidade Regional do Cariri (URCA), quando esta era ainda a antiga Faculdade de Filosofia, e tornou-se uma das mais influentes cordelistas da região.

Foi docente em várias escolas cratenses, como também da URCA - hoje professora emérita - onde dava aulas de Língua Portuguesa e foi responsável por introduzir a disciplina de Literatura Popular (junto com dois outros colegas), no curso de Letras em 1993, sendo também a primeira a lecionar. Ao falar de si mesma, Bastinha poetiza:

*"Professora aposentada,
cordelista na ativa,
Assaré do Patativa
é minha terra amada;
Crato é a mãe idolatrada,*



*que me acolheu em seu seio,
aqui encontrei o veio
da joia da Educação,
da completa Formação
que me deu força e esteio".*

([Bastinha Job, em entrevista para o CaririCult](#))

Desde pequena a poesia esteve presente na vida de Bastinha Job. As leituras de [Clarice Lispector](#), [Monteiro Lobato](#), [Patativa do Assaré](#) e outros autores foram fontes que lhe ajudaram a trilhar seu próprio caminho no ramo da poesia popular. Atualmente, ela ocupa a cadeira nº 4 na Academia dos Cordelistas do Crato, cujo patrono foi Cego Aderaldo.

Em seus cordéis, estão sempre presentes as figuras do imaginário popular, os matutos, os cornos, as namoradeiras e as solteironas. Sua poesia é marcada pela variedade de temas. Já escreveu sobre política, sociedade, religião e preconceito, mas, segundo ela, gosta mesmo é de fazer rir, por isso a temática humorística é recorrente em sua obra.

*"Eu faço poesias críticas
com pitadas de humor
e alfinetadas políticas,
mas também falo de amor;
meu poetar é a arma
que incita ou que desarma,
que faz rir, que faz chorar;
em suma ela é catarse
autêntica e sem disfarce
um compromisso a se honrar!"*

([Bastinha Job, em entrevista para o CaririCult](#))

Cratense de coração, em 2014, Bastinha Job lançou o poema "Se Queres Ser Meu Amigo Não Fales Mal do Meu Crato!", na coleção **Crato**



250, eu faço parte dessa história!, organizado pela Secretaria de Cultura em comemoração ao aniversário da cidade.

Com vários folhetos publicados, Bastinha Job é uma mulher extraordinária e que merece espaço em nossos cotidianos de leitura.

Referência:

LUCAS, Alexandre. Bastinha: uma crítica bem humorada. *In: CaririCult: arte, cultura e ideias em movimento*. 19 set. 2013. Disponível em: <https://cariricult.blogspot.com/2013/09/bastinha-uma-critica-bem-humorada.html?m=1>. Acesso em: 21 nov. 2021.



Henriqueta: uma Galeno em destaque

Luciana Bessa Silva

Quando pensamos nas letras cearenses, surge-nos nomes como: Artur Eduardo Benevides, Antônio Sales, Adolfo Caminha, **José de Alencar**, entre outros. A grande questão é: onde estão as mulheres neste processo? Durante o século XIX, poucas tinham acesso à educação e ao espaço público, pois sendo consideradas um ser subalterno estavam em casa servindo ao pai e, depois do casamento, ao marido.



É bom saber que há exceções, porque tornam as narrativas mais instigantes. Filha do poeta cearense Juvenal Galeno – **Prelúdios Poéticos** (1856) – Henriqueta Galeno nasceu no dia 23 de fevereiro de 1887, em Fortaleza.

Ativista dos movimentos culturais e literários da capital, formou-se em 1918 em Direito, período em que pouquíssimas mulheres frequentavam a escola. Henriqueta defendia que elas deveriam, se assim quisesse, frequentar os diferentes espaços públicos e participar das atividades vigentes.

Advogada, educadora e escritora (poetisa, ensaísta), Henriqueta fundou e dirigiu, em 27 de setembro de 1919, o Salão Juvenal Galeno, que



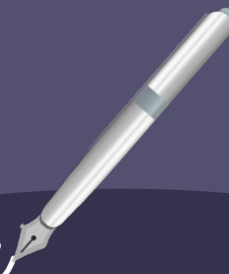
em 1936, transformou-se na Casa de Juvenal Galeno, R. Gen. Sampaio, 1128 – Centro, Fortaleza, hoje, não mais residência dos Galenos – Instituição cultural mantida pela Secretária Cultural do Ceará, que congrega mais de vinte instituições literárias e mantém intercâmbio com outras agremiações com a missão de propagar a cultura cearense.

Membro da Associação Cearense de Imprensa e imortal da Academia Cearense de Letras (cadeira nº 23, cujo patrono era o pai). Publicou estudos sobre "Júlia Lopes de Almeida, Maria Quitéria – a primeira mulher-soldado do Brasil" e **Mulheres Admiráveis**, obra póstuma.

Incomodada com o fato do Salão Juvenal Galeno ser dominado pelo sexo masculino, em 1936, Henriqueta funda a Falange Feminina, hoje Ala Feminina, com o propósito de desafiar a oposição e a rudeza da época. Somos gratas, Henriqueta, por criar uma narrativa nas letras cearenses, em que a mulher ganha voz e passa a ter papel de destaque.



Nezite Alencar: uma Historiadora Cordelista



Thirley Pinheiro

Historiadora, professora e cangaceira: essa é Nezite Alencar - cearense e cordelista. Nascida no sítio Olho D'água, distrito de Quixariú, na cidade de Campos Sales, reside atualmente no Crato, onde se formou em História, pela URCA.

Sua formação acadêmica fica evidente em seus versos, uma vez que a experiência como professora de ensino fundamental foi ponto de partida para a criação de obras como **A Inconfidência Mineira em cordel** (2005) e **Canudos, o movimento e o massacre em cordel** (2005). Segundo ela, costumava transformar textos de história e geografia em cordéis para que suas aulas fossem mais prazerosas, facilitando a compreensão dos estudantes.

Nezite Alencar define a si mesma como uma pessoa que saiu da zona rural, mas a zona rural não saiu dela, e aquela professora aposentada que saiu da sala de aula mas a sala de aula não saiu dela. É uma mulher apegada às suas raízes, que começou escrevendo para seus alunos e hoje escreve para todos aqueles com disposição para ler. Sua maior alegria é



ser poetisa mulher como denota os versos abaixo:

*"Mulher é matriz da vida,
Tem o dom da sedução,
Mas guarda no coração
Uma bravura escondida,
Uma vontade aguerrida;
Diga ela o que disser,
Faça ela o que fizer,
Sempre chega lá um dia.
MINHA MAIOR ALEGRIA?
SER POETISA E MULHER!"*

Desde jovem se jogou na arte de versejar, já em 1987, ainda na adolescência, publicou seu primeiro livro, **Em Forma de Coração**, com poemas que ela mesma selecionou. De lá para cá não parou mais. Sua obra já reúne mais de quarenta cordéis com temáticas variadas, sendo o cangaço uma das principais.

Na Academia dos Cordelistas do Crato (ACC) ocupa a cadeira nº 21. Em 2010, foi selecionada para o Prêmio Mais Cultura de Literatura de Cordel, com seu livro infantil **Juanito e o Monstro Marinho**. Neste mesmo ano, lançou o cordel **Quem são esses camaradas?** contemplado pelo Projeto Cordel Engajado apoiado pelo Prêmio Mais Cultura de Literatura de Cordel (2010), produzindo 21 mil cordéis para serem distribuídos em estabelecimentos de ensino e Organizações não-governamentais (ONGs).

Nezite Alencar é nordestina arretada, apaixonada por sua terra, que faz cordéis de história e faz história no cordel.



Os recados poéticos de Fátima Correia

Thirley Pinheiro

Era como Fátima Correia, ora como Fátima de Dom Quintino, assim é conhecida Maria Correia de Almeida, professora aposentada que veio morar no Crato ainda pequena. Curiosamente, recebeu o apelido de Fátima a pedidos do avô, que queria que esse fosse o seu nome, mas o pedido veio tarde, posterior ao seu batismo, o que não impediu que se tornasse o seu nome social.

Nascida em 24 de novembro de 1953, na cidade de Caririaçu, Fátima Correia foi adotada aos três anos pelos avós, que a trouxeram para morar no Crato, onde ela concluiu a educação básica e, em 1978, começou a lecionar na escola 1º Rural de Dom Quintino, no distrito de Dom Quintino, que mais tarde tornou-se Escola de Ensino Fundamental Raimundo Nonato de Souza, onde ensinou por 31 anos, até se aposentar, em 2009.


Em 1998, ficou entre os classificáveis no vestibular da URCA, mas o marido a impediu de seguir com seus estudos. Por ora, o sonho de se formar ficou guardado nos desejos. Mas, dois anos depois, enfrentou a



Coletânea de Textos: No destino da Leitura



insatisfação do marido, bem como dificuldades financeiras, e ingressou no curso de Licenciatura em Letras/Português na URCA.

 Estou aqui empunhando a bandeira do cordel de saia, da literatura de cordel, da mulher, porque a mulher tem vez e voz, e ela é capaz de tudo. E nós vamos dominar o universo com nossos recados poéticos (HERDEIRAS DE MARIA - FÁTIMA CORREIA, 2016, não paginado).

Fátima Correia é uma mulher de conhecimento e sabedoria, consciente do papel social que exerce e da importância que a poesia tem para a juventude. É uma educadora cheia de recados poéticos e cabe a nós, com prazer, ouvir à sua voz.

Referências:

HERDEIRAS DE MARIA - FÁTIMA CORREIA, 2016. 1 vídeo (1min 19s). Publicado pelo canal Herdeiras de Mari. Disponível em: <https://youtu.be/dV0taqyBN0k>. Acesso em: 21 nov. 2021.

SOUSA, Celia Camelo de; CAVALCANTE, Deiziane Lima. Fátima Correia: educadora aposentada e cordelista. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 2, n. 3, 2020. DOI: <https://doi.org/10.47149/pemo.v2i3.3706>. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3706>. Acesso em: 21 nov. 2021.



Sônia Coutinho: uma baiana resistente!

Luciana Bessa Silva

Sônia Coutinho nasceu em Itabuna – Bahia, no ano de 1939, e para além de ser nordestina, escritora, tradutora (traduziu mais de trinta livros) e jornalista, levou a mulher para ser protagonista de suas obras.



Filha do poeta simbolista e político Nathan Coutinho (1911-1991), Sônia desde cedo enveredou pelo mundo da leitura e com apenas doze anos lia os escritores franceses: Émile Zola e Guy de Maupassant. Como leitura pressupõe escrita, logo publicou seu primeiro texto (conto) em um suplemento literário dirigido pelo cineasta Glauber Rocha. Em seguida, integrou uma coletânea

de autores/estudantes chamado Reunião, editado pela Universidade da Bahia.

Suas principais obras foram: **Uma certa felicidade** (1976), **O último verão de Copacabana** (1985), **O jogo de Ifá** (1980), **Atire em Sofia** (1990, 2010), **Os venenos de Lucrecia** (1978) e **Os seios da Pandora** (1998).



Os dois últimos resultaram na conquista do Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro. Em 2006, pelo livro (contos) **Ovelha negra e amiga loura** foi agraciada com o Prêmio Clarice Lispector, dado pela Biblioteca Nacional.

Sônia era uma admiradora das artes: o cinema, a música, a literatura, a fotografia e a pintura eram alguns de seus interesses. Para ela, a lente dos artistas representava a realidade do que não se podia enxergar. Talvez por isso, algumas de suas narrativas são fragmentadas e repleta de indeterminações, precisando, assim, da contribuição do leitor.

Uma das características da obra dessa baiana é a memória. De modo geral, suas personagens saíram de sua cidade natal e foram morar no Rio de Janeiro. Há uma atmosfera de vazio, de solidão e de não pertencimento. Logo, tais personagens procuram ponderar perdas e ganhos com a mudança geográfica. Em muitas situações, restam-lhe tão somente lembranças.

Por que ler Sônia Coutinho? Porque sua obra traz o universo feminino, sob o ponto de vista da própria mulher. Não é à toa que já foi apontada como uma das vozes mais representativas da literatura de autoria feminina na contemporaneidade brasileira. Além disso, suas narrativas são fortes e suas personagens convincentes e perspicazes.



Zélia Gattai:

Escrita com liberdade e com o coração

Mayara Lima

Em 02 de julho de 1916, nascia na cidade de São Paulo, **Zélia Gattai** Amado de Faria, escritora, memorialística e militante política. O segundo sobrenome vem do marido, o escritor baiano, Jorge Amado, com quem passou cinquenta e seis anos de sua vida.

Filha de imigrantes italianos (Angelina e Ernesto Gattai), Zélia participava com os pais do movimento político-operário anarquista que requeriam melhores condições de trabalho para os trabalhadores.

Desde pequena, Zélia gostava de ler. Na adolescência, conheceu os textos de Jorge Amado e ele se tornou um de seus escritores favoritos. Em 1945, conhece-o e, em pouco tempo, casam-se. Até a morte do escritor, Zélia esteve ao seu lado datilografando e revisando os textos dele.

No ano de 1963, o casal muda-se para a casa do Rio Vermelho, em Salvador, Bahia, e, desde então, a paulista torna-se também baiana. Uma de suas paixões era a fotografia chegando, inclusive, lançar a foto biografia



de Jorge Amado intitulada Reportagem incompleta.

Aos sessenta e três anos de idade publicou sua primeira obra literária: **Anarquistas, Graças a Deus** e com ela obteve o Prêmio Paulista de Revelação Literária, no ano de 1979. O livro foi traduzido para diversos países, sendo adaptado para o teatro e para uma minissérie de televisão.

A escritora lançou ainda **Um Chapéu para Viagem**, (1982); **Jardim de Inverno**, (1988); **Pipistrelo das Mil Cores**, (1989); **Crônica de uma Namorada**, (1995); **A Casa do Rio Vermelho**, (1999), entre outros. Em 2001, Zélia Gattai foi eleita para a cadeira 23 da Academia Brasileira de Letras, anteriormente ocupada por Jorge Amado. Também foi integrante da Academia de Letras da Bahia e da Academia de Letras de Ilhéus.

Para além de esposa de um dos maiores escritores do Brasil, Zélia Gattai precisa ser reconhecida como uma mulher-autora de quatorze livros de gêneros variados (romances políticos, autobiografias, contos, memórias, livros infantis) e muitos deles são testemunhos históricos de parte da História do Brasil.



Homenageados (as)



Ana Cristina César: uma poeta-crítica

Luciana Bessa Silva

No dia 02 de junho do ano de 1952 nascia no Rio de Janeiro Ana Cristina César ou Ana Cristina César, sinônimo de sensibilidade, solidão, melancolia e inteligência. Além de ensaísta, jornalista, tradutora, crítica literária e poeta (embora declarasse não se identificar como escritora) foi um dos nomes mais significativos da Poesia Marginal ou, simplesmente, Geração Mimeógrafo, movimento que eclodiu nas décadas de 1970-1980 e enfrentou a censura imposta pela ditadura militar.



Sua afinidade com a leitura desde criança despertou seu interesse pela poesia, pois aos seis anos de idade já declamava para sua mãe, a professora Maria Luiza Cruz. No ano de 1969, em uma viagem a Londres, trava contato com a literatura inglesa. As leituras de Emily Dickson (1830-1886), Katherine Mansfield (1888-1923) e Sylvia Plath (1932-1963) contribuíram para aguçar seu interesse pela literatura. Aos 19 anos de idade, ingressou no Curso de Letras. Fez mestrado em Comunicação, dedicou-se a escrever, a traduzir e a colaborar com críticas literárias para revistas e jornais.



Muitos foram os ensaios produzidos, como **Riocorrente**, depois de **Eva e Adão** (sobre Ana Melin), **Literatura e mulher: essa palavra de luxo** (ensaio meio ficção) em que refletia sobre a mulher e a poesia. Ela acreditava na impossibilidade de esquecer o gênero de quem escreve e era categórica ao afirmar: “Não adianta, as mulheres escritoras são raras e o fato de serem mulheres conta”.

Em uma de suas palestras, no ano de 1983, na Faculdade da Cidade, no Rio de Janeiro para estudantes do curso Literatura de mulheres no Brasil, Ana reflete sobre a escrita, íntima e confessional, não necessariamente escrita por mulher, a presença do interlocutor no texto (carta, diário) e a posição marginal que as mulheres ocupam dentro da literatura.

Em 1976, participou da antologia **26 poetas hoje**, organizada por Heloísa Buarque de Hollanda (1939). Em 1982, publica a única obra em vida, **A Teus Pés**, que reúne, a um só tempo, três outros livros escritos em 1979: **Luvras de Pelica**, **Correspondência Completa** e **Cenas de Abril**.

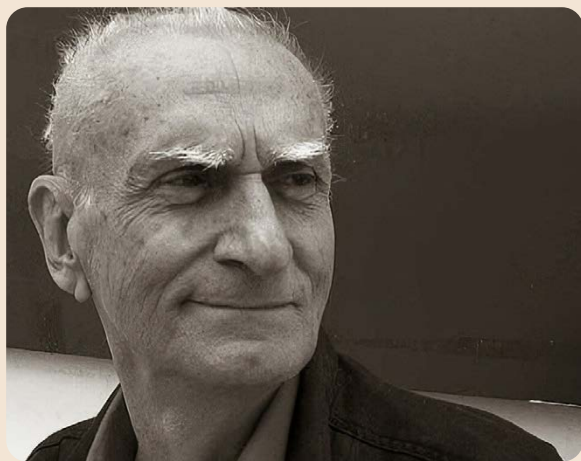
Ana Cristina César partiu desse plano com apenas trinta e um anos de idade deixando-nos poemas de extrema singularidade e vitalidade em que o ficcional e o autobiográfico caminham intimamente. A beleza estética de seus versos pede para que continuemos a lê-la.



Entre o “Brasil oficial” e o “Brasil real”: Ariano Suassuna

Luciana Bessa Silva

Dramaturgo, romancista, ensaísta, poeta, professor, [Ariano Suassuna](#) (nome dado pelos pais em homenagem a São Ariano do Egito) nasceu em 16 de junho de 1927, na cidade de João Pessoa, Paraíba. Idealizador do Movimento Armonial, que se propunha a realizar uma arte brasileira erudita a partir das raízes populares, defensor ardoroso da cultura do Nordeste, Ariano Suassuna foi, antes de tudo, um menino que perdeu o pai João Suassuna (assassinato por motivos políticos) e resolveu protestar com a única arma que dispunha, “o riso a cavalo e o galope do sonho” e, dessa forma, não deixar que sua memória morresse.



Ariano nasceu, cresceu e morreu no Coração do Brasil, o Nordeste brasileiro, na companhia dos livros, escutando as cantorias, narrativas de cordéis e desafios de viola, frequentando o teatro de mamulengos e o circo, vendo passar na porta de sua casa retirantes fugindo da seca. Todas essas vivências foram

transmutadas em arte literária.

Artista múltiplo, conviveu com diversas manifestações artísticas, mas a Literatura parece-me ser a mais forte. Talvez porque estejamos



falando de linguagem e se linguagem é poder, conseqüentemente, literatura é poder. Ela não reproduz o que foi dito ou o que está posto; é criação, é subversão, é desordem. Homem das letras, professor dos Departamentos de História e de Teoria da Arte e Expressão Artística da Universidade Federal do Pernambuco, Ariano não aceitava a segregação que as elites impunham à arte brasileira, por isso criticava a cultura acadêmica do “Brasil oficial”, que afastava aqueles sem poder aquisitivo, mas que representavam e sustentavam com a força de seu trabalho o “Brasil real”.

Seu primeiro texto, uma peça de teatro, veio a lume em 1947 – **Uma mulher vestida de sol**, baseada num romance do sertão. Não parou mais. Em 1953, publicou **O castigo da soberba**, em 1954, **O rico avaro** e, no ano seguinte, se consagraria com **O Auto da Compadecida** considerado por Sábato Magaldi como o texto mais popular do Moderno Teatro brasileiro. O universo literário de Ariano, formado por elementos essencialmente nordestinos e do folclore, é povoado por personagens que irradiam o riso, como é o caso de João Grilo e Chicó. Ariano cresceu com o riso dos palhaços e, desde então, passou a acreditar que para aumentar a alegria do mundo era necessário sorrir.

Em 1971, Ariano presenteia-nos com o **Romance d’A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta**, adaptado para o teatro, o cinema e a TV, que coloca lado a lado duas tradições: a tradição mítico-sertaneja e a tradição erudita. Na concepção do poeta *gauche* Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), trata-se de um romance-memorial-poema-folhetim narrado pelo seu protagonista, Dom Pedro Dinis Ferreira Quaderna, um Dom Quixote brasileiro. Assim como o sol do sertão é abrasador, a leitura de **A Pedra do Reino** também o é.

Apesar da dura realidade do sertão, Ariano fez a opção pela alegria, pela leveza e pelo riso por acreditar, como um Nordeste genuíno, que é possível buscar a felicidade apesar das adversidades. A esse mentiroso profissional, inventor de histórias, muitos risos. Oxente!



A pulsão poética de Augusto dos Anjos

Luciana Bessa Silva

Para uns, parnasiano pela opção pelo soneto; para outros, simbolista pela atitude místico-filosófica; naturalista pela linguagem determinista e cientificista; para muitos, moderno pela multiplicidade de tais características, aparentemente incompatíveis. Simplesmente poeta, eis **Augusto dos Anjos**, aquele que ficou sozinho, nascido no dia 20 de abril, de 1884, no estado da Paraíba.



Todo grande escritor é, antes de tudo, um leitor. Com Spencer aprendeu a incapacidade de se conhecer a essência das coisas, com Schopenhauer refletiu sobre o aniquilamento da vontade própria como forma de sobrevivência. Com a Bíblia foi capaz de contestar o cristianismo e a religião de modo geral.

Em 1912, publica seu único livro **Eu**, formado por cinquenta e seis poemas, dos quais quarenta são sonetos decassílabos. "Que ninguém doma um coração de poeta", sobretudo se sua Poética explora questões téticas, como cloaca, escárnio, verme, matéria em decomposição, etc. Mesclando termos poéticos com termos filosóficos e com um vocabulário



científico, Augusto dos Anjos construiu uma obra pulsional, violenta, visceral e pessimista.

Sua linguagem é orgânica, agressiva, capaz de despir os desejos, as angústias e a dor de existir do outro. A dimensão cósmica, a angústia moral, a melancolia e o pessimismo permeiam os versos augustianos que, formalmente, apresentam um vocabulário rebuscado, figuras de linguagem, jogos de palavras e rimas ricas e incomuns.

A grande contribuição Augusto dos Anjos é utilização de termos a-poéticos e do não compromisso com o Belo. A filosofia e a ciência ajudam, pois, esse poeta a esculpir um eu hermético, expressivo, fechado em si mesmo e uma poesia de forte carga expressiva que transborda elementos estranhos.



Pela "igualdade de direitos entre homens e mulheres": Bertha Lutz

Luciana Bessa Silva
Flávia Hellen

Bertha Maria Júlia Lutz ou **Bertha Lutz**, paulista, nascida em 2 de agosto de 1894 foi um ícone na luta pelos direitos das mulheres no Brasil. Destacam-se neste sentido, o direito pelo voto e pela emancipação feminina, igualdade salarial, redução da jornada de trabalho, pela licença maternidade de 3 meses e o ingresso de meninas no Colégio Pedro II.



Não é possível falar de sua trajetória sem mencionar seu convívio com o pai cientista e pioneiro da medicina tropical, Adolfo Lutz, a mãe Amy Fowler, enfermeira, sua formação superior na Europa e o contato com as sufragistas inglesas.

Com graduação em Ciências Naturais na Sorbonne, em 1918, em Direito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1933. Com a tese "[A Nacionalidade da Mulher Casada perante o Direito Internacional Privado](#)", em que defendia a perda da nacionalidade feminina, quando uma mulher se casava com um estrangeiro, tentou o cargo de professora nesta instituição.



Foi a segunda mulher a integrar o serviço público brasileiro como bióloga no Museu Nacional. É também cofundadora da Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher (1919), representante brasileira na Assembleia Geral da Liga das Mulheres Eleitoras (EUA), organizadora do primeiro Congresso Feminista Brasileiro, Deputada Federal em 1936, quando o Congresso foi fechado por Getúlio Vargas, iniciando a ditadura do Estado Novo. Foi a única mulher a integrar a Comitativa Brasileira na Conferência de São Francisco (1945) na defesa pela igualdade de gênero.

Na obra **13 Princípios Básicos de Direito Constitucional**, editada pelo Departamento de Estudos Jurídicos da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF) podem ser lidos algumas de suas proposições em defesa dos direitos das mulheres, como às questões relativas ao trabalho, à educação, à maternidade, à infância, proteção da flora e da fauna brasileiras.

Bertha Lutz, seja no campo político ou no campo científico, defendeu um feminismo crítico e atuante, em que homens e mulheres pudessem gozar dos mesmos direitos em todos os campos de atuação.



Maria Carolina de Jesus: o diário nosso de cada dia

Luciana Bessa Silva

Na minha adolescência, gostava muito de escrever no meu diário. Além de ser um momento de reflexão comigo mesma, foi o modo que encontrei para passar o tempo ocioso de que dispunha. E também porque queria, no futuro, olhar para o passado e dizer: valeu a pena!



Cresci (em idade e não em tamanho) e continuo tentando me descobrir por meio da escrita. Assim como eu, outras mulheres já haviam tido essa ideia. Além de escrever, passei a lê-los. Primeiro foi o de Anne Frank, depois vieram os de Virgínia Woolf, os de Anais Nin, os de Lord Byron e, por último, Maria Carolina de Jesus, mulher negra, pobre, favelada e mãe solteira – **Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada**.

Nas páginas de seu diário, Carolina mais do que relatar suas dores, denuncia a violência, a fome e a miséria de outras pessoas que, como ela, viveram e ainda vivem em situação de vulnerabilidade social. Seu texto traz uma linguagem simples e enxuta caracterizada pela oralidade; além de discutir uma temática tão presente no século XXI – a miséria humana.

Por que ler Carolina de Jesus? Para deixar de lado alguns livros



canônicos; para oportunizar a si próprio com uma leitura fluida e instigante; para escutar a uma voz forte, potente e lúcida; para se questionar por que as mazelas do passado permanecem no presente e tendem, infelizmente, se repetir no futuro; para conhecer a trajetória de uma mulher aguerrida, moradora de uma favela, que catou lixo e passou fome, mas, que por meio da leitura e da escrita imaginou uma outra vida para si.

Carolina acreditava que quem escreve gosta de coisas bonitas e por meio da leitura e da escrita ela as vivenciou.



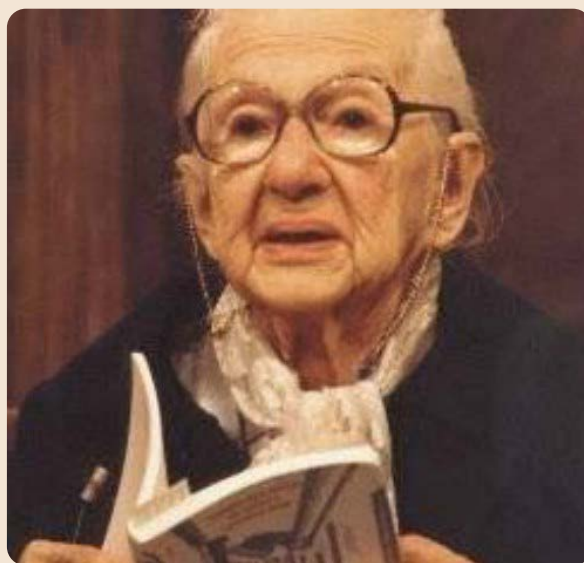
Era uma vez uma mulher e seu tempo: Cora Coralina - uma vida vivida com sabedoria



Thirley Pinheiro

Era como Fátima Correia, ora como Fátima de Dom Quintino, assim é Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, poeta que ficou conhecida como **Cora Coralina**, nasceu no dia 20 de agosto de 1889, na cidade de Goiás, no estado de Goiás. Durante sua vida foi doceira, vendedora de livros, escreveu para jornais, candidatou-se a vereadora, além de ter sido uma poetisa e contista excepcional.

Sua poesia é caracterizada pela simplicidade e delicadeza cotidiana de uma mulher que versou os próprios aprendizados durante sua passagem pela vida. Cora Coralina começou a escrever aos 14 anos, e chegou até a publicar alguns de seus escritos, no ano de 1908, no jornal de poemas **A Rosa**. Mas foi somente aos 75 anos que ela publicou seu primeiro livro: **O Poema dos Becos de Goiás e Estórias Mais**. Em 1922 foi convidada a participar da Semana de Arte Moderna, mas as limitações impostas pelo marido a impediram de participar. Para compreender Cora é preciso lê-la:



Coletânea de Textos: No Destino da Ler



Ofertas de Aninha

(Aos moços)

*Eu sou aquela mulher
a quem o tempo
muito ensinou.*

Ensinou a amar a vida.

Não desistir da luta.

Recomeçar na derrota.

Renunciar a palavras e pensamentos negativos.

Acreditar nos valores humanos.

Ser otimista.

A poética da autora de **Meu Livro de Cordel** é marcada por mensagem de superação e resiliência, conversando diretamente com a própria resistência que ela teve para enfrentar as adversidades de seu tempo, incluindo a responsabilidade de criar seis filhos sozinha após a morte de seu marido em 1934.

Aos 90 anos, Cora foi descoberta pelo poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade, com quem trocou correspondência. Os elogios de Drummond foram essenciais para o reconhecimento literário de Cora Coralina.



Assim é Cora Coralina, repito: mulher extraordinária, diamante goiano cintilando na sua solidão e que pode ser contemplado em sua pureza no livro *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*. (...) Se há livros comovedores, este é um deles. Cora Coralina, pouco conhecida dos meios literários fora de sua terra, passou recentemente pelo Rio de Janeiro, onde foi homenageada pelo Conselho Nacional de Mulheres do Brasil, como uma das 10 mulheres que se destacaram durante o ano. Eu gostaria que a homenagem fosse também dos homens. Já é tempo de nos conhecermos uns aos outros sem estabelecermos critérios discriminativos ou simplesmente classificatórios (ANDRADE).



Depois do contato com Drummond, Cora Coralina foi também agraciada com o título de Doutor Honoris Causa da Universidade Federal do Goiás (UFG). Em 1983, ganhou o Prêmio Juca Pata da União Brasileira de Escritores, com o livro **Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha**. E em 1984 foi nomeada à cadeira nº 38 da Academia Goiana de Letras.

A casa em que viveu grande parte de sua vida, à beira do Rio Vermelho, deu título ao seu único livro de contos: **Estórias da Casa Velha da Ponte**, que foi transformada em um museu no ano de 1989, e hoje é uma das atrações mais visitadas do Goiás.

Cora, uma mulher extraordinária, que mesmo nascida em tempos rudes, conseguiu se adaptar às suas limitações e fez a própria vida um poema, fez moradia no coração dos jovens e na memória das gerações posteriores.

Referência:

FUKS, Roberta. Cora Coralina: 10 poemas essenciais para compreender a autora. **Cultura Genial**. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/cora-coralina-poemas-essenciais/>. Acesso em: 22 nov. 2021.



Desvanecios Literários

Luciana Bessa Silva

Sempre gostei de ler, porque a leitura me fazia esquecer, ao menos por instantes, das confusões familiares que permearam minha infância e minha adolescência. E como leitura instiga a imaginação, a minha voou longe.

Quando me dei conta, sentia uma vontade imensa de conhecer as personagens das obras literárias lidas, passear pelos mesmos espaços, ouvir e falar suas frases, especialmente as românticas, e passar pelas mesmas situações que elas viveram.

E no momento em que descobri a poesia? Desejei conhecer todos os poetas. Queria saber onde tinham nascido, quem foram seus pais, como havia sido sua infância, quais suas leituras, quem eram os seus amigos, como conseguiam escrever textos que me faziam sorrir, chorar, me inquietar e me fazer pensar em assuntos que eu nem sequer pensava em existir.

Atravessada por tantos sentimentos, eu me questionava: Como se faz para ser escritor? Existem cursos para escritores? Eu poderia ser escritora? Quem iria me ler? Por que se escolhe ser escritor?

A princípio acreditei que ser escritor era apenas colocar em uma olha



em branco seus medos, seus anseios, seus desejos, seus sonhos e sua dor de existir, porque para ser escritor tinha que ser, antes de tudo, um indivíduo dotado de sensibilidade, que o simples fato de viver era sinônimo para sofrer.

Com o tempo descobri que ser escritor está para além de derramar suas dores em folhas de papel. Ser escritor é assumir um compromisso com seu tempo, com a sociedade na qual está inserido. Para além da individualidade de quem escreve, há uma coletividade precisando que sua voz seja escutada. O escritor pode ser o porta-voz daqueles que foram silenciados ao longo da História.

Na tentativa de saber mais sobre o assunto, fui ler a obra **Que é a literatura?** (1999), o filósofo Jean-Paul Sartre. Ele afirma que a função e a natureza da Literatura encontram-se organizadas a partir de três questionamentos:

Primeiro, o que é escrever? Sartre afirma que escrever é uma maneira de o homem se desnudar, se revelar para si e para o mundo. Ao escrever, o escritor expõe seus pensamentos, suas ideias, seus conceitos sobre si e sobre o universo.

Por que escrever? "Segundo o autor, cada um tem suas razões, embora ele acredite que um escritor não escreve para si mesmo, pois seria um fracasso. O escritor não existe sozinho. Apesar dos motivos de cada um, a criação artística se dá certamente pela necessidade de falar e ser ouvido pelo outro. O escritor escreve para revelar e desvendar acontecimentos.

Por último, **Para quem escrever?** Para Sartre, o escritor faz um pacto com o leitor, para que ele colabore para repensar o mundo e a realidade na qual está inserido. Além disso, a criação só encontra sua realização no momento que é lida pelo leitor.

Neste dia 25 de julho, quero parabenizar a todos os escritores e escritoras que têm a importante missão de fazer com que nós, leitores, não ignoremos o mundo no qual vivemos.



Ferreira Gullar: um Poeta Fundamental

Thirley Pinheiro

*Não quero assustar ninguém.
Mas se todos se escondem no sorriso
na palavra medida
devo dizer
que o poeta gullar é uma criança
que não consegue morrer
e que pode
a qualquer momento
desintegrar-se em soluços.*

Em 10 de setembro de 1930, nascia em São Luís no Maranhão, o poeta que Vinícius de Moraes viria a chamar de o último grande poeta brasileiro: José Ribamar Ferreira - escritor, teatrólogo, tradutor e crítico de arte. Ficou conhecido pelo pseudônimo **Ferreira Gullar**, uma junção dos sobrenomes de seus pais, que ele adotou após ser confundido com outro poeta maranhense, Ribamar Pereira.



Apesar das várias funções que exerceu, Ferreira Gullar dizia que sua atividade fundamental era a poesia. E assim foi. Na adolescência,



quando ficou chocado por ter que tornar-se adulto, e tornou-se poeta, teve seu primeiro contato com a poesia moderna, outro choque, pois esta não lhe agradou muito. Mas, disposto a entender as novas formas de fazer arte, tornou a ler os poetas mineiro Carlos Drummond de Andrade e o pernambucano Manuel Bandeira. A partir de uma outra visão poética compreendeu sua excepcionalidade e, foi então, que aderiu ao Modernismo.

Aos 19 anos publicou seu primeiro livro **Um Pouco Acima do Chão** (1949), mas foi só em 1954, com a publicação de **A Luta Corporal** que ele se lançou no cenário literário nacional. Em 1959, publicou um manifesto intitulado **Teoria do não-objeto**, dando origem ao Movimento Neoconcreto, que se opunha ao Concretismo, que pregava uma poesia racional, objetiva e geométrica.

Militante do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), Gullar foi perseguido politicamente por se opor à opressão do período da Ditadura Militar. Exilado, passou por Moscou, Santiago e Lima. E foi em Buenos Aires, entre maio e outubro de 1975, quando acreditava que aquele poderia ser o seu testemunho final, que Ferreira Gullar escreveu o **Poema Sujo**, considerado por muitos sua obra-prima. Responsável por trazê-lo de volta ao seu país depois de seis anos, em 1977, é uma obra de quase cem páginas, onde ele diz:

*Meu corpo
que deitado na cama vejo
Como um objeto no espaço
que mede 1,70m
e que sou eu: essa
deitada
barriga pernas e pés
com cinco dedos cada um
(por que não seis?)
joelhos e tornozelos*



*para mover-se sentar-se levantar-se
meu corpo de 1,70m que é meu tamanho no mundo
meu corpo feito de água e cinza
(...)
corpo que se pára de funcionar provoca
um grave acontecimento na família:
sem ele não há José Ribamar Ferreira
não há Ferreira Gullar*

Ocupante da cadeira nº 37 na Academia Brasileira de Letras, foi um dos fundadores do Teatro Opinião, onde escreveu, junto com Oduvaldo Viana Filho, as peças **Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come** e **Saída? Onde fica a saída?**. É vencedor de dois Prêmios Jabutis com as obras **Resmungos** (2007) e **Em alguma parte alguma** (2011). Em 2010 recebeu o Prêmio Camões e em 2002 foi indicado ao Prêmio Nobel de Literatura.

Ferreira Gullar ficou eternizado na poesia brasileira. Musicado por vários artistas, como Fagner, Nara Leão, Milton Nascimento e Chico Buarque, o poeta afirmava que a arte existe porque a vida não basta. E uma vida não bastaria para a genialidade e excepcionalidade de José Ribamar Ferreira, por isso nós o levamos no coração, no lembrar e no esquecimento.

Referências:

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (ABL). **Ferreira Gullar**. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm%3Fsid%3D1042/biografia>. Acesso em: 22 nov. 2021.

FERREIRA GULLAR CONTA COMO ESCREVEU "POEMA SUJO", 2016.

1 vídeo (7min 12s). Publicado pelo canal Companhia das Letras.

Disponível em: https://youtu.be/atJKqa_sNOk. Acesso em: 22 nov. 2021.



Um fabulista com nome de Rosa

Luciana Bessa Silva

No dia 27 de junho de 1908, nascia o mineiro João Guimarães Rosa, médico, diplomata, romancista e contista; homem do sertão, narrador de estórias, um dos fabulistas mais representativos do século XX da Literatura Brasileira.



Trabalhador e inventor de palavras, Rosa acreditava que ao se estudar o espírito e o mecanismo de outras línguas por divertimento, gosto e distração, seria possível compreender de forma mais profunda o idioma nacional. O autor de Sagarana (1946) falava mais de vinte línguas e bisbilhotou um pouco a respeito de outras.

Em 1963, foi eleito por unanimidade para a Academia Brasileira de Letras (ACL). Dizem que em suas viagens pelo sertão, uma mulher lhe disse que ao realizar seu maior sonho, morreria.

Somente em 1967, ou seja, quatro anos depois da eleição, Rosa resolveu assumir a cadeira de nº 02, que fora do poeta ultrarromântico Álvares de Azevedo (1831-1852). No seu discurso de posse declarou: "...a gente morre é para provar que viveu". Três dias depois, encantou-se, afinal "O mundo é mágico. As pessoas não morrem, ficam encantadas". Neste



mesmo ano foi indicado para o Nobel de Literatura.

Em 1936, estreia com a obra **Magma** (poesia), ganhadora do Prêmio da ACL, embora não tenha sido bem recebida pelo público. A recepção ficou para *Grande Sertão: Veredas*, obra marcada pelo exímio trabalho com a linguagem (articulada, cheia de significações, figuras de linguagem como aliterações, elipses, onomatopeias, vocabulário que mescla arcaísmos e neologismos), imersa na oralidade e na musicalidade do homem do sertão, originalidade de estilo, ausência de capítulos (fluxo contínuo) em seiscentas páginas conferindo-lhe um caráter único e inovador.

Trata-se de um monólogo-diálogo de Riobaldo, um velho fazendeiro do estado de Minas Gerais, sobre sua vida de jagunço a um interlocutor não identificado, apenas sugerido. A narração é intercalada por questões existenciais e acontecimentos do sertão. São tantos os episódios contados que em determinado momento o narrador não consegue distinguir o que viveu do que imaginou ter vivido.

Eis a beleza do sertão – “estes seus vazios”, pois “Viver é muito perigoso”. Perigoso mesmo é não ler Guimarães Rosa.



A essência de Henriqueta Lisboa

Luciana Bessa Silva

Primeira mulher a ingressar na Academia Mineira de Letras (AML), Henriqueta Lisboa, poeta, tradutora, ensaísta e crítica literária, nasceu em 15 de julho de 1901, em Minas Gerais. Ela costumava dizer que a literatura, ou melhor, a poesia preenchia sua existência, talvez, por isso, cedo tenha começado a publicar seus livros.



Henriqueta não aderiu formalmente ao movimento modernista, embora fosse influenciada por ele ao dialogar com vários escritores desse período que, ao mesmo tempo, eram seus (ilustres) leitores: Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Manuel Bandeira e Mário de Andrade.

A Nobel de Literatura Gabriela Mistral foi outra leitora de Henriqueta. Em 1943, de passagem pelo Brasil proferiu uma palestra sobre a autora, especialmente, sobre o livro O Menino Poeta - "Ai! que esse menino / será, não será?... / Procuro daqui / procuro de lá" - lançado naquele mesmo ano. Sem pretensões didáticas, a obra é marcada pelo jogo de palavras, sonoridade, repetições e musicalidade. A obra desperta nosso lado infantil, nossa sensibilidade, volúpia, sonhos



e reminiscências, e também a criança interior guardada em cada um de nós.

Contudo, sua estreia literária ocorreu bem antes, em 1925, com a obra **Fogo Fátuo** – coletânea de poemas com traços simbolistas. É autora ainda de **Convívio Poético** (1955), **Vigília Poética** (1968) e **Vivência Poética** (1979), todas dedicadas às reflexões sobre o próprio fazer poético e vivências particulares/coletivas, sobretudo a busca pela essência do ser, tônica central de sua Poética.

Uma coletânea de poemas escrita entre os anos de 1941 e 1945 - **A Face Lívida** - e dedicada à memória do amigo Mário de Andrade falecido em 1945 merece destaque. Os poemas são marcados pela melancolia, dor, amargura, como observamos nos versos: “Eu quero a paz, a grande paz / da lua sozinha no céu”.

Porém, a morte, ou seja, **A Face Lívida** é a tônica da obra. Interessante é que seu título - *A Face Lívida* - se repete em quatro outros poemas: dois deles abrindo e fechando o livro e os outros dois no meio: “Porém a face / lívida / dos que resistem / pelo espanto”. Essa face é tanto de quem parte, como de quem fica e sofre com a perda. Dela ninguém escapa.

Henriqueta Lisboa, que na concepção do pernambucano Manuel Bandeira é um dos nossos mais fortes e perfeitos poetas desejou, antes de morrer, que seus versos fossem apreendidos ou, simplesmente, contemplados pelos leitores. Realizemos, pois, seu pedido.



Hilda Hilst:

ousada em prosa e em verso

Luciana Bessa Silva

No dia 21 de abril de 1930, nascia em Jaú, SP, Hilda de Almeida Prado, ou simplesmente [Hilda Hilst](#), poeta, cronista, dramaturga, uma mulher inquieta, ousada e perspicaz, que teve pouco reconhecimento em vida como escritora, mas com muitas necessidades prementes: ser (mais) lida pelo público era uma delas.



Premiada em versos, [Cantares de perda e predileção](#), (1980, Prêmio Jabuti), em prosa, [Ficções](#), (1977, Prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte) e no teatro, [O verdugo](#), (1969, Prêmio Anchieta), Hilda foi rotulada de mulher eremita, arredia, indomesticável, e de ser uma escritora erudita e hermética. Dominava como poucos seus apetrechos de trabalho e era consciente de suas escolhas semânticas, fonéticas e sintáticas, por isso recusava-se a produzir uma literatura dengosa ou água com açúcar para ser lida como fizeram alguns escritores do século XIX, a exemplo de [Joaquim Manuel de Macedo](#) (1820-1882).

Criadora de uma obra diversificada e extensa, adepta do fluxo de



consciência, cultivou temas como a insanidade, o misticismo, a libertação sexual feminina, o erotismo; Hilda foi leitora de James Joyce (1882-1941), Samuel Beckett (1906-1989) e Nikos Kazantzakis (1883-1957), de quem sofreu profunda influência. Depois de ler **Carta a El Greco** (1961), decidiu abandonar a vida agitada da capital paulista e passou a residir na Casa do Sol, espaço de inspiração, criação artística e acolhimento dos amigos.

Por que ler Hilda Hilst? Sua produção literária abrange mais de quarenta títulos (poesia, ficção, teatro), sua linguagem é inovadora, ácida e questionadora; além disso, ousou desafiar o mercado editorial e não se calar quanto aos rótulos recebidos. Quando a chamavam de obscena, era categórica em dizer: "Obscena para mim é a miséria, a fome, a crueldade, a nossa época é obscena". Dúvida?



Jorge, um escritor muito amado

Luciana Bessa Silva

Nascido em 10 de agosto de 1912, em Itabuna na Bahia, Jorge Amado é um dos poucos escritores brasileiros que pôde viver de sua própria arte e um dos mais adaptados para a televisão, o teatro e o cinema.



O antigo ocupante da cadeira nº 23 da Academia Brasileira de Letras (ABL) experimentou quase todos os gêneros literários. São quarenta e nove obras – romances, memórias, crônicas, fábulas, poemas, viagens, histórias infantojuvenis – traduzidos para mais de cinquenta países.

Para melhor compreensão desse vasto acervo literário, costuma-se dividi-lo em fases: **Romance Proletário**, que retrata a vida rural e citadina de Salvador, com as obras O País do Carnaval (1931), Suor (1934), e Capitães da Areia (1937). O Ciclo do Cacau retrata a ganância dos coronéis e a exploração do trabalhador rural em obras como: Cacau (1933), Sem Fim (1943) e São Jorge dos Ilhéus (1944). O pitoresco, o saboroso e o apimentado compõem a fase de depoimentos líricos e crônicas de costumes com Gabriela, Cravo e Canela (1958), Dona Flor e seus dois Maridos (1966), Tieta do Agreste (1977), entre outros.



Independente da fase, as obras amadianas são painéis políticos e críticos de análise de uma sociedade formada por classes sociais e tipos distintos (coronéis, latifúndios, trabalhadores, meninos de rua, prostitutas, lutadores de box, pais de santo). Todos são concebidos por sua força, determinação, humanidade e alegria em viver.

A imagem da mulher nordestina, em especial a da Bahia, é destaque na obra do escritor. Distante das personagens apresentadas no Romantismo, as personagens amadianas são concebidas por sua feminilidade, inteligência, garra, sensualidade, astúcia, determinação em não se deixar domesticar pelo sexo oposto, já que são conhecedoras de artifícios para arredar caminhos e chegar onde desejam. Elas (Gabriela, Flor, Tereza, Tieta), a todo instante, procuram modificar (ou pelo menos contribuem para essa modificação) as regras do jogo impostas por uma sociedade machista e opressora.

As mulheres de/em Jorge são transgressoras de vários arquétipos – recato, doçura, submissão e felicidade – logo, faz-nos olhar para trás e refletir acerca do silenciamento a que nos foi imposto, bem como encoraja-nos a olhar para frente e lutar para que nossa voz ecoe cada vez mais longe.

Contador de histórias, laureado escritor - Prêmio Camões (1994) e Jabuti (1959 e 1995) - Jorge Amado sabia como poucos fazer uso da linguagem oral. Em suas obras a linguagem concisa, direta e fluída (sem deixar de lado os traços poéticos) é primazia.

Jorge, comunista, engajado, político, é um nordestino amado por muitos e que espera ser lido por todos. Afinal, o escritor tem consciência do papel social que exerce na sociedade do qual faz parte, por isso se expõe e suscita questionamentos.



A trajetória inspiradora de Júlia Lopes de Almeida

Luciana Bessa Silva

Falar em Júlia Lopes de Almeida é falar de uma mulher à frente de seu tempo, que escreveu romances, crônicas, contos, ensaios e peças teatrais em um período da História em que nos foi negado papel e caneta, em que nos foi reservado o espaço privado, em que fomos consideradas sujeitos indolentes e subalternos.



Nascida em 24 de setembro de 1862 no Rio de Janeiro, Júlia Lopes de Almeida foi uma abolicionista convicta, defensora da república, do divórcio, da educação formal de mulheres e dos direitos civis. Além disso, foi uma das idealizadoras da Academia Brasileira de Letras (ABL), embora tenha sido impedida de ocupar uma cadeira nessa instituição.

Essa lamentável mancha na ABL não é a única. Em 1930, D. Amélia Freitas Beviláqua, esposa de Clóvis Beviláqua, se inscreveu para a ABL, para a vaga de Alfredo Pujol, e o presidente Aloysio da Costa encaminhou a matéria ao plenário, e, após amplo debate, negou sua inscrição, porque estava escrito no estatuto da agremiação que somente brasileiros



poderiam compô-la. No entendimento do grupo significou pessoas do sexo masculino. Em consequência, Clóvis se afastou em definitivo da Academia, apesar de vários apelos feitos pelos acadêmicos. Esse veto à participação de mulheres terminou somente no ano de 1977, com a eleição da cearense Rachel de Queiroz para ocupar a cadeira nº 05.

Apesar dessa pedra no meio do caminho, para lembrar o poeta *gauche*, [Carlos Drummond de Andrade](#), Júlia Lopes de Almeida não se deixou abater, pois para frente é que se anda. Publicou mais de vinte e cinco obras e é considerada uma das pioneiras da literatura infantil brasileira com seu livro **Contos infantis** (1886) – reunião de 33 textos em versos e 27 em prosa, em parceria com sua irmã Adelina Lopes Vieira.

Júlia Lopes de Almeida é uma mulher que nos inspira pela sua trajetória de vida, de lutas e por sua escrita marcada por uma forte crítica social. Talvez, por isso, no ano de 1916, um grupo de intelectuais cuiabanas (Maria Dimpina Lobo Duarte, Maria da Glória Figueiredo, Bernardina Maria Elvira Rich) criou o Grêmio Júlia Lopes, cuja missão era a divulgação de autoria feminina.

Levar ideias femininas e feministas foi a tônica de Júlia Lopes de Almeida, que escreveu obras como: **Memórias de Marta** (1899), **A Falência** (1901) e **A Intrusa** (1908). Escreveu para periódicos como: "A Mensageira", "Única", "O Quinze de Novembro", "O País", "A Gazeta de Notícias", "A Tribuna Liberal e Brasil-Portugal", etc. Também realizou palestras sobre o lugar da mulher na sociedade brasileira e outras questões nacionais.

Uma das mulheres-escritoras mais importantes da virada do século XIX para o século XX, Júlia Lopes de Almeida, acreditava que "uma mulher não poderia ser uma mãe perfeita, se fosse ignorante ou fútil". Por compartilharmos das ideias dessa autora e compreender que a luta feminina por equidade perpassa pela questão da visibilidade, conclamamos a todos e todas lerem Júlia Lopes de Almeida.



O bruxo Machado de Assis

Luciana Bessa Silva

Assim penso em [Machado de Assis](#) (1839-1908): ponto fora da curva, pois foi o escritor que dominou praticamente todos os gêneros literários, sendo poeta, contista, cronista, dramaturgo, jornalista e crítico literário.

Nascido em 21 de junho de 1839, no Morro do Livramento, Machado, homem negro (embora não fizesse referência a esse fato), com pouco ou quase nenhum estudo formal, foi, antes de tudo, um sujeito curioso, disciplinado, arguto e perspicaz que testemunhou grandes acontecimentos políticos e históricos, como a substituição do Império pela República e a Abolição da Escravatura.



Sua obra é extensa e variada. Com a publicação de [Memórias Póstumas de Brás Cubas](#), em 1881, a crítica literária o consagrou como o introdutor do Realismo no Brasil. [Quincas Borba](#) (1891) e [Dom Casmurro](#) (1899) completam a trilogia realista machadiana.

Machado foi um leitor atencioso de Luís de Camões (1524?-1580).



É o prosador brasileiro que mais referências, alusões e paráfrases fez ao bardo português. Apropriar-se da Poética de um escritor exige do leitor atenção, paciência, além de inúmeras leituras. Nem sempre quando lemos um escritor pela primeira vez nos identificamos com ele.

É o que aconteceu com o poeta *gauche* Carlos Drummond de Andrade (1902-1987). Em seu texto "Sobre Tradição em Literatura", no arroubo da juventude, em que nossas opiniões ainda estão em fase de maturação, o jovem poeta itabirano, classifica o criador da Academia Brasileira de Letras (ABL) como um escritor egocêntrico, tedioso e difícil de ser lido.

O Drummond que estreia em 1930 com uma obra essencialmente individualista - **Alguma Poesia** - é o mesmo que em 1925 critica Machado e ainda o chama de monótono. Erroneamente profetizou que O escritor mais fino do Brasil será o menos representativo de todos.

Ler é importante, reler é uma experiência revitalizadora. A releitura de um texto ou de um autor nos possibilita corrigir certas posturas, ter outros entendimentos e, conseqüentemente, ampliar nossa visão acerca de sua obra, por isso, cada vez que a relemos nos tornamos mais íntimo dela.

Em 1958, Drummond não só releu o autor de **Esaú e Jacó** (1904), como a ele dedicou um longo e belo poema: "A um bruxo, com amor". Releitura é alteração de leitura e de postura do leitor.

Na condição de leitora, as personagens de Machado me chamam especial atenção. As dotadas de pureza, sensibilidade, aspiração materna, doçura e desejosa de encontrar o amor eterno não nasceram da mente machadiana. As mulheres de Machado de Assis ou em Machado de Assis são fortes, complexas e têm como marca a sagacidade, a perspicácia, a beleza, a sedução, a cultura, um tom enigmático e interesseiro.

Elas foram criadas não como objeto de posse do masculino e tampouco acreditavam que o casamento fosse sua salvação. Em pleno



contexto do século XIX, sociedade patriarcal, não ficavam à mercê das normas sociais. As mulheres machadianas são fortes, guerreiras, inteligentes e lutam para satisfazer seus desejos.

A escrita machadiana é milimetricamente planejada – encanta, seduz, estabelece pontes com outros escritores e outras artes. Machado nos diz muito sobre nós, ainda hoje, por isso é importante lê-lo e relê-lo.



Manuel Bandeira: um lirico moderno

Luciana Bessa Silva



O poeta *gauche* Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) declarou que “Há vinte e dois anos” conhecia e praticava Manuel Bandeira e nunca havia se arrependido de tê-lo procurado. Eu também não. E desconheço quem o tenha.

Manuel Bandeira (1886-1986) escreveu versos “como quem chora/ De desalento... de desencanto...”. Na adolescência descobriu uma tuberculose e a possibilidade de que a morte cedo pudesse visitá-lo, por isso vivia amargurado. Perdeu o pai, a mãe, a irmã e quando percebeu que sua escrita tocava o outro, sentiu-se em paz quanto ao seu destino, mas antes de ele se concretizar publicou vinte obras: dez em poesia e dez em prosa.

Estreia na literatura, em 1917, com a obra **A Cinza das Horas**, de cunho simbolista, em uma edição de 200 exemplares custeado pelo próprio autor. Seu segundo livro, **Carnaval** (1919), possuía o soneto “Sapos”, uma sátira ao Parnasianismo. Lido na abertura da Semana de Arte Moderna



(1922) por Ronald de Carvalho, foi vaiado pelo público.

Adepto ao verso livre e da linguagem coloquial, seus temas mais comuns são o cotidiano, a melancolia, a infância, a morte e o amor à terra natal, motivo pelo qual fez uma "[Evocação ao Recife](#)", mas não se trata do Recife comparado à "Veneza americana, Não o Recife dos Mascates", mas o Recife da minha [sua] infância.

Em 1954, o poeta se volta ao passado para buscar, tal como Marcel Proust, seu tempo perdido em **Itinerário de Parságada**, relato memorialístico dos bastidores de suas experiências literárias, cujo único defeito, segundo Murilo Mendes, era ser muito curto para nos apresentar tão longa vida.

Bandeira, para quem a poesia é feita de pequeninos nada, muito ainda tem a nos sensibilizar com seu lirismo em versos fluídos e vívidos.



A mulher-escritora Nélida Piñón



Luciana Bessa Silva

Escritora premiadíssima, dentre eles destaco o Prêmio Internacional de Literatura Juan Rulfo, o mais importante da América Latina e do Caribe, concedido pela primeira vez a uma mulher e a um autor de língua portuguesa (1995), **Nélida Piñón**, nascida em 3 de maio de 1937, ainda foi a primeira mulher a presidir a Academia Brasileira de Letras (ABL), entre 1996-1997.

Seja no romance (11 publicações), na poesia (8 publicações) ou no conto (5 publicações), o que torna peculiar a produção literária nelidiana é a subversão da sintaxe oficial, em especial na obra **A casa da paixão** (1972), que coloca lado a lado a tradição cristã e a tradição cultural no Ocidente, sobretudo no que tange à sexualidade para fins reprodução e de eliminação do desejo.



O erotismo é, pois, um dos temas principais de sua obra e as



mulheres (Ana, Mariela, Marta, Monja, Leonora...) são protagonistas, que têm consciência de si e de seu corpo.

Em 1973, vem a público um livro de contos, **Sala de armas**, em que o leitor pode conhecer mais profundamente o espírito crítico e de luta dessa escritora-insubordinada que se opõe “à canonização dos sentidos, das instituições humanas”. Textos como **Colheita**, **Ave do Paraíso** e **Luz** discutem de forma sensível e contundente a condição feminina em uma sociedade patriarcal.

O papel do artista-escritor é problematizado em **A força do destino** (1977) e **A república dos sonhos** (1984), já que para Nélida é ilusão conceber a arte como modo de se atingir a plenitude.

Para Nélida, o homem é mais rico que qualquer metáfora. Reside, aqui, a grandiosidade da leitura dessa escritora.



Nísia Floresta: uma mulher à frente de seu tempo

Thirley Pinheiro

Considerada pioneira do feminismo no Brasil, **Nísia Floresta** Brasileira Augusta, pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto, nasceu no dia 12 de outubro de 1810, em Papary, no interior do Rio grande do Norte, município que, mais tarde, em 1948, viria a se chamar Nísia Floresta, em homenagem à sua mais ilustre cidadã.



Escritora, poetisa e educadora, Nísia Floresta teve grande importância para a educação das mulheres brasileiras. Seu primeiro livro, intitulado **Direito dos Homens e Justiça das Mulheres**, é uma tradução adaptada à realidade nacional da obra **Vindication of the Rights of Woman**, da escritora britânica Mary Wollstonecraft. No livro, Nísia se apropria do texto de Wollstonecraft, transformando-o numa obra com elementos da cultura local, o que lhe concede a ideia de que não era uma simples tradução e sim uma adaptação. Nele, Nísia Floresta diz:

“[...] a única razão porque nos fecham o caminho às ciências é temerem que nós as levemos a maior perfeição que eles. Todos sabem que a diferença dos sexos só é relativa ao corpo [...] não



se pode dizer que o corpo constitui alguma diferença real nas almas. Toda sua diferença, pois, vem de educação, do exercício e da impressão dos objetos externos, que nos cercam nas diversas circunstâncias da vida.

Desde sua juventude, Nísia Floresta se posicionava em defesa dos direitos dos negros, indígenas e, em especial, das mulheres, estas que, segundo ela, recebiam educação muito inferior à dos homens. Geralmente reservadas ao lar, as mulheres eram enclausuradas à aprendizagem das atividades domésticas, de bordado, de como ser uma boa esposa, uma boa mãe e uma boa dona de casa. Enquanto isso, os homens aprendiam ciências, matemática e linguagens.

Aos poucos, com o movimento feminista e suas ondas, as mulheres galgaram os caminhos à conquista dos direitos que temos hoje. Em 1827 lhes foi permitido o acesso aos estudos além do ensino primário. Em 1879, conquistaram o direito de ingressar no ensino superior. No entanto, apesar do direito garantido por lei, em pleno século XXI, o acesso de meninos e meninas à escola ainda não é igualitário por diversos fatores. Recentemente, com o veto do atual presidente da república, Jair Bolsonaro, ao projeto de lei aprovado pelo Congresso Nacional, que visava a distribuição gratuita de absorventes para estudantes de baixa renda e mulheres em situação de vulnerabilidade, de rua e recolhidas em unidades do sistema prisional, levantou discussões, principalmente nas redes sociais, acerca da evasão escolar de meninas (além de homens transgêneros e pessoas que menstruam) por falta de produtos básicos de higiene no período menstrual. Pesquisas apontam que uma a cada quatro estudantes não frequenta a escola durante a menstruação por falta de acesso aos absorventes.



Segundo a PNS 2013, a média de idade da primeira menstruação nas mulheres brasileiras é de 13 anos, sendo que quase 90% delas têm essa primeira experiência entre 11 e 15 anos de idade.



Assim, a maioria absoluta das meninas passará boa parte de sua vida escolar menstruando (LIMA, 2021, não paginado).



Com isso, perdem, em média, até 45 dias de aula, por ano letivo, como revela o levantamento 'Impacto da Pobreza Menstrual no Brasil' [...] O ato biológico de menstruar acaba por virar mais um fator de desigualdade de oportunidades entre os gêneros (LIMA, 2021, não paginado).

Em luta pela educação feminina, Nísia Floresta, aos 28 anos, criou, no Rio de Janeiro, uma escola revolucionária para mulheres que ensinava matemática; gramática; leitura de português, francês e italiano; ciências naturais e sociais; dança e música. Alvo de críticas da sociedade da época, teve sua dignidade atacada, muitas vezes sendo chamada de promíscua pelos jornais locais. Nísia Floresta viajou para diversos países do mundo, onde teve contato com vários influenciadores e sua obra, como o pensador francês Augusto Comte, pai do Positivismo, uma corrente filosófica que valorizava o método científico baseado em fatos e experiência, em recusa às discussões metafísicas.

A obra publicada de Nísia Floresta consiste em 15 livros com prestígio internacional e grande material para estudos de gênero. No entanto, apesar da grandeza reconhecida pela influência da emancipação e da educação feminina, Nísia sofreu o que parece ser o mal que afeta todas as mulheres transgressoras e revolucionárias, o memoricídio. Sua obra ainda enfrenta o esquecimento e silenciamento reservados aos feitos femininos. Mas para conservar e difundir a memória de Nísia Floresta, no caminho inverso ao pagamento, foi criado, em 2012, o museu Nísia Floresta, que além das exposições, livros, filmes e ilustrações sobre a escritora potiguar, funciona como Centro Cultural, com o desenvolvimento de atividades educativas e culturais.

Uma mulher à frente do seu tempo, Nísia Floresta Brasileira Augusta é uma inspiração para as mulheres dos nossos dias. Inspiração para



continuarmos lutando pelos nossos direitos, pelo nosso espaço político, pelos nossos corpos, pela nossa liberdade sexual e, principalmente, pela liberdade de sermos mulheres.

Referências:

FRANÇA, Tádzio. Um cordel para Nísia. **Tribuna do Norte**, Rio Grande do Norte, 24 ago. 2020, 21:13. Disponível em: <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/um-cordel-para-na-sia/488144>. Acesso em: 22 nov. 2021.

LIMA, Paola. O que é a pobreza menstrual e por que ele afasta estudantes das escolas. **Agência Senado**, Brasília, 29 jul. 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2021/07/o-que-e-pobreza-menstrual-e-por-que-ela-afasta-estudantes-das-escolas>. Acesso em: 22 nov. 2021

PINHEIRO, Tata. As principais conquistas das mulheres na História. **Nova Escola**, 01 mar. 2019. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/16047/as-principais-conquistas-das-mulheres-na-historia>. Acesso em: 22 nov. 2021.



Olga Savary: o erotismo em questão

Luciana Bessa Silva

Muitas são os caminhos que uma mulher pode seguir. **Olga Savary**, nascida em 21 de maio de 1933, em Belém, no Pará, admiradora da escritora Hilda Hilst (1930-2004), por exemplo, destacou-se no universo das palavras. Além de jornalista e contista, foi poeta. Publicou quatorze livros de poemas, dentre eles: **Berço Esplendido** (1987), **Retratos** (1989), **Éden Hades** (1994). Ritmo e sonoridade caracterizam a poesia de Olga, motivo pelo qual levou o compositor Pedro Luiz das Neves, Madan, (1961-2014) a musicar alguns de seus textos, como: *Çaiçuçáua*, *Pele e Geminiana*.

Olga foi a primeira mulher a publicar um livro de poemas eróticos no Brasil - **Magma** (1982). A poesia é subjetividade e resistência, é desejo, é prazer. O fazer poético pressupõe um envolvimento amoroso entre a língua e a linguagem. É preciso combinar e desnudar as palavras para a concepção poética. É difícil citar um poeta que não queira tocar, sentir, apalpar Eros, já que o



erotismo faz parte da essência humana, pois, somos criaturas solitárias.

Em **Magma** (1982), a mulher é colocada tanto como um sujeito ativo como passivo da relação amorosa. Além disso, o corpo é descrito como um templo do prazer. É importante salientar que a obra vem à tona em um cenário de lutas, repressão, censura (aqui no Brasil, Ditadura, de 1964-1985), mas também de afirmação do feminismo. Olga estreia ainda na década de 70 com a publicação de **Espelho Provisório** (1972), Prêmio Jabuti de Autora Revelação.

Olga, para quem o caminho da escrita seguia um fluxo cabeça, braço, mão, caneta e papel enveredou, ainda, pelo universo da tradução. Foram mais de quarenta obras traduzidas: de Borges, Neruda, Varga Llosa, Garcia Lorca aos mestres japoneses do haikai, como: Bashô, Buson e Issa.

Em suma, ao logo da história, a voz e o corpo da mulher foram silenciados e vilipendiados, sobretudo, no que tange à manifestação do desejo sexual. As obras atemporais de Olga Savary permitem-nos visualizar uma mulher forte, independente, defensora de sua liberdade pessoal e social, que fala abertamente de seus desejos.

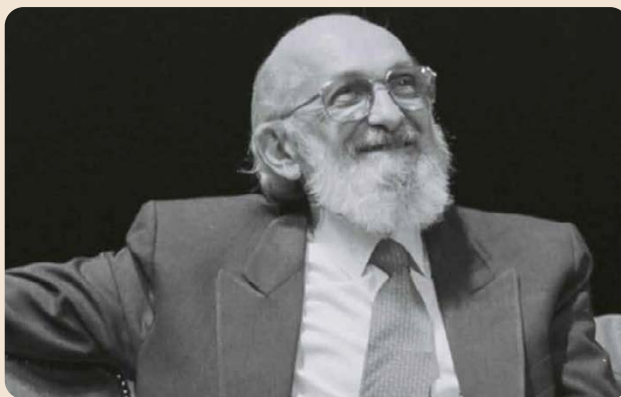


Carta a Paulo

Luciana Bessa Silva

Mestre **Paulo Freire**,

As notícias que trago neste dia 19 de setembro, dia do seu centenário, não são muito promissoras, mas a Esperança que aprendi com você (do verbo esperar), daquela que faz a gente se levantar, jogar a poeira pra cima e correr atrás dos nossos ideais, pulsa em cada palavra que escrevo e em cada ação da minha caminhada.



Ninguém escapa à educação. Ao longo dos séculos, ela tem sido criada e recriada, como tantas outras invenções da cultura humana. Infelizmente, em pleno século XXI, com todos os avanços da tecnologia, algumas pessoas insistem em defender uma educação tradicional, conteudística, punitiva, baseada na hierarquização, em que os estudantes são vistos como máquinas assimiladoras de conteúdo.

E tudo aquilo que você nos ensinou - e permanece ensinado por meio de sua vasta obra - sobre uma educação libertária, autônoma, reflexiva, crítica, que valoriza a história individual de cada um e que agrega a



diversidade, tem sido combatida veementemente pelo Governo Federal.

Você acredita que em nossos tempos as armas são valorizadas e os livros são taxados? Você imagina que no ano de 2019, conforme os dados do [Programa Internacional de Avaliação de Estudantes \(Pisa\)](#), o Brasil amargou posições vergonhosas: entre 58º e 60º lugar em leitura, entre 66º e 68º em ciências e entre 72º e 74º em matemática. Você consegue imaginar um Ministro da Educação defendendo que a universidade deveria ser para poucos? Você consegue conceber que esse funcionário do Governo, pago com o nosso dinheiro, teve o acinte de dizer que as crianças com deficiência atrapalham o ensino dos demais estudantes? Pasmê, Paulo Freire, mas o inclusivismo, terminologia usada por esse senhor, é um exclusivismo.

Eu fico aqui me perguntando qual a função de uma educação que segrega, que pune, que exclui? Sinceramente, só consigo enxergar malefícios tanto para o povo, como para o país que se torna símbolo de desigualdade e do retrocesso.

Paulo Freire, em pleno século XXI, (a maioria) das instituições de ensino continuam ambientes silenciosos e disciplinadores. Aprendemos a ler (mas não gostamos de ler), aprendemos a escrever (mas escrevemos mal), aprendemos as quatro operações (mas temos dificuldade em administrar nossa vida financeira), aprendemos tanto conteúdo de Física, Química, Biologia, Geografia e História, mas não nos importamos com os infortúnios de nossos semelhantes.

Embora o pão esteja caro (e a gasolina e o gás) e a liberdade pequena para lembrar outro nordestino, Ferreira Gullar, siga na Esperança de dias melhores feito por homens e mulheres que se renovam a cada instante.



Que sorte é nascer no Nordeste!

Thirley Pinheiro

Outubro já despontou nas folhas do calendário, e com ele a ambiguidade dos sentimentos que pulsam em meu peito todos os anos, por volta desses dias. É em outubro que o Brasil celebra o que a gente comemora todos os dias: a sorte de nascer no Nordeste.

Dizem que ser nordestino, é ser, antes de tudo, forte é carregar na coletividade, a braveza de um povo resiliente, que enfrentou a falta de chuva, a fome e a morte. Obrigado a abandonar sua terra, enfrentando uma triste partida, mas, com o desejo no peito, de pro mesmo *cantim* retornar.

Herdeiras das Marias, da Penha, Bonita e Bethânia, as mulheres nordestinas são regadas à memória de Bárbara de Alencar, valentes que só a mulesta, são mulher macho sim, senhor! Os homens são cabras da peste, orgulhosos em serem fios do Nordeste, descendentes de Gonzagão, Seu Lunga e Lampião.

O Nordeste é poesia pura. Como mania de exportar cultura para



o resto do Brasil (e do mundo), do nosso sertão saíram Alceu Valença, Rachel de Queiroz, José de Alencar, Jorge Amado, Nise da Silveira e Paulo Freire... Patativa do Assaré, Bráulio Bessa e Josenir Lacerda se juntam a Augusto dos Anjos, Manuel Bandeira e Ferreira Gullar, mostrando um tiquinho da fartura poética nordestina.

Há quem diga que o Nordeste não vai para frente, que aqui só tem matuto, que morre de fome e sede. Juram de pés juntos, que nem falar a gente sabe... É verdade, Belchior, quando você, em **Conheço o Meu Lugar**, cantou que o Nordeste é uma ficção, porque esse Nordeste caricato que eles insistem em desenhar, eu mesma nunca vi, nunca houve. Não, não somos do lugar dos esquecidos, nem da nação dos condenados, e muito menos do sertão dos ofendidos.

Entre estereótipos, preconceitos e construções identitárias, os nordestinos resistem, como mandacaru que *fulora* na seca, cantando sertão com muito orgulho, seja na música, no romance, ou no cordel, sempre agarrados à força observada por Euclides da Cunha, em seu livro **Os Sertões** (1902).

Outubro já chegou, e com ele as flores do pequizeiro. A *quintura* é grande e o orgulho ainda maior. Que sorte é ser nordestina, e poder olhar o céu à noite e ver o mais belo luar do mundo, porque não há luar como este do sertão, nem "há pranto que apague dos meus olhos o clarão, nem metrópole que eu não vejo o luar do sertão"!

08 de outubro, Dia do Nordestino.



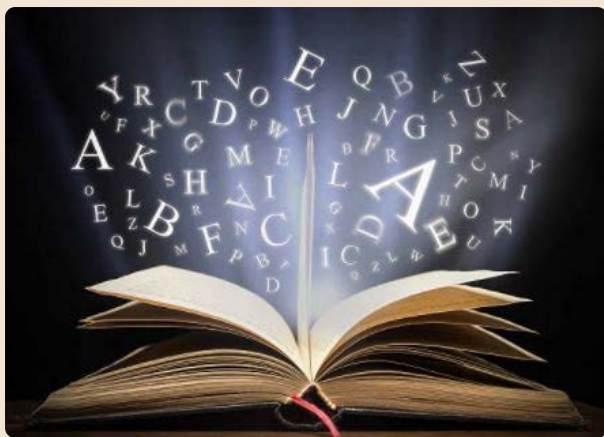
Uma professora chamada Literatura

Luciana Bessa Silva

Muitas são as profissões que podemos exercer. Desde pequena meu desejo foi ser professora (de Literatura). E, por mais que me dissessem que iria morrer de fome, e que não seria valorizada, nunca fui demovida desse propósito.

Todo dia 15 de outubro aflora em mim um sentimento de gratidão por meus professores e professoras. Eles transformaram minha vida, não só quando comigo compartilharam conhecimentos e experiências, mas acreditaram em mim enquanto alguém capaz de transformar realidades.

Nunca imaginei que um dia eu idealizaria um Blog Literário ([Nordestinados a Ler](#)), ou que escreveria semanalmente para um Jornal, nem que estaria em uma Rádio (Cafundó e Carrapato) falando sobre Literatura produzida na Região Nordeste, com foco na autoria feminina.



Isso tudo é para dizer que a Literatura, para além de uma disciplina, foi para mim uma professora inquietante, potente, instigante, insubmissa, libertária e crítica. Dificilmente alguém termina de ler uma obra literária com as mesmas concepções e ideias do



que quando começou. Nutrindo-se da tradição ou da inovação, a Literatura propõe novas concepções de mundo, de culturas, de estruturas sociais e políticas, questiona a condição humana.

Infelizmente, a sala de aula, ao invés de atrair, sensibilizar e incentivar a leitura, transformou-se em um espaço de doutrinação da Literatura. Nesse sentido, desvalorizou-se a interpretação de texto, a reflexão em torno das ideias do autor e a capacidade de argumentação que o texto traz. Ou seja, ela se tornou uma fria lista de autores, obras e características das escolas literárias. Não é à toa que seu espaço tem se tornado cada vez mais escasso e sua relação com os homens mais distante.

É preciso compreender que a Literatura é um tipo de arte essencial a todo e qualquer país. Ela é um compromisso que um escritor assume consigo e com a sociedade da qual faz parte. Por meio da arte literária, autores e obras, ao longo dos séculos, têm realizado um registro da história, das mazelas, dos costumes, do cotidiano e da cultura de uma época, de um povo.

A Literatura encanta, seduz, emociona, nos torna seres melhores, nos proporciona novos conhecimentos, nos introduz em novas culturas, nos faz repensar nossos valores e princípios, nos apresenta certos dilemas éticos, nos deleita e nos diverte. Contribui para o processo de desalienação humana e coloca o leitor diante das grandes tragédias humanas e o torna mais sensível às questões existenciais. A Literatura é um direito nosso. Lutemos por ela.



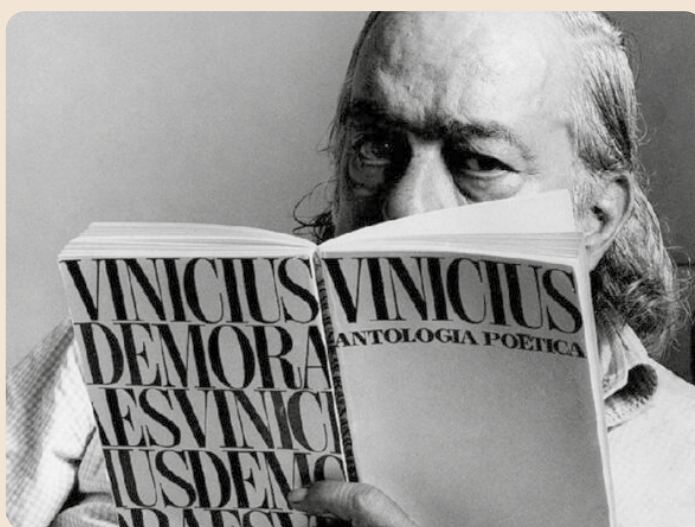
Vinicius de Moraes: infinito enquanto dure a humanidade

Thirley Pinheiro

Quando questionado em entrevistas acerca de quem era Vinicius de Moraes, sua resposta era sempre a mesma: “eu sou um labirinto em busca de uma porta de saída”. Mas se existia uma saída, ele parece nunca ter encontrado. Aos olhos de quem o lê, Vinicius de Moraes, apelidado carinhosamente de poetinha, foi um homem apaixonado, que fez de todas as mulheres suas musas inspiradoras.

Nascido em 19 de outubro de 1913, no Rio de Janeiro, Vinicius de Moraes foi poeta, jornalista, diplomata, dramaturgo, cantor e compositor. Torcedor do Botafogo, apesar de, frequentemente, ouvir dos amigos que tinha tudo para ser flamenguista, foi um dos principais nomes do Modernismo brasileiro, sendo a sua poética uma das mais prestigiadas na chamada Geração de 30.

Para Vinicius a vida não fazia sentido sem paixão, não é à toa que se casou nove vezes e manteve diversas amantes ao longo de sua vida. Sua obra é repleta de poesias, cuja principal temática era a arte de amar as mulheres. Muitos foram os sonetos dedicados,



Coletânea de Textos: NoDestinados a Ler



ao que ele dizia ser, o mais importante dos sentimentos humanos: **o amor**.
É difícil se deparar com alguém que não conheça o **Soneto de Fidelidade**:

*De tudo, ao meu amor serei atento antes
E com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.*

*Quero vivê-lo em cada vão momento
E em louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao pesar ou seu contentamento.*

*E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama*

*Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.*

Mas quem pensa que Vinícius de Moraes debruçou-se somente ao amor, muito se engana. A produção do poeta carioca se divide em três momentos. No primeiro, o público se depara com um poeta metafísico, com uma poesia que apresenta traços religiosos, resultantes de sua fase cristã. “[...] Eu sou o incriado de Deus o que não pode fugir a carne e a memória [...]” (O INCRIADO, 1935). No segundo momento, Vinícius se apresenta como um poeta do cotidiano, seu trabalho assumindo linguagem mais simples e coloquial, muitas vezes tomando rumos biográficos, o que associou sua imagem pessoal à obra literária, que seguem indissociáveis até os dias atuais. Estudiosos afirmam que Vinícius de Moraes rompia a fronteira que separa a vida da imaginação. No terceiro momento, encontra-



se o poeta engajado, cujos versos mostram-se cheios de abordagens políticas e sociais, como **A Rosa de Hiroshima** (1946), poesia cantada por Ney Matogrosso em 1972, criada em protesto à bomba atômica que explodiu nas cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki, durante a segunda Guerra Mundial.

Em 1979, Vinícius de Moraes leu o poema **Operário em Construção**, numa assembleia do sindicato dos metalúrgicos, a convite de Luiz Inácio Lula da Silva, até então líder sindical da ABC Paulista. Escrito em 1959, o poema narra um trabalhador e o momento em que compreende o padrão de exploração sofrido por ele para enriquecer o patrão:

[...]

*E foi assim que o operário
Do edifício em construção
Que sempre dizia sim
Começou a dizer não.
E aprendeu a notar coisas
A que não dava atenção:*

*Notou que sua marmita
Era o prato do patrão
Que sua cerveja preta
Era o uísque do patrão
Que seu macacão de zuarte*

*Era o terno do patrão
Que o casebre onde morava
Era a mansão do patrão
Que seus dois pés andarilhos
Eram as rodas do patrão
Que a dureza do seu dia*



*Era a noite do patrão
Que sua imensa fadiga
Era amiga do patrão.*

*E o operário disse: Não!
E o operário fez-se forte
Na sua resolução
[...]*

Essa tomada de consciência do operário em construção, resultou no entendimento de suas condições trabalhistas, logo dos próprios direitos. Conhecimento este, que falta a muitos trabalhadores brasileiros. Em pesquisa realizada pelo Ministério Público do Trabalho (MPT), de janeiro a junho de 2021, 772 trabalhadores foram resgatados em situações que se assemelhavam à escravidão, tendência que tem crescido com aumento exponencial do desemprego e da fome em decorrência da crise sanitária do covid-19 e de um governo cruel, que não faz questão de disponibilizar os meios básicos de sobrevivência à população. Em agosto de 2021, veio a público o caso da babá Raiana Silva, que pulou do terceiro andar de um prédio em Salvador, após sofrer agressões da patroa e ter sido trancada no banheiro. Sobre as condições de exploração de trabalho, o subsecretário de Inspeção do Trabalho, da Secretaria do Trabalho do MPT, Rômulo Machado Silva diz que “qualquer geração de aumento de pobreza e vulnerabilidade social impacta no trabalho forçado, no trabalho escravo. Abre espaço para a submissão e também para o trabalho infantil” (PODER360, 2021, não paginado).

Para mudar essa situação, faz-se necessário a reeducação desses trabalhadores acerca dos próprios direitos, garantidos na constituição. Ideais que estão longe de se tornarem realidade, uma vez que o Presidente da República se mostra favorável a propostas de medidas provisórias que diminuem drasticamente a qualidade empregatícia no Brasil, em



detrimento aos interesses dos empregadores. Mas, Vinícius de Moraes, através de seu operário em construção, mostra-se esperançoso com amanhã:

[...]
*Um silêncio de torturas
E gritos de maldição
Um silêncio de fraturas
A se arrastarem no chão.
E o operário ouviu a voz
De todos os seus irmãos
Os seus irmãos que morreram
Por outros que viverão.
Uma esperança sincera
Cresceu no seu coração
E dentro da tarde mansa
Agigantou-se a razão
De um homem pobre e esquecido
Razão porém que fizera
Em operário construído
O operário em construção.*

Além de poeta, Vinícius de Moraes foi diplomata no Itamaraty por 26 anos, até ser aposentado pelo Ato Institucional nº 5 (AI-5), em 1969; também foi dramaturgo, sendo **Orfeu da Conceição**, seu espetáculo mais conhecido, uma releitura do mito grego de Orfeu.

E é impossível falar do poe^{ti}nha, sem citar sua carreira musical. Sua relação com a música é recheada de parcerias com diversos nomes da Música Popular Brasileira: Chico Buarque, Adoniran Barbosa, Pixinguinha, Toquinho (com quem compôs **Aquarela**). Muitas foram as parcerias com Tom Jobim, que perduram até hoje nas vozes de diversos cantores da MPB, dentre elas, a composição **Garota de Ipanema**, internacionalmente



conhecida e gravada mais de duzentas vezes ao redor do mundo.

Vinícius de Moraes foi um homem movido pelo amor às mulheres e aos amigos. Muitos foram os amigos, Carlos Drummond de Andrade, Ferreira Gullar, Manuel Bandeira, João Cabral de Melo Neto; e muitas foram as mulheres, que ele veementemente dizia temer. Em suas palavras, o fundamental para viver em equilíbrio é amar, “amar muito e sempre” e desenvolver uma certa seletividade, para “não amar as pessoas erradas”, mas às certas, “às essas [pessoas] que valem a pena a gente se dá integralmente”.

Referências:

VINÍCIUS DE MORAIS, 2018. 1 vídeo (10min 40s). Publicado no canal Arquivo Nacional. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IZAVdN3P67E>. Acesso em: 15 de out. de 2021.

MORAES, Vinícius de. **Antologia poética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. 328 p.

PODER360. Registros de exploração do trabalho aumentam com o desemprego e pandemia. Brasília, 12 ago. 2021, 8:25. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/registros-de-exploracao-do-trabalho-aumentam-com-desemprego-e-pandemia/>. Acesso em: 22 nov. 2021.

VINÍCIUS DE MORAES. **Vida e obra de Vinícius de Moraes**. Disponível em: <https://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br>. Acesso em: 22 nov. 2021.

VINÍCIUS DE MORAES (CANAL OFICIAL) PAINEL OTTO LARA RESENDE ENTREVISTA VINICIUS DE MORAES (1977), 2013. 1 vídeo (10min 55s). Publicado no Canal Vinicius de Moraes. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1TsKPFkuUUk>. Acesso em: 20 nov. 2021.



Pagu: uma vida engajada

Luciana Bessa Silva

Patrícia Rehder Galvão, ou simplesmente, **Pagu**, apelido recebido do poeta **Raul Bopp**, para além de escritora, tradutora, desenhista, jornalista, militante comunista é, para mim, uma das mulheres mais pulsionais da sociedade paulistana do século XX.

Nascida em uma família abastada, conservadora e tradicional, num contexto em que à mulher era negado o capital simbólico, era lhe reservado o espaço privado, além de ser considerada um ser frágil e indolente, Pagu fumava e bebia em público, falava alto e xingava palavrões, conservava os cabelos curtos e mantinha vários relacionamentos amorosos. Personalidade forte, altivez e ousadia eram partes intrínsecas de sua essência.

Um desses relacionamentos foi com o escritor **Oswald de Andrade**, à época companheiro da artista plástica **Tarsila Amaral**. Em 1929, ambos se casaram, ela já grávida, em uma cerimônia pouco convencional no Cemitério da Consolação, gerando mais um escândalo para lhe conferir a



pecha de louca e libertina.

O casal Andrade torna-se militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB), em 1931, e funda o jornal “O Homem do Povo”, que funcionou até Oswald romper com o partido, no ano de 1945. A militância rendeu-lhe vinte e três prisões ao longo da vida – Pagu foi a primeira mulher presa política no país - , além do fato ter aceito as missões mais degradantes impostas pelo partido para provar sua lealdade. Deixar o primeiro marido e o filho (Rudá Andrade), além de assinar seu primeiro romance - **Parque Industrial** (1933) - com um pseudônimo, Mara Lobo, foram algumas das imposições que ela aceitou em nome de uma causa maior e justa, em sua opinião.

Com uma temática até então não abordada na Literatura Brasileira, os desafios, os descasos e às investidas sexuais que as mulheres operárias sofriam em casas (cortiços) e no trabalho (fábricas) em pleno contexto dos anos 30, Pagu, ao adotar um tom de crítica social, consegue entrelaçar muito bem a relação contraditória entre Literatura e Política.

Contudo, no período em que **Parque Industrial** (1933) foi publicado, tanto a crítica especializa, quanto a historiografia literária, não lhe deram destaque, pois fugia completamente dos padrões romanescos até então publicados. A originalidade dessa obra está na ênfase em que as questões femininas e feministas (aborto, sexualidade, exclusão do ambiente público, educação formal e sexual das mulheres pobres e operárias) assumem, haja vista que estão para além do mundo burguês e anarquista, ou da conquista do voto feminino.

As linhas são poucas para termos dimensão da pulsão literária e militante dessa mulher que não mediu esforços para não se deixar aprisionar por uma sociedade falocêntrica e repressora. Para compensar (se é que é possível) indico a obra **Paixão Pagu** - a autobiografia precoce de Patrícia Galvão -, o filme **Eternamente Pagu** (1987), dirigido por Norma



Benguell, o documentário **Livre na Imaginação no Espaço e no Tempo** (1988), sob a direção de seu filho, Rudá de Andrade, ou simplesmente, escute a música **Pagu**, de Rita Lee.

Pagu tornou-se, através de sua obra, porta-voz das proletárias da década de 1930, ao denunciar os mais diferentes tipos de violência a que eram constantemente submetidas, ora pelo capitalismo, ora pelo patriarcalismo.

É verdade que a autora de **Verdade e Liberdade** (1950) não entrou para o cânone literário, porque sua imagem pessoal ganhou mais visibilidade do que sua vida literária. Facilmente podemos mudar isso: Leiamos, pois, a obra literária de Patrícia Galvão.

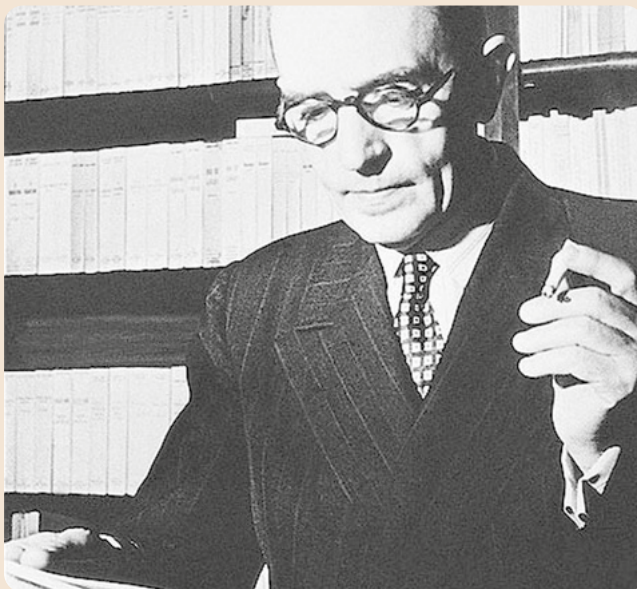


A realidade social na obra do escritor Graciliano Ramos

Luciana Bessa Silva

“Veja o senhor como as coisas aparentemente inofensivas inutilizam um cidadão...”. Trata-se de um desabafo do memorialista, escritor, jornalista, homem político - Prefeito de Palmeira dos Índios, Diretor da Imprensa Oficial e da Instrução Primária de Alagoas-Maceió - **Graciliano Ramos** (1892-1953), preso no ano de 1936, no Governo de Getúlio Vargas, sob a alegação de subversão e de associação ao comunismo.

O criador de **Caetés** é um dos escritores mais emblemáticos da Literatura Brasileira das décadas de 1930 e 1940, que expôs as mazelas sociais vigentes de seu país, especialmente, do Nordeste, uma região até hoje castigada pela seca, pela fome e pelo descaso do Governo Federal, e, como não bastasse, que carrega a pecha de uma localidade atrasada e subdesenvolvida, criada por uma elite que não aceita que os nordestinos rompam fronteiras na Política, na Educação e/ou na Cultura.



Coletânea de Textos: Nordestinidades a Ler



Criador de narrativas - **São Bernardo** (1934) e **Vidas Secas** (1938) - fortes e inquietantes que expõem as desigualdades em sociedades democráticas e personagens (Paulo Honorário, Cachorra Baleia, Sinhá Vitória, Fabiano,) profundos, instigantes e que representam os mais diferentes substratos sociais - Graciliano Ramos não esconde a dureza do mundo, pelo contrário, expõe os conflitos vivenciados por uma gente que apesar das pedras no caminho, para lembrar o poeta *gauche* **Carlos Drummond de Andrade** (1902-1987), na mesma intensidade de suas lutas e resistências.

Dono de uma visão amarga e pessimista do mundo, detentor de um estilo enxuto, cirúrgico e com uma densidade psicológica capaz de retratar cenas memoráveis – Fabiano e o soldado amarelo, a morte da cadela Baleia, o sonho de Sinhá Vitória com a cama de fitas de couro e um futuro melhor - mostra-nos um escritor consciente de seus apetrechos de trabalho e do seu papel político-social.

Um dos méritos de Graciliano Ramos foi, justamente, registrar e ficcionalizar os eventos que lhe sucederam na infância, além de reinterpretar a sociedade na qual estava inserido pelo viés da crítica contundente às instituições e aos homens que usavam seu poder para humilhar, oprimir e subalternizar os menos desfavorecidos, até mesmo em seus romances memorialísticos - **Memórias do Cárcere** (1993). Isso é possível nas sociedades capitalistas que possibilitam a ascensão daqueles que nada têm, mas, que se desumanizam no processo de crescimento ascendente.

Graciliano Ramos (1892-1953) escrevia para ser lido, para ser debatido, para levar o leitor à reflexão e para denunciar os problemas sociais de seu tempo. Defensor árduo da democracia e do uso da palavra, não aquela que “enfeita ou brilha como ouro falso”, porque a palavra foi “feita para dizer”, em sua concepção. Símbolo de comunicação entre os homens, dotada de poder simbólico, a palavra foi para Graciliano seu meio



de transporte favorito. Por meio dela, expôs contradições e desenganos individuais e coletivos.

Na condição de homem-político-escritor, o criador de narrativas marcadas pela interioridade das personagens, como é o caso de Luís da Silva, de **Angústia** (1936), se propôs e, assim o fez, a ser uma voz a ecoar as relações violentas e arbitrárias entre explorados e exploradores, já que o público-leitor clamava ao escritor uma tomada de posição frente a certos acontecimentos. Ser escritor é, antes de tudo, um compromisso com seu tempo e com sua gente. Graciliano bem o sabia disso!



Marina Colasanti: Administração do tempo e a luta contra o machismo

Leticia Isabelle A. Filgueira



Escritora, contista, jornalista, tradutora e artista plástica ítalo-brasileira, publicou mais de setenta obras para crianças e adultos, **Marina Colasanti** é uma importante escritora da literatura brasileira. Suas obras refletem com delicadeza sobre assuntos ásperos, entre eles, a opressão da mulher na sociedade. A

escrita de Colasanti instiga o leitor a perceber a beleza de tudo que estar ao seu redor que, mas por conta da rotina do dia a dia, acaba por não enxergar os pequenos e marcantes detalhes que lhes perpassam, como está presente na obra **Eu sei, mas não devia**. Marina questiona-se sobre os costumes e hábitos desenvolvidos pelo homem durante a sua existência:

“ Eu sei que a gente se acostuma. Mas não devia. A gente se acostuma a morar em apartamentos de fundos e a não ter outra vista que não as janelas ao redor. E, porque não tem vista, logo se acostuma a não olhar para fora. E, porque não olha para fora, logo se acostuma a não abrir de todo as cortinas. E, porque não abre as cortinas, logo se acostuma a acender mais cedo a luz. E, à medida que se acostuma, esquece o sol, esquece o ar, esquece a amplitude (COLASANTI, 1996, p. 9).



No trecho mencionado a autora nos faz refletir sobre como nos acostumamos com uma vida artificial, monótona, que nos impede de sentir o cheiro da natureza, aquele cheiro que nos dá saúde e fôlego de vida, e que alivia o estresse. Também é possível identificar nas palavras de Colasanti, que na medida em que nos aproximamos do mundo dentro de quatro paredes nos distanciamos no mundo lá fora que é real, onde existem pessoas como nós, que precisam de nossa companhia, nossas palavras, nossa amizade, afinal somos seres dependentes uns dos outros e que por isso é importante dar valor ao que realmente importa.

Marina Colasanti nascida em 1937, na cidade de Asmara, capital da Eritreia, na África, também fala sobre a mulher não se submeter ao machismo imposto pela sociedade, afirmando que na medida em que se vive dentro de uma rotina, todos os acontecimentos dentro dela, tais como as injustiças e anormalidades, são naturalizados.

Colasanti também tem uma vasta obra (mais de vinte títulos) dedicada ao público infantil, como por exemplo, **Minha Ilha Maravilha**, **A Árvore Generosa**, **Ofélia**, **A Ovelha**, **Ana Z**, **Aonde vai Você?** **O Nome da Manhã**, **Penélope Manda Lembranças**, dentre outras, pois ela acredita que a narrativa é uma necessidade humana; e a literatura, formativa. Talvez por isso, desde pequena tenha convivido com os livros.

Enquanto cronista, escreveu obras tais como **Eu sei, Mas Não Devia** (1995), **A Casa das Palavras** (2000), **Esse Amor de Todos Nós** (2000), **Os Últimos Lírios no Estojo de Seda** (2006), **Crônicas Para Jovens** (2012), **Melhores Crônicas** (2016) e **Eu Sozinha** (2018). Marina Colasanti é uma das escritoras brasileiras mais premiadas no Brasil e no mundo. Suas obras alcançam leitores de diversas faixas etárias.

A autora de **Contos de amor rasgado** (2010) aborda, ainda, temas sobre a natureza, relatando o sofrimento ambiental da poluição no ar, haja vista que o ser humano é ambicioso. A autora também fala sobre o vício



ao trabalho duro e a valorização do descanso em fim de semana, pois sempre estamos cansados, veremos isso no trecho abaixo, ainda da obra, **Eu sei, mas não devia:**

... se o trabalho está duro, a gente se consola pensando no fim de semana. E se no fim de semana não há muito o que fazer a gente vai dormir cedo e ainda fica satisfeito porque tem sempre sono atrasado (COLASANTI, 1996, p. 1).

Portanto, a escritora nos convida a refletir sobre a sociedade do consumo, sobre o poder masculino que impera sobre as mulheres impondo-lhe suas vontades e pretensões, como diz em um trecho de uma de suas obras, intitulada, **Mulher daqui para Frente:**

Na ginástica, no trabalho, nos jantares, pingada com naturalidade no meio das conversas, ouço com frequência esta frase: “Meu marido não deixa. Que significa ela? Que o marido tem o poder de veto. Que tem o direito de estabelecer tudo aquilo que a mulher pode ou não fazer. E que este direito é tacitamente reconhecido pelos dois elementos do casal (COLASANTI, 1990, p. 196).

Marina Colasanti, contempla uma “nova mulher” tematizando a questão da independência para o sexo feminino que foi educado para ser esposa e mãe. A escritora questiona a valorização do casamento pela sociedade, tornando privilegiadas as mulheres que se casam e desprestigiadas aquelas que não colocam o matrimônio em prioridade. Colasanti também nos faz meditar sobre como lidamos com as injustiças presentes no mundo e sobre a velocidade do tempo em que vivemos que nos obriga a avançar sem apreciar o que está ao nosso redor.

Portanto, percebe-se a importância de Colasanti para a literatura brasileira e mundial, pois ela nos faz ver a vida como ela é e estar, através da arte do escrever, do pensar, do questionar-se por tudo, desenvolver um senso crítico, deixar de lado os velhos costumes que não valorizam nossa



existência, atualizar nossas ideias sobre o valor da vida, o valor da mulher, que atualmente vale por dois, três ou quatro homens. Fica aqui o nosso agradecimento a essa grande artista que fez da literatura uma arte de expressão e valorização.

Referências:

COLASANTI, Marina. **Mulher daqui pra frente**. São Paulo: Círculo do Livro, 1990. 190 p.

COLASANTI, Marina. **Eu sei, mas não devia**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996. 192 p.

FRAZÃO, Dilva. **Biografia de Marina Colasanti**. Ebiografia, 14 nov. 2017. Disponível em: https://www.ebiografia.com/marina_colasanti/. Acesso em: 1 dez. 2021.



Festejando o aniversário de Rachel de Queiroz



Emerson do Nascimento Cardoso

O Ceará comemora, em 17 de novembro, o **Dia da Literatura Cearense**. A data foi escolhida por ser o dia em que nasceu a cearense Rachel de Queiroz, uma das mais significativas autoras brasileiras. No âmbito dessas comemorações, refletimos sobre a inserção dessa autora no cânone literário nacional e, sobretudo, sobre sua vasta e polissêmica produção artístico-literária.



Nascida em Fortaleza, em 17 de novembro de 1910, a autora já trabalhava na imprensa cearense na década de 1920, mas foi com a publicação de seu primeiro livro, *O Quinze*, em 1930, que ela recebeu atenção dos principais críticos da época e tornou-se conhecida em âmbito nacional.

Em inúmeros contextos histórico-sociais a voz feminina sofreu cerceamentos. Isso ocorreu nos mais diversos espaços e, em nossa literatura brasileira, invariavelmente lastreada pelo patriarcado, não foi e não tem sido diferente. Rachel de Queiroz, porém, conseguiu se estabelecer nesse cenário complexo e, por vezes, excludente.



Como rememora no livro **Tantos anos** (1998), ela sofreu severas críticas em Fortaleza ao publicar **O Quinze**. Aconselhada a enviá-lo para críticos do Sudeste, ela obteve amplo reconhecimento por seu trabalho artístico e, segundo Afrânio Coutinho (2001, p. 1326): “Na linha do documentário sociorregional, depois de *A Bagaceira*, a primeira obra é *O Quinze*, que consolida a ficção nordestina”.

Os que consideraram sua obra de estreia insignificante não esperavam que ela se tornaria tão proeminente no panorama literário nacional: 1) ela recebeu os mais relevantes prêmios da literatura de língua portuguesa (foi a primeira mulher a receber, em 1993, o Prêmio Camões), 2) tornou-se acadêmica da Academia Brasileira de Letras (sendo a primeira a conseguir isto) e da Academia Cearense de Letras, 3) permaneceu de 1945 a 1975 em evidência escrevendo crônicas numa revista de destaque (como foi a revista **O Cruzeiro**), 4) envolveu-se com rigor em assuntos políticos e 5) participou ativamente da vida literária nacional com direito a boas estratégias e muita persistência para integrar esse campo que, ainda no século XXI, exclui tanto as minorias sociais.

Rachel de Queiroz entrou, sim, no cânone, mas para que isso ocorresse ela teve que driblar a tendência do campo literário de excluir as mulheres. Podemos afirmar que a mulher não conseguiu entrar nele sem empreender inúmeras lutas. Transposta a barreira do gênero, no entanto, Rachel de Queiroz participou dele com afinco. Supostamente discreta, como demonstra em seus textos e entrevistas, a verdade é que ela não se isentou de lidar com os jogos de poder indispensáveis para impor sua presença e firmar-se como uma das maiores autoras do país.

Não podemos pressupor que foi tranquilo ser mulher e participar da literatura brasileira de seu tempo. Exemplo disso é que, quando seu primeiro romance foi publicado, embora com as críticas positivas que recebeu, supuseram que o texto havia sido escrito por um homem. Fica implícita a ideia, com isso, de que uma mulher não seria capaz de criar, do



ponto de vista dos críticos e literatos da época, uma obra artístico-literária tão bem articulada, concisa, expressiva e, sobretudo, comprometida com o que há de estético e social em sua tessitura narrativa.

Já **O Quinze**, que recebeu o **Prêmio Graça Aranha**, trouxe os principais temas que seriam retomados na carreira literária da autora: o forte telurismo, o sertão e suas múltiplas facetas socioculturais, o Nordeste como espaço a partir do qual as personagens se desenvolvem, a condição da mulher no século XX, dentre outros pontos.

Quanto ao tema da presença feminina em suas obras, Rachel de Queiroz não hesitou em construir mulheres que destoam dos ditames estipulados socialmente. Suas heroínas buscam emancipação apesar das dificuldades impostas a elas. Nem sempre essas mulheres apresentadas pela autora são bem-sucedidas em suas metas existenciais, mas quais heróis romanescos do século XX conseguem obter sucesso em suas metas?

Os romances da autora, também suas peças teatrais, trazem personagens femininas cujas existências entram em descompasso com as visões sociais vigentes. Assim, ela consegue discutir com maestria a pluralidade de sujeitos femininos, mesmo nas poucas obras protagonizadas por homens.

Dentre outras obras, Rachel de Queiroz publicou: **O Quinze** (1930), **João Miguel** (1932), **Caminho de Pedras** (1937), **As Três Marias** (1939), **Lampião** (1952), **A Beata Maria do Egito** (1958), **Dora, Doralina** (1975), **O Galo de Ouro** (1986) e **Memorial de Maria Moura** (1992).

No dia 17 de novembro, comemoramos o fato de Rachel de Queiroz ter existido e contribuído notavelmente para as letras de nosso país. Para comemorá-la, como ela merece, o mais pertinente seria conhecer a obra artístico-literária produzida por ela. Quando o assunto é entender as especificidades de sua escrita, e propagar a grandeza de sua arte literária,



ainda há muito a ser dito. Por meio da leitura de suas obras, teremos a dimensão exata da pluralidade de suas temáticas e da expressividade de sua linguagem. Leiamos, então, o que ela construiu por nós e para nós.

No mais, é preciso conclamar: 1) o Brasil a lembrar sempre da produção artístico-literária dessa imortal de nossas letras, 2) o Nordeste a propagar essa voz feminina atenta à observação arguta de outras vozes, por vezes, silenciadas e 3) o Ceará a festejar um dos maiores nomes que legou ao país para a construção de uma literatura nacional de relevo.

Referências:

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

COUTINHO, Afrânio (org.). **Enciclopédia Brasileira**. 2. ed. São Paulo: Global Editora; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional / DNL: Academia Brasileira de Letras, 2001.

QUEIROZ, Rachel de; QUEIROZ, Maria Luiza de. **Tantos anos**. 2. ed. São Paulo: Siciliano, 1998.



Indicações de Livros



Inflama



Luciana Bessa Silva

Cada obra literária, ao ser publicada, é um convite para ser conhecida e desvendada. Isso só é possível, quando ela for aberta e lida. O escritor escreve para ser lido, analisado, debatido e questionado. Ele/Ela quer se fazer ouvir, levantar questões, construir conexões.



Ao abrir a obra **Inflama** (2019), de Maria Kilô Ferrera, mulher negra, jovem, poeta, slammer, nascida em Caruaru-Pe, deparei-me com poemas fortes, sensíveis, críticos e reveladores.

Segundo a própria escritora, **Inflama** traz um pouco de suas influências eróticas: “gosto de como você me invade, / lento, / e tua carne envolve a minha”... (“Amarga”); existenciais: “Meus olhos pesam como se todo o choro da vida tivesse / acumulado aqui...” (“Inércia”) e crítica: “Sou Marielle Franco, e logo depois de morrer / percebi / que muita coisa mudou, quase tudo piorou...” (Franco).

Os poemas dessa obra permitem-nos conhecer mais sobre Kilô, que tem como uma de suas referências Mayara Isis, organizadora do Sarau das Pretas no Rio de Janeiro, além da escritora Clarice Lispector (1920-



1977), do filósofo Friedrich Nietzsche (1844-1900) e, claro, slammers.

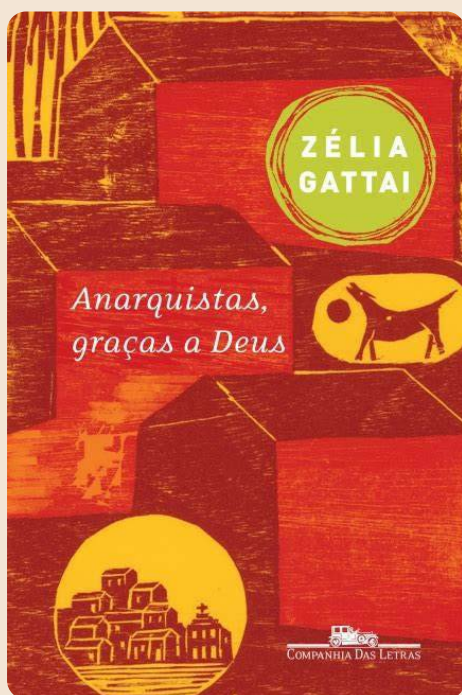
Por meio do Slam, batalha de poesias autorais faladas surgida nos Estados Unidos na década de 1980, Kilô tem escapado de uma vida fútil, bruta e áspera, porque em contato com essa poesia, que se espalhou pelas periferias das cidades brasileiras desde 2008, e fala de dor, de vida, de medo, valoriza a palavra oral; ela se coletiviza e se humaniza. Além disso, o movimento é uma importante ferramenta das pautas negras, feministas, indígenas, LGBTQI+, anticapitalista etc.

Por que ler **Inflama** (2019)? Além de uma linguagem fluída e acessível, a obra possibilita-nos compreender quem é o outro, quais seus medos e seus desejos, coloca-nos em contato com temas atuais, como a identidade e a força femininas, permite-nos refletir sobre a sociedade que temos e a sociedade que queremos, ou simplesmente, porque a poesia é resistência.



Lembranças de uma anarquista chamada Zélia Gattai

Luciana Bessa Silva



A obra **Anarquistas, Graças a Deus**, foi a primeira da escritora Zélia Gattai (1916-2008), trata-se do registro de seu nascimento, infância e adolescência, mas é também um importante relato da imigração italiana na cidade de São Paulo, no início do século XX.

Publicado em 1979, ano em que recebeu o prêmio Paulista de Revelação Literário, com mais de duzentos mil exemplares vendidos, **Anarquistas, Graças a Deus**, tornou-se minissérie - dirigida por Valter Avancini - veiculada pela Rede Globo, no ano de 1984.

Em **Anarquistas, Graças a Deus** a “vida explode” como diria o escritor, incentivador e marido de Zélia, Jorge Amado (1912-2001). Ao narrar a si, a escritora narra o(s) outro(s) – espanhóis, libaneses, portugueses - imigrantes como ela que viveram nos bairros do Brás, Bexiga e Mooca, - marginalizados por sua cor, por sua nacionalidade, por seus valores e suas ideias em construir um mundo sem hierarquias, baseado na cultura da autogestão, da solidariedade e da coletividade.



Registra, ainda, uma São Paulo sem o barulho dos carros, sem poluição, com céu azul, serenatas, em que se escutava discos no gramofone, cortejos de carros fúnebres, em que os moradores dormiam com suas portas sem trancas, em que fazer compras na Loja Ceylão, ir para o Cinema América era a diversão da família paulistana não abastada. A família Gattai (Ernesto e Angelina, marido e esposa, e os filhos, Tito Remo, Wanda, Vera e Zélia) testemunharam a chegada do rádio, o fim do cinema mudo, as competições automobilísticas (seu Ernesto foi um dos primeiros moradores paulistanos a ser “conductor de carro automóvel” e fazer a travessia São Paulo-Santos e Santos-São Paulo).

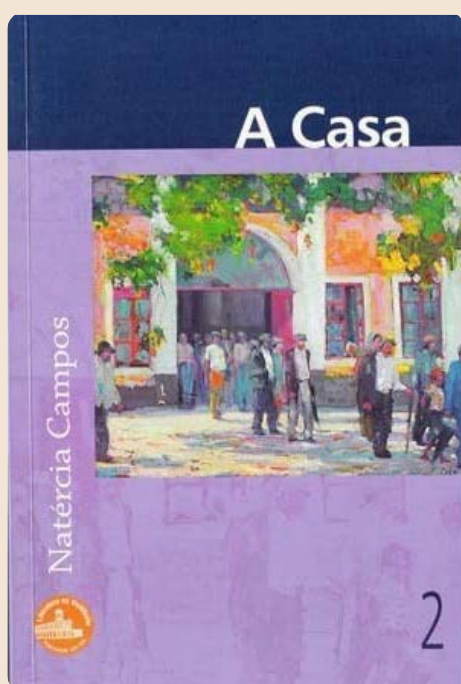
A leitura de **Anarquistas, Graças a Deus** nos possibilita conhecer: 1) A gênese do movimento anarquista no Brasil; 2) O pensamento liberal do imperador Dom Pedro II, que concedeu terras e apoiou a primeira colônia (Cecília) anarquista no país; 3) A prática de leitura de uma família anarquista **Germinal**, de Émile Zola (1840-1902), **Os Trabalhadores do Mar** e **Os Miseráveis**, de Victor Hugo (1802-1855), **A Divina Comédia**, de Dante Alighieri (1265-1321); 4) as lutas anarquistas e comunistas por um mundo mais justo; 5) o movimento feminista no Brasil etc.

Para além de esposa, datilógrafa e revisora dos textos do marido, Jorge Amado, a antiga ocupante da cadeira nº 23, da Academia Brasileira de Letras (ABL), é autora de nove livros de memórias, um romance, uma fotobiografia e três livros infantis que esperam para serem lidos.



Uma casa, três experiências

Luciana Bessa Silva



Grande é poder dos livros na existência humana. Não é à toa que muitos foram queimados em praça pública, pois tudo aquilo que pudesse desestabilizar, questionar ou desviar os homens das normas ou dos padrões impostos pela sociedade deveria ser destruído.

Tantos são os livros que nos esperam para serem lidos, mas a existência é finita, por isso, alguns não são lidos, outros são guardados do lado esquerdo do peito, outros arquivados na memória, outros nos acompanham em momentos diferentes da

nossa jornada.

Foi o que aconteceu com a obra **A Casa**, ganhador do prêmio Osmundo Pontes, no ano de 1999, da escritora cearense Natércia Campos. Minha primeira leitura aconteceu no ano de 2004, quando foi indicado para o vestibular da Universidade Federal do Ceará (UFC). Um texto de aproximadamente noventa páginas sem divisões de capítulos, imaginei que seria lido em três dias. Ledo engano! Levei pouco mais de um mês e ao finalizar fiquei com aquela sensação que nos encontraríamos novamente.



Em 2019, fui convidada para ministrar uma palestra na semana de Letras da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e precisava escolher uma escritora cearense. De pronto, pensei em Rachel de Queiroz (1910-2003), primeira mulher a ingressar na Academia Cearense de Letras, no ano de 1977. Depois, imaginei: mesmo quem ainda não leu a autora de **O Quinze** (1930), dela já ouviu falar. Lembrei-me, então, da filha do contista Moreira Campos (1914-1994), nascida na capital de Fortaleza, no dia 30 de setembro, de 1938, moradora da Praia de Iracema, mas que gostava do cheiro e do sabor do sertão, que ela praticamente não conheceu.

A palestra na UECE me fez entrar em contato novamente com **A Casa**. Como reler é prazeroso e permiti-nos desvelar objetos, personagens e situações! Nesta segunda leitura, deparei-me com uma casa, que além de narradora, personagem e espaço, é a personificação de um ser humano. **A Casa** conta-nos como foi construída – “Fui feita com esmero...” -, quando foi batizada “Foi em junho, na Hora-Aberta... que fui batizada pela chuva repentina e alvissareira...”, qual seu nome - “Na mais serena das horas canônicas, chamaram-me de Trindades” -, seu apelido – “Com o tempo puseram-me o apelido de Casa Grande” -, sua morte – “A casa irá para o fundo das águas...”-.

A vida nos reservou um terceiro encontro. Fui aluna do curso de contação de história da Escola de Narradores do Cariri, em 2020. Para formatura, uma história deveria ser contada. Esse foi, pois, meu terceiro encontro com **A Casa**, cujos moradores, Custódio - “cismado, furtivo” ; Bento “dotado de poderes de cura, assim afortunado por ter chorado no ventre materno”; Tia Alma, que passou a existência - “entregue à eterna peleja entre a Vida e a Morte” ; Bisneto – “viera gêmeo com uma menina, mas dela roubara suas forças da barriga da mãe e só ele de lá saíra com vida”; Maria – “Era ela incansável na difícil arte de arrumar, pôr em ordem e manter sempre limpos quartos e salas” – Eugênia, afilhada do Bisneto, nascida com sorte, mas “Ninguém escapa à roda do viver nem mesmo os



empelcados” e alguns outros, como os Ventos e a Morte.

Natércia Campos e sua **Casa** me proporcionaram três experiências: a primeira, difícil, o que me desestabilizou; a segunda, apaixonante, o que me deleitou; a terceira, poética, o que definitivamente me conquistou e me fez compreender que no breve intervalo entre ler e reler uma obra se eterniza para um leitor.

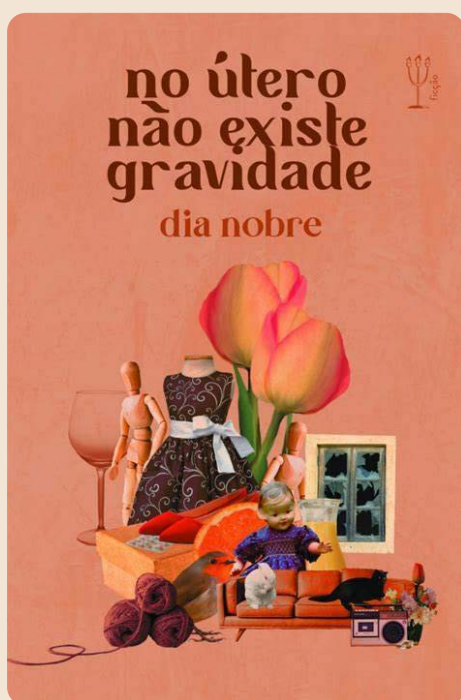
Referência:

CAMPOS, Natércia. **A Casa**. Fortaleza: Editora UFC, 2004. 89 p.



No útero não existe gravidade

Thirley Pinheiro



No útero não existe gravidade (2021), segundo livro da escritora cariense Dia Nobre, foi lançado em maio de 2021 pela editora Penalux e traz, ao longo de 122 páginas, contos e textos curtos carregados pela linguagem poética que já é característica da escrita da autora.

Composto por textos híbridos, é uma obra que não se encaixa em nenhuma definição de gênero literário, porque segundo a própria autora "livro é o que o leitor diz que é". Sendo assim, nos deparamos com um texto fragmentado com relatos não lineares de uma protagonista marcada por traumas de abandonos, relacionamentos abusivos, perdas e principalmente de uma relação conflituosa com a mãe, que, mesmo morta, está impregnada nas ações e escolhas da filha.

*"mamãe é tão divertida,
espero que ela morra".*

Em **No útero não existe gravidade** (2021) é possível perceber o amadurecimento da protagonista inclusive através da linguagem. De início



somos introduzidos a uma criança atravessada por perdas: da avó, aos cinco anos; de Esperança, a vizinha da frente; de seu melhor amigo, que se matou com a corda no pescoço; da professora por quem se apaixonou. Ao mesmo tempo que passa por enfrentamentos de abusos sexuais por homens mais velhos e abusos psicológicos por uma mãe narcisista.

"porque você não aguenta me ver livre? livre? não se pode ser livre quando se é sustentada! seria o que a mãe teria respondido se tivesse me ouvido (...) nós só viramos gente de verdade quando podemos viver sozinhas".

À medida que essa menina cresce, fica notável os efeitos que esses abusos e abandonos maternos lhe causaram. Essa protagonista torna-se uma pessoa desconfiada e insegura, sempre em busca de acolhimento, e a todo momento tenta substituir a falta da mãe por outras mulheres, seja irmã, avó, professora, ou até mesmo a própria gata, que aparece na narrativa como objeto para trazê-la de volta à realidade.

No útero não existe gravidade (2021) estabelece uma relação com a fluidez da água, sendo um dos temores da protagonista que se derrama em líquidos, através de suas lágrimas, sangue, urina e até mesmo do próprio nascimento, uma vez que a barriga da mãe é um universo de água onde o feto não sofre com peso da gravidade e sua saída de lá é feita através da água que estoura da bolsa da mulher.

Dia Nobre apresenta uma obra intimista de autoficção, partindo de algumas de suas próprias memórias para construção dos caminhos trilhados por essa protagonista. É uma narrativa que desperta o questionamento acerca da maternidade, desconstruindo a imagem romantizada criada por uma sociedade patriarcalista da mulher como um ser sagrado, que tem sua individualidade apagada a partir do momento em que gera outro ser. Para além de mãe, a mulher é um sujeito histórico-social.



É um livro profundo e dolorido, marcado pela melancolia de uma mulher que é várias dentro de si. E, apesar de curto, exige tempo para ser lido e digerido.

Referência:

NOBRE, Dia. **No útero não existe gravidade**. Guaratinguetá, SP: Penalux, 2021. 122 p.



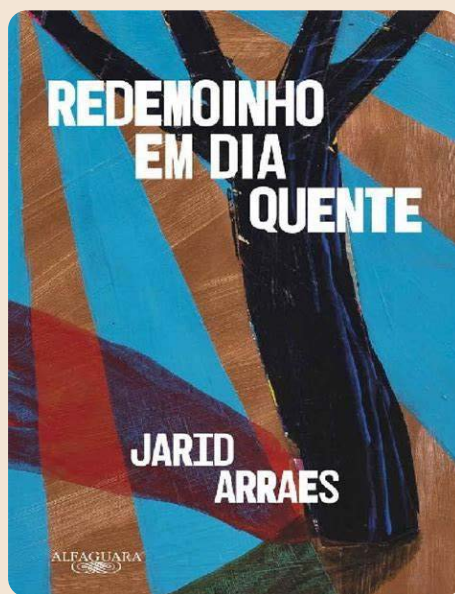
Redemoinho em Dia Quente

Thirley Pinheiro

Livro de estreia de Jarid Arraes no gênero dos contos, **Redemoinho em Dia Quente** traça pequenos perfis das cidadãs comuns das ruas do Cariri. Lançado em 2019 pela editora Alfaguara, traz, ao longo de 127 páginas, trinta contos protagonizados por mulheres plurais que precisam lidar com questões oriundas do próprio íntimo.

Nascida em Juazeiro do Norte, Jarid Arraes é escritora, cordelista e poeta. Criadora do Clube de Escrita Para Mulheres, desde cedo teve influência da poesia, já que seu avô, Abraão Batista, e seu pai, Hamurabi Batista, são cordelistas e xilogravadores conhecidos no Cariri e logo a introduziram à arte de versejar. É autora dos livros **As Lendas de Dandara** (2016), **Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis** (2017), **Um Buraco com Meu Nome** (2018), além de mais de setenta títulos em Literatura de Cordel.

Dividido em duas partes, **Redemoinho em Dia Quente** tem a fé católica como temática recorrente nas vidas de algumas de suas protagonistas, tal qual nas vidas de muitos juazeirenses, cuja religiosidade e turismo religioso são de grande relevância à economia local. Na primeira parte,



Sala das candeias, a autora referencia Nossa Senhora das Candeias, que tem uma das maiores romarias de Juazeiro do Norte, em que os devotos acendem velas e candeiros em sua homenagem. Na segunda parte, Espada no coração, Jarid Arraes faz referência à padroeira da cidade, Nossa Senhora das Dores, representada com sete espadas no coração, cada uma para as dores vividas pela mãe de Jesus.

Cada conto introduz-nos ao cotidiano de figuras típicas e comuns, facilmente identificáveis por serem parte da nossa cultura. Uma senhora muito devota do *Padim Ciço*, que acha uma sacola com drogas e acredita que é seu caminho para encontrar o padre. Uma menina de onze anos assombrada pela presença (e, posteriormente, a ausência) da avó doente que precisa dos seus cuidados. Uma mulher presa a um companheiro violento, aterrorizada com a possibilidade de morte após desapontar este homem. Uma cordelista que vendia seus versos na praça Padre Cícero.

Os cenários da cidade são realistas e afetivos, capazes de causar reconhecimento aos leitores que já transitaram pela Praça da Sé, no Crato; que subiram a Serra do Araripe para acampar ou fazer trilhas, que visitaram o horto, que fizeram suas orações na Paróquia do Sagrado Coração de Jesus, popularmente conhecida como Igreja do Salesiano, em Juazeiro do Norte. Até mesmo os espaços comuns de uma cidade do sertão cariense são reconhecíveis:

“Paramos na linha do trem, olhando as casinhas quase gêmeas, diferentes apenas pelas cores das paredes. Uma porta de madeira, uma janela de madeira. Em cada uma delas. O formato familiar, inteligível, paisagens de tantos dias em que retornava para casa e tantas vezes, até mesmo, eu pensava que aquilo era uma marca de vergonha, porque era pobreza. Hoje sou capaz de perguntar se é possível ser rico e habitar uma casa como aquela. Ou a riqueza exige de alguém os formatos espelhados que podem ser arquitetura de qualquer terra? (ARRAES, 2019, p. 86).”



Para a construção da obra, Jarid Arraes criou um mosaico de histórias profundas das ruas e mulheres do Cariri, através de fotografias tiradas durante uma viagem à sua terra natal, enquanto **Redemoinho em Dia Quente** ainda estava em processo de escrita. Essas fotos foram exibidas numa exposição no segundo lançamento do livro, em São Paulo, e estão disponíveis no site do livro.

Mulheres caririenses. Meninas, moças, adultas e idosas. Mulheres negras, transgêneros, homossexuais, bissexuais. Mulheres sonhadoras, cotidianas, violentadas pelas estruturas sociais e machistas. Personagens marginalizados e reais. Mulheres comuns. Jarid Arraes apresenta o Cariri que a gente conhece bem, longe dos estereótipos de sertão representado pela mídia. Nossos dialetos, nosso sotaque e nossa cultura estão devidamente retratados. Difícil é não se sentir representada com uma protagonista que adora o aluá das renovações, ou com as crianças que pegam bigu e mandam uma ruma de coisa para baixa da égua.

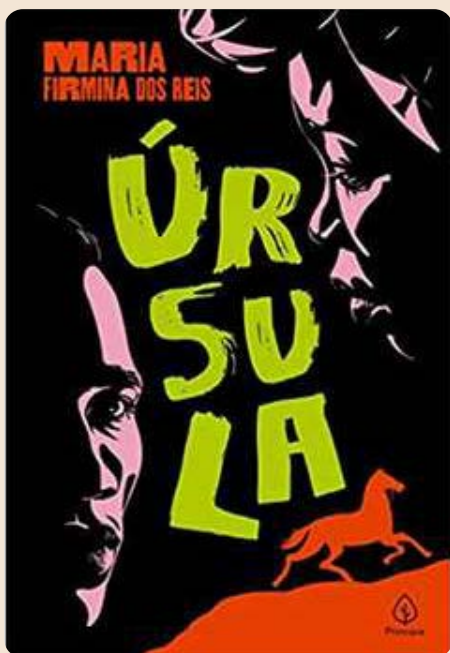
Referência:

ARRAES, Jarid. **Redemoinho em Dia Quente**. Rio de Janeiro, RJ: Alfabeta, 2019. 152 p.



Quem é Úrsula?

Luciana Bessa Silva



Úrsula é o romance da maranhense Maria Firmina dos Reis (1822-1917), mulher negra, autodidata, que se descrevia como uma criatura frágil, tímida, e por consequência, melancólica. Enveredou pela poesia, pela música e pela crônica. Seu pioneirismo foi além da arte literária: foi a primeira mulher a ser aprovada para o cargo de professora de primário e fundou a primeira sala de aula gratuita e mista, em Maçaricó próximo de Guimarães.

Sabendo de sua posição social no século XIX, Firmina declara no prólogo do romance: “Pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e conversação dos homens ilustrados”. O descrédito à literatura produzida por mulheres no passado era uma estratégia para abafar a voz feminina e legitimar a voz masculina como a única representante de uma elite cultural.

Úrsula pode ser considerado o primeiro romance abolicionista brasileiro de autoria feminina. Publicado em pleno movimento romântico (1836-1881), neste período José de Alencar criava personagens indianistas



dóceis, bons e inocentes, **Úrsula**, para além da temática do sofrimento, da morte, do incesto e do amor, rompe com a tradicional visão do negro, sujeito sofredor e alienado, até então vigente.

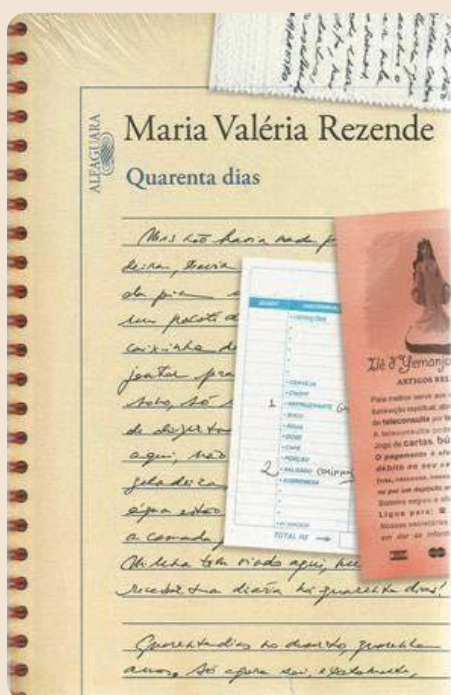
É verdade que a heroína é branca, mas o que mais chama atenção é uma tríade de personagens negras – Túlio, Antero e Suzana. De sua boca ouvimos sua triste trajetória: foi arrancada de sua terra (África), separada de seu marido, de seus filhos e foi jogada em um navio negreiro, onde presenciou as mais terríveis desumanidades.

Maria Firmina adornou um típico enredo romântico de considerações e análises sociais sob a perspectiva do feminino e do negro. Sua voz sensível, poética e crítica é capaz de fazer o leitor querer escutá-la e propagá-la. Urge, pois, ler **Úrsula** – (bd.camara.leg.br).



Um vasto mundo chamado Maria (Valéria Rezende)

Luciana Bessa Silva



Geograficamente, santista; por amor a João Pessoa, paraibana. Maria Valéria Rezende começou a escrever cedo, mas publicou seu primeiro livro com quase sessenta anos: **Vasto Mundo** (2001).

Leitora do poeta *gauche* Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), dele escolheu o verso que daria título à sua estreia literária: “Mundo mundo vasto mundo / mas vasto é o meu coração” (**Poema de Sete Faces**). Para Rezende, que escolheu entre se casar e se tornar freira, a segunda opção; que trabalhou com educação popular, atuou em diferentes regiões do Brasil e já deu a volta ao mundo pelo menos três vezes, palavras da própria autora em entrevistas, a vastidão do lado esquerdo do peito contaminou sua literatura: são dez obras no campo infantil/juvenil, cinco romances e três (obras) de contos.

Na opinião de Rezende, seu segundo livro – **O Voo da Guará Vermelha** (2005), que conta a história de obscuridade das personagens Irene e Rosálio, deveria ter sido premiado. Não foi. O prêmio, ou melhor, os prêmios foram reservados para o livro **Quarenta Dias**, publicado em 2014,



e agraciado com dois jabutis no ano seguinte nas categorias de melhor romance e melhor livro de ficção.

Assim como Jesus recolheu-se em jejum por quarenta dias no deserto, Alice, professora paraibana aposentada, passou quarenta dias pelas ruas de Porto Alegre procurando um tal de Cícero Araújo. Na verdade, o filho da manicure Socorro foi o álibi perfeito para Alice encontrar a si mesma, depois que sua filha Aldenora (Norinha) obrigou-a, com chantagem emocional, a se mudar de sua terra natal, seu porto seguro (Paraíba) para o frio do Sul para assumir o cargo de avó profissional.

Contudo, quando Alice chega em um apartamento *modernoso* (Porto Alegre), não se reconhece naquele lugar estranho que parece cenário de televisão. Como não bastasse, sua filha comunica-a que precisará passar uns seis a oito meses na Europa, pois ganhou uma bolsa de pesquisa.

Alice, que constantemente faz menção à sua xará, Alice (Lewis Carroll), sente-se como “um bicho estranho em terra estranha”. Alice, que também se intitula a professora Póli (em alusão à obra **Polliana**, de Eleanor H. Porter), procura fazer o “jogo do contente” diante daquela situação que vergonhosamente cedeu. “O resto é consequência”.

Para buscar a si mesma, a narradora-personagem vale-se de um caderno com trezentas folhas amareladas, cuja capa é a Barbie. A boneca, que segundo Alice, nasceu para ser vestida e despida pelos outros e nunca envelhece, torna-se sua amiga e confidente. Neste caderno, a mãe de Norinha (não em ordem cronológica, pois a memória é precária e a gente esquece) passa sua vida a limpo.

O leitor, então, fica sabendo do desaparecimento de seu marido (Aldenor), sua felicidade em ter uma filha e amiga (Aldenora), a distância que o tempo impôs às duas, a partir do momento em que ela entrou na Universidade, o namoro com Umberto, os planos do casal em ter um filho e Alice se tornar avó profissional, as chantagens a que submeteu à sua



própria mãe para ela se mudasse para Porto Alegre, a busca de Alice por Cicero Araújo, ou seja, a busca de si.

Quarenta Dias apresenta uma linguagem acessível, envolvente e instigante. É uma pintura sobre as relações familiares e sobre um Brasil dividido pelo progresso (Sul) e pelo atraso (Nordeste), mas que se olharmos com os olhos do coração descobriremos um vasto mundo camuflado de *brasileirinhos* que precisam uns dos outros.



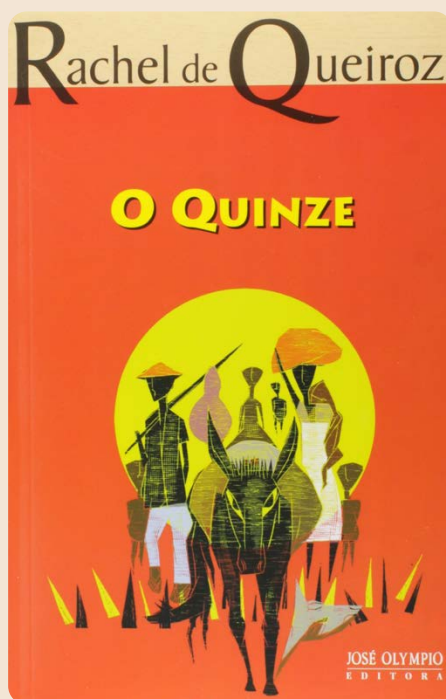
O Quinze

Luciana Bessa Silva

Meu primeiro contato com Rachel de Queiroz (1910-2003) foi através de sua obra de estreia O Quinze (1930). Dois núcleos marcam essa narrativa dolorosa e reflexiva - a (não) relação do amor entre Conceição e Vicente e a luta por sobrevivência da família de Chico Bento - que atravessa décadas e se mantém atual.

O fenômeno da seca, pano de fundo da obra, é responsável por Conceição convencer Mãe Nácia (por meiguice, por súplica) a desenganar-se do inverno e levá-la para Fortaleza pelo menos por um período, já que a própria avó afirmava: “Não sei como não cega a gente... Já estou preta e descascando, só do mormaço”. Na capital, suplicava ao “castíssimo esposo da Virgem Maria” por chuva, que para ela significava não deixar morrer “de fome e de seca” o seu Logradouro, seu lugar de pertencimento há mais de 25 anos, pois dele só saíra “a não ser para o Quixadá!...”, mas logo voltara.

Excetuando o espírito religioso, Vicente também espera em dias melhores com a chegada das chuvas, por isso é categórico ao afirmar:



“Enquanto houver juazeiro e mandacaru em pé e água no açude...”. Cada um dos personagens, Mãe Nácia e Vicente, dotados de fé e de força, crê na variação das quatro filhas e companheiras do deus-sol, Hélios – as estações do ano.

Na contramão das personagens anteriores, Conceição desacredita tanto nas crenças de sua Mãe, como na própria chuva, assim como Dona Maroca, que manda abrir as porteiras do curral, solta seu gado e deixa desempregado “seu pessoal”, como é o caso de Chico Bento. Ele negocia algumas reses “Um boiote, uma vaca solteira e um garrote” e sua roupa de couro de capoeiro para juntar dinheiro e conseguir seguir para o Norte. O que fascina nesta narrativa é o aspecto cru do narrador que procura se manter fiel aos fatos e a linguagem regionais.

Mãe Nácia, Vicente e Chico Bento integram o time dos esperançosos nas mudanças climáticas. Foi justamente o sentimento da Esperança que fez este chefe de família animar sua esposa Cordulina, vencer sua natureza bruta, esquecer-se das “saudades, fome e angústia” e imaginá-lo “rico e vencedor”. O que Chico não contava era com as pedras no meio do caminho: perca de três filhos - Josias comeu mandioca crua e morreu; Pedro se perdeu dos pais, Duquinha foi adotado pela madrinha Conceição. O poder corrosivo da seca destruiu vidas, só não roeu (para usar um termo drummondiano) os sonhos de Chico Bento.

Única personagem marcada pela fecundidade em **O Quinze**, Conceição, é um substantivo de origem religiosa que quer dizer “fruto” ou “concepção”. Ela concebeu um filho (embora por adoção), escreveu “um livro sobre pedagogia”, rabiscou “dois sonetos” e citava escritores da biblioteca da avó – “Nordau ou o Renan” – embora tivesse sua própria estante de livros quase “tudo decorado”. Além disso, concebia “ideias” e uma delas era que era “solteirona” e “velha”. Gostava do primo Vicente, mas era ciente da “diferença que havia entre ambos, de gosto, de tendências, de vida”, motivo pelo qual guardou para si o amor que tinha por ele.



A seca, que se transformou em uma indústria, que mata uns (milhares) e enriquece outros, também foi a responsável pelo Governo instalar campos de concentração para abrigar os refugiados com promessas de trabalho e de sustento – “Diziam que aqui o governo andava dando comida aos pobres... Vim experimentar...”. Na verdade, eram espaços de exploração, desrespeito e exclusão com o objetivo separá-los do resto da população da cidade, uma espécie de apartheid em pleno sertão nordestino.

Parafraseando Cazuza que vê “o futuro repetir o passado”, eu vejo na obra **O Quinze**, de Rachel de Queiroz as mesmas problemáticas (fome, miséria, seca, invisibilização do povo nordestino) mais de noventa anos depois... e me questiono: por quê?

Referência:

QUEIROZ, Rachel. **O Quinze**. São Paulo: Siciliano, 1993.



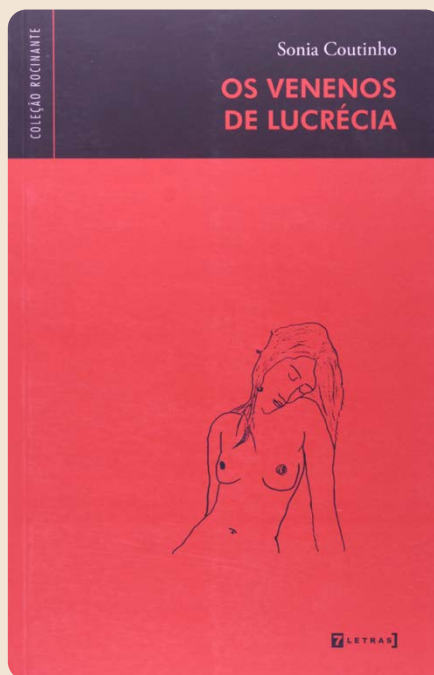
Os venenos de Lucrecia

Luciana Bessa Silva

Conhecer a contística da escritora baiana [Sônia Coutinho](#) (1938-2013) possibilita ao leitor entrar em contato com textos intensos e fortes, que nos faz repensar questões relacionadas ao universo feminino e diferentes situações que perpassam o “ser mulher”.

Em [Os Venenos de Lucrecia](#), prêmio Jabuti no ano de 1979, somos apresentados a dez contos em que os personagens centrais são mulheres (algumas com nomes Cordélia, Lucrecia, Clorinha, Sibila; outras sem), casadas ou solteiras, que ponderam sobre o ato de existir e a necessidade de resistir em uma sociedade marcada por preconceitos e tabus. Todas sabem exatamente o que desejam para si, constroem caminhos para alcançar o objeto desejado e amargam as consequências por suas decisões. Contudo, são sabedoras de que o “grande tempero da vida” é “continuar tentando”.

Destaco três pontos nesta obra: 1) a carga de simbolismo dos nomes das personagens, (Sibila e Lucrecia); 2) o espaço geográfico; 3) tensão entre pais e filhos. O primeiro conto - **O Leque do Afeganistão** – é protagonizado por Sibila, uma mulher de trinta e cinco anos, talvez bonita e jovem casada



Coletânea de Textos: NoDestinadas a Ler



com um professor universitário de sessenta anos. Seus mistérios e sua liberdade nos faz duvidar de suas ações. Talvez, esteja relacionado ao seu nome, substantivo feminino que significa profetisa, bruxa, feiticeira. No conto que dá título ao livro conhecemos Lucrecia – “Uma bela Viúva, madura e rica, versada em Ocultismo e nas Artes Divinatórias”, enterrou seis de seus maridos. Faz-nos lembrar da filha ilegítima de Rodrigo Bórgia (Papa Alexandre VI) - Lucrecia Bórgia - casada inúmeras vezes por mera convenção social e acusada de matar seus maridos envenenados. Os nomes próprios (femininos) na obra de Sônia Coutinho são emblemáticos e nos remetem a outras mulheres que deixaram sua voz registrada na História.

Para “ser-no-mundo” precisamos “estar-no-mundo”. Em **Os Venenos de Lucrecia**, as personagens saem da Cidadezinha (Salvador) – lugar apequenado pela concepção tradicional de seus moradores – e vão para o Rio de Janeiro, espaço agigantado pelo desprendimento e visão de mundo das pessoas. Na “Cidade Grande”, por exemplo, “...uma pessoa pode andar vestida como quiser que ninguém se dá ao trabalho de olhar”. Mas não se enganem: o deslocamento geográfico não permite a tais personagens o emprego, a amizade e o amor sonhados. É possível encontrar uma “espantosa solidão de dois milhões de pessoas”.

O terceiro ponto destacado, tensão entre pais e filhos, é visível nos contos **Na Penumbra**, **Mortos os Pais**, **Pai e Filho** e **Orquídea**. Neste texto, temos uma personagem insatisfeita com sua realidade: casamento e posição social. Orquídea nada mais é do que os anseios, aspirações e prolongamento de sua mãe. Esta traçou metas e a filha as executou. Na Penumbra traz-nos uma mulher que goza de uma situação social confortável, mas resolve abandonar o marido por um amante, sua “única esperança” de se libertar do passado e finalmente sentir-se livre. Então, o leitor toma um choque ao saber que a protagonista, ainda menina, foi abusada pelo próprio pai. E se não bastasse tamanha crueldade, essa menina, hoje mulher procura no amante a imagem do seu genitor: “- Papai, papai – ela murmura, olhando para o homem adormecido”.



Em **Mortos os Pais**, temos um acidente brutal que tirou a vida da Mãe e do Pai da protagonista, agora com quarenta anos, independente financeiramente e sem filhos, único conselho de sua mãe (“Case, se quiser, mas nunca tenha filhos...”), que também tem um irmão, o preferido deles. Ele bonito, sempre fácil de ser cuidado “tão diferente da irmã”. Esta, já recém-nascida, “exibiu a marca de Caim”, estranha, triste, “recusando o leite, chorando o dia e noite”... Diante dos corpos dos pais, essa mulher sente um misto de sensações: ódio, dor, pena e, por fim, libertação, pois no fundo “eles foram muito mais infelizes do que ela”.

No conto **Pai e Filho** escutamos a conversa desses dois homens cuja vida foi transformada em um “inferno”, pois a esposa-mãe tinha preferência por Arthur em detrimento ao outro rebento – Saulo ou Paulo, ela “nunca chegou a saber exatamente”. Já o marido, ao se transformar em pai, teve suas decisões desenhadas pela mulher para que se envolvesse na vida política, embora ele não gostasse. “As mulheres atrapalham tanto, sempre querendo que o marido conquiste posições, ganhe dinheiro”. O Filho, Arthur, o único que “realmente contou para ela” transformou drasticamente a vida desses dois homens: Pai e Filho (Saulo ou Paulo).

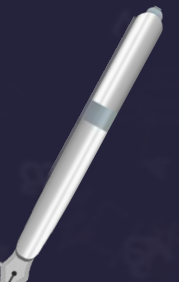
Em Sônia Coutinho, a mulher e suas relações são postas em evidência para que o leitor possa refletir sobre os sonhos, os medos, os desejos, as lutas e as necessidades de cada uma delas dentro de uma sociedade patriarcal. Além disso, o espaço geográfico é a mola propulsora para que as protagonistas desenvolvam seus processos de cura, autoconhecimento e de transformação. Enquanto a sociedade pune, impõe regras de conduta e de comportamento, Sônia Coutinho permite que as mulheres sejam simplesmente elas mesmas, livres.

Referência:

COUTINHO, Sônia. **Os venenos de Lucrecia**. São Paulo: Ática, 1978.



Mulheres Pioneiras



Anilda Figueiredo:

"se tem mulher no cordel, você tem que respeitar"

Thirley Pinheiro

*Adoro ser cordelista
Digo sem pedir segredo
Gosto de escrever versos
Pois traço rimas sem medo
Valorizo o que eu falo
E deixo aqui o abraço
De Anilda Figueiredo.*

Natural do Crato, Anilda Figueiredo nasceu no dia 24 de novembro de 1953. Desde cedo se interessou pela arte de versar. Ainda menina, costumava ouvir sua avó contar-lhe as histórias rimadas do cordel. "Desde criança eu vi minha avó contar histórias/em livrinhos de cordel que ficaram na memória". Não demorou muito, e já estava produzindo obras dessa literatura.



Graduada em Direito pela Universidade Regional do Cariri (URCA), formou-se em 2001. Possui especialização em administração hospitalar (2004) e em Língua Portuguesa e Arte-Educação (2007). Foi professora de Literatura Brasileira e Literatura Popular na URCA. Atualmente é



funcionária aposentada do Banco do Brasil. Em um de seus versos, diz:

*Sou Anilda Figueiredo
O cordel me leva além
Marco o passo da ciranda
Que o cordel no meio tem
Cordel em sala de aula
Não demora, logo vem.*

É evidente, em seus versos, o orgulho que Anilda Figueiredo sente em ser cordelista, arte essa, que considera a alma nordestina. E, bem como Patativa do Assaré, “exalta e canta essa/ terra boa e santa/ com sua poesia”, afinal, o Nordeste é poesia.

Em 2001, junto do poeta Dr. Napoleão Neves, candidatou-se a uma vaga na Academia dos Cordelistas do Crato, entidade criada em 1991 com intuito de preservar a cultura cordelística caririense, que estava sob ameaça de desaparecimento. Dessa concorrência, saiu vencedora e, a partir do dia 21 de abril de 2001, tornou-se membro da ACC, ocupando a cadeira nº 07 que pertenceu ao poeta (e fundador da ACC) Elói Teles de Moraes, sendo a terceira mulher a fazer parte do grupo de cordelistas, ao lado de Bastinha Job e Josenir Lacerda.

Atualmente, Anilda Figueiredo atua como presidente da Academia dos Cordelistas do Crato, um marco de grande importância na luta feminina em busca de espaço na Literatura de Cordel, uma caminhada que começou por volta de 1938, quando Maria Alves Batista Pimentel, sob o pseudônimo de Altino Alagoano (nome do seu marido), começou a publicar seus primeiros folhetos de cordéis, marcando a estreia feminina nessa área da literatura. Desde setembro de 2014, Anilda é sócia efetiva da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), e ocupa a cadeira nº 03, que pertencia ao poeta piauiense Firmino Teixeira do Amaral.

Além de poetisa e cordelista, Anilda Figueiredo é folclorista e



contadora de história. Mulher sábia, quando recita seus versos, que faz questão de decorá-los, encanta os seus ouvintes. Grande representante da poesia produzida por mulheres, em um mote, criado em conjunto com as também cordelistas Dalinha Catunda, Bastinha Job e outras poetisas da região, Anilda diz: “se tem mulher no cordel, você tem que respeitar”. De fato, o que falta às mulheres, seja no cordel, seja no Palácio do Planalto, seja em sua casa, é respeito aos seus direitos!

Em 2020, foi criado o Movimento das Mulheres Cordelistas Contra o Machismo, um grupo formado por mais de 70 coletivos de todo o Brasil, unindo cerca de 1500 mulheres na campanha #cordelsemachismo, dando visibilidade ao espaço feminino na literatura de folhetos, tanto na produção (escrita), quanto na representação, uma vez que as temáticas que abordam personagens femininas são comumente estereotipadas, em que a mulher, ora é o ser mais perfeito do mundo, pronta para servir ao homem; ora é o ser mais perverso, que está lá para corrompê-lo. Mas, seja mulher ou homem, como bem disse Anilda Figueiredo em seu mote: “os dois se dana a rimar/ cada um no seu papel”, e se tem mulher no cordel, nosso dever é respeitar, e nossa missão apreciar.

Referência:

BARBOSA, Diego. Mulheres se mobilizam contra o machismo na literatura de cordel. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 19 jul. 2020, 00:00. Disponível: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/mulheres-se-mobilizam-contr-o-machismo-na-literatura-de-cordel-1.2967252>. Acesso em: 22 nov. 2021.

CATUNDA, Dalinha. Anilda Figueiredo e Luciano Carneiro. **Cordel de Saia**, 11 mar. 2012, 23:09. Disponível em: <https://cordeldesaja.blogspot.com/search?q=anilda+figueiredo>. Acesso em: 22 nov. 2021.



A Literatura de Dalinha Catunda: um Acordar de Conflitos

Leticia Isabelle A. Filgueira

Maria de Lourdes Aragão Catunda nasceu em Ipueriras (Ceará), no dia 28 de outubro de 1952. Dalinha é poeta que desde cedo aprendeu a transformar seus sentimentos em versos e prosas, logo, conquistou espaço até então predominantemente masculino da Academia Brasileira de Literatura e Cordel (ABLC), além



de ser sócia benemérita da Academia dos Cordelistas do Crato (ACC) e criadora do blog Cordel de Saia que agrega mulheres do cordel. Realiza um amplo trabalho de divulgação de Literatura de Cordel, em sites e blogs.

É declamadora de cordel, que para ela, é o canto de uma cearense que adora suas raízes, canto da mulher destemida que ao sair das entranhas nordestinas, abriu uma janela para cantar sobre sua aldeia para o mundo, para que outros poetas cordelistas desfrutem da melodia que suas vivências transmitem através da arte.

Em suas obras a autora trabalha temas relevantes, como machismo, violência contra a mulher, abuso de autoridade patriarcal etc., como por



exemplo no poema "Mulher tem que ter peito", onde Dalinha traz para a arte a realidade de muitas mulheres, expondo os diversos problemas da submissão errônea da mulher para com seu cônjuge e também o que a mulher deve fazer para se valorizar quando há em seu meio homens machistas. Dalinha também preza pela valorização da mulher na Literatura feminina, pois acredita que a mulher veio para preencher a lacuna que lhe cabia por direito na Literatura de cordel.

A poeta ao longo de suas obras recebeu muitas críticas por suas temáticas serem polêmicas, porém tais críticas só a fizeram crescer enquanto sujeito histórico que pensa, escreve e resiste através da arte literária. Em contraposição, também é muito elogiada por sua criatividade em seus textos e na forma como procura expor a realidade de muitas mulheres que não têm voz. Dalinha ainda ressalta que, a mulher e questões feministas, são os principais temas em seu trabalho.

A autora, em sua poética, expõe um autorrelato de suas origens, unificando sua vida à sua inserção histórica e sociocultural. Com temática sempre empoderada, Dalinha cria suas obras carregada de musicalidade, humor, sensibilidade e com rimas impecáveis. Com criatividade intensa, ao encontrar um tema qualquer, já inicia uma rima com estruturação de orações.



A excelência de Josenir Lacerda à poesia popular

Thirley Pinheiro

Josenir Alves de Lacerda é artesã, poeta e cordelista. É cearense, das terras do Cariri, daqui do Cratinho de Açúcar. Nas próprias palavras é "sonhadora poetisa, que aplica rimas na saia, põe babados no folheto, canta o sertão e a praia". Difícil é conhecer um cratense, apaixonado pela sua cultura, que não conheça essa ilustre conterrânea.



Nascida em 16 de janeiro de 1953, Josenir Lacerda foi funcionária da empresa de comunicações Teleceará, por onde se aposentou. Além de ser cocriadora da Academia de Cordelistas do Crato, ela ocupa a cadeira de nº 37, do patrono Enéias Duarte.

Sua obra ultrapassa a marca de 70 trabalhos publicados, com as mais variadas temáticas. Dentre eles se destaca o **Linguajar Cearense**, no qual a poeta versa um cordel dicionário, traduzindo termos da vasta dialética do pessoal do Ceará. O poema figura ainda em vários livros didáticos e foi declamado no YouTube, pelo também poeta cearense, Bráulio Bessa:



*Neste cordel-dicionário
Eu pretendo registrar
O rico vocabulário
Da criação popular
No Ceará garimpei
Juntei tudo, compilei
Ao leitor quero ofertar*

Junto com o marido, seu Miguel, é colecionadora de relíquias e mora numa casa que poderia ser facilmente considerada um museu, onde podemos encontrar objetos que as novas gerações sequer ouviram falar, como uma lanterna a base de carboneto que o casal exhibe com tanto orgulho. É lá também que ela comercializa seus folhetos.

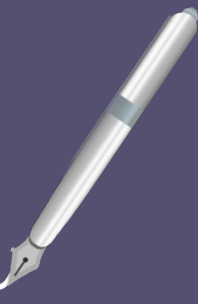
Josenir Alves de Lacerda abriu caminho numa área polarizada por homens e conquistou seu espaço na Academia Brasileira de Cordel, tornando-se a primeira mulher cariense a integrar a entidade, e a segunda cearense. Um exemplo de poeta e uma inspiração de mulher.

Referência:

MENDONÇA, Maristela Barbosa de. **Uma voz feminina no mundo do folheto**. Brasília, DF: Thesaurus, 1993. 240 p.



Laura Russo



Mayara Lima

É de conhecimento de todos o quanto foi precária a educação das mulheres ao longo dos séculos. A família, na tentativa de protegê-las de sofrerem um mau não permitiam que fossem alfabetizadas e as poucas que conseguiam aprender a ler e a escrever possuíam acesso limitado aos livros. Dessa forma, sem formação, incentivo e informação, a mulher foi educada para aceitar e não contestar, para ser coadjuvante e não protagonista. Entretanto, algumas delas conseguiram estar à frente de seu tempo e deixaram um legado que precisa ser constantemente revisitado.

Laura Garcia Moreno Russo (1915-2001) foi uma bibliotecária brasileira pioneira na atuação na regulamentação da profissão no final da década de 1950. Foi, ainda, a responsável por fundar a Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários (FEBAB), sendo sua primeira presidenta. Presidiu também o Conselho Federal de Biblioteconomia (1966-1968) e atuou, na condição de bibliotecária na Academia Paulista de Letras e foi diretora da Biblioteca Mário de Andrade.



Coletânea de Textos: No destino da Letra



Sua atuação foi mais longe: elaborou a primeira versão do Código de Ética Profissional do Bibliotecário em 1961, sendo aprovado dois anos depois, no IV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, sob responsabilidade da FEBAB. No ano de 1966, o Código de ética assume o status de lei, sendo de responsabilidade do Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB), com o propósito de exercício e da ética profissional.

Como forma de reconhecimento por sua atuação profissional, o Conselho Regional de Biblioteconomia do Estado de São Paulo (CRB-8) criou em 1998 o Prêmio Laura Russo, com a missão de reconhecer e incentivar ações do uso da biblioteca e do incentivo da leitura em São Paulo.



Maria das Neves Batista Pimentel: a paraibana por trás do alagoano

Thirley Pinheiro

Primeiro foi seu pai, segundo seus irmãos, depois dela, muitas outras. Maria das Neves Batista Pimentel é considerada a primeira mulher a publicar cordéis no Brasil abrindo as portas da poesia popular para outras poetisas.



Nascida em João Pessoa, no dia 02 de agosto de 1913, era filha de um dos maiores poetas populares do Nordeste, Francisco das Chagas Batista, dono de uma livraria e topografia na capital paraibana.

Com essa grande influência artística, era de se esperar que a filha seguisse os passos do pai, como fizeram seus irmãos. Só que no sertão nordestino, em meados do século XX, essa não era a realidade das mulheres que escreviam. E, para ter sua obra publicada, a solução que Maria das Neves encontrou foi usar como pseudônimo o nome do seu marido Altino Alagoano:

- Todos os folhetos que foram vendidos na Livraria de meu pai ou que foram impressos, tinham nome de homem, eram homens que faziam, não existia naquele tempo, folheto feito por mulher, e eu, para que não fosse a única, né?, meu nome aparecesse no



folheto, não fosse eu a única, então eu disse: – Eu não vou botar meu nome. Aí meu marido disse: – Coloque Altino Alagoano (PIMENTEL *apud* MENDONÇA, 1993, p. 70).

Foi assim que, em 1938, tornou-se a matriarca da história do cordel, com obras como **O Corcunda de Notre Dame**, **O Amor Nunca Morre** e, o mais conhecido, **O Violino do Diabo ou o Valor da Honestidade**, todos baseados em obras eruditas de Victor Hugo, Abade Prévost e Victor Perez Escrich, com o intuito de tornar estas obras acessíveis aos leitores e ouvintes menos letrados. “Eu transformei aquela literatura no linguajar do povo, no modo que o povo fala, que o povo entende” (PIMENTEL *apud* MENDONÇA, 1993, p. 71). Qualquer um de nós pode ser contaminado pela literatura, desde que sua linguagem atraia o leitor.

Vivemos em tempos complexos e com uma variedade de veículos de comunicação. Logo, a literatura, como um produto social, precisa ser atraente, instigante e envolvente.

Além de escritora excepcional e pioneira na publicação de folhetos, Maria das Neves Batista Pimentel foi uma grande leitora. Segundo sua filha Alzinete Pimentel, seu arcabouço literário conta com diversos autores nacionais e internacionais, todos registrados com sua grafia impecável. Todo escritor é um potencial leitor.

Todo esse pioneirismo levou a professora e poeta Paola Torres a criar, em 2019, a "Cordelteca Maria das Neves Baptista" – localizada na Biblioteca Central da Unifor, em Fortaleza-Ce, com acesso gratuito para o público em geral. Sejamos leitores dessa mulher, paraibana, cordelista.

Referência:

MENDONÇA, Maristela Barbosa de. **Uma voz feminina no mundo do folheto**. Brasília: Thesaurus, 1993.



Esperança Garcia, negra escravizada e primeira advogada do Piauí

Leticia Isabelle A. Filgueira

O período da escravidão, no Brasil, foi marcado por mortes, torturas, violências e injustiças. A abolição da escravatura aconteceu em 13 de maio de 1888, por meio da Lei Áurea, contudo, nosso país foi o último das Américas a abolir a escravidão. Uma mancha que não poderemos apagar dos livros de História.

Ser negro neste país era sinônimo (e ainda é) de não ter direitos, desigualdades, exclusão, preconceito e opressão. É um desafio constante a luta contra o racismo e sua superação de forma estrutural e institucional na sociedade.

Uma das vítimas da escravidão foi a Esperança Garcia, mulher negra, corajosa e que tem sua história marcada por lutas, sofrimentos e conquistas. Aos 9 anos, Garcia foi expulsa do Piauí para ser escrava na casa do capitão Antônio Vieira de Couto. Então, em 6 de setembro de 1777, Esperança escreveu uma carta ao governador da Capitania do Maranhão, denunciando os maus tratos que ela sofria, assim como seus filhos e suas companheiras e pediu para retornar à Fazenda Algodões e para ter sua



filha batizada:

*Eu sou uma escrava de V.S.
da administração do Cap.*

Antônio Vieira de Couto, casada.

*desde que o Cap. Antônio lá foi administrar, que me tirou da Fazenda dos
algodoes, onde vivia com meu marido, para ser cozinheira da sua casa,
onde nela passo muito mal.*

*...ponha aos olhos em mim ordinando digo mandar o Procurador
que mande para a Fazenda aonde ele me tirou para eu viver com meu
marido e Batizar minha Filha de V.Sa. sua escrava
Esperança Garcia.*

(A CARTA DA ESPERANÇA GARCIA, 1977)

Pela carta, é possível ver que Esperança era uma mulher simples, consciente de si e de suas responsabilidades, por isso não se calava diante das atrocidades vividas. Era uma mãe que queria apenas salvar sua filha dos castigos escravos e batizá-la no lugar onde ela (Esperança) havia nascido.

A carta acima é um divisor de águas na vida dessa mulher aguerrida. O texto foi considerado a primeira petição escrita por uma mulher na história piauiense. Esperança foi considerada uma precursora da advocacia no estado do Piauí pela Ordem dos Advogados do Brasil (OAB/PI). A missiva é também um documento importante nas origens da literatura afro-brasileira, considerando o desdobramento dos acontecimentos para que ela se originasse, inclusive o dia 6 de setembro, data em que a carta foi enviada para o Governador da província, ganhando destaque e sendo comemorado o Dia Estadual da Consciência Negra.

Esperança Garcia, assim como todas as outras grandes escritoras, deixou seu brilho no mundo e por isso em homenagem a ela, foi criado o **Instituto Esperança Garcia**, que é um projeto de educação dos sonhos



possíveis, inspirado pela sua memória, por ser mulher negra, mãe guerreira que não aceitou a escravidão e que teve ousadia de escrever para as autoridades, pois precisava de uma solução para sair da condição de cativa em que vivia. Esperança deixa de ser escrava e alcança lugar de honra na advocacia, sendo devidamente valorizada e tratada como merece. Garcia venceu na sua jornada de luta por melhores condições de vida e liberdade e se tornou exemplo de mulher negra dentro da literatura e da história do Brasil, uma história que precisa ser revisitada e questionada por cada um de nós.

Portanto é por conhecer histórias como a de Esperança Garcia que refletimos o quanto é importante não se calar diante das mazelas de nossa sociedade. É necessário falar, sobretudo escrever sobre a valorização dos nossos direitos como cidadão, não aceitação de maus tratos, respeito a si mesmo etc. A palavra foi o recurso usado por Esperança Garcia para transformar sua vida e a de outras mulheres. Escrever é um ato revolucionário.

Referências:

WIKIPÉDIA. Esperança Garcia. [San Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2010]. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Esperan%C3%A7a_Garcia. Acesso em: 1 dez. 2021.

GALF, Renata. Quem foi Esperança Garcia, negra escravizada reconhecida como 1ª advogada do Piauí. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 18 nov. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/11/quem-foi-esperanca-garcia-negra-escravizada-reconhecida-como-1a-advogada-do-piaui.shtml>. Acesso em: 1 dez. 2021.



Madalena Caramuru: a primeira mulher alfabetizada no Brasil

Leticia Isabelle A. Filgueira

Muitos foram os direitos conquistados pelas mulheres ao longo dos séculos. Antigamente, elas ingressaram na escola já adultas e com formação voltada para os cuidados com o lar e a família. Segundo as leis portuguesas, o sexo feminino fazia parte da categoria voltada para criança e doentes mentais, além de serem consideradas sujeitos sem capacidade intelectual para aprender. Essa ideia ainda persistiu no Brasil colônia, onde eram declamados versinhos como: “mulher que sabe muito



é mulher atrapalhada, para ser mãe de família, saiba pouco ou saiba nada” ou “a mulher honrada deve ser sempre calada” ou “a mulher que sabe latim não tem marido, nem bom fim” (FERNANDES, 2019). Muitos desses versos eram encontrados na literatura de escritores portugueses do gênero masculino.

A primeira reivindicação pela instrução feminina no Brasil partiu do português Afonso Rodrigues, que ao casar-se com uma índia brasileira, Madalena Caramuru, Moema Paraguaçu, tribo dos Tupinambás, ensinou a esposa a ler e escrever com a permissão do padre Manoel de Nóbrega. Ela foi a primeira mulher a ser alfabetizada no país, motivo pelo qual entrou para o RankBrasil no ano de



2013.

Diametralmente oposta da cultura do homem branco, na indígena, a mulher exercia o papel de companheira e não deveria haver razão para as diferenças de oportunidades educacionais. Ver-se que os indígenas estranhavam a diferença de oportunidades educacionais entre homens e mulheres, visto que estas eram consideradas companheiras. Depreende-se, então, que a educação indígena via que tanto a mulher como o homem tinham as mesmas oportunidades, inclusive educacionais:

*Condenar
ao analfabetismo e à ignorância o
sexo feminino parecia, para o povo
indígena, uma ideia absurda
(RIBEIRO, 2004, p. 1)*

Ver-se no trecho acima, uma afirmação que a professora Arilda Inês Miranda Ribeiro, da Universidade Estadual Paulista fez em relação a valorização da alfabetização para todos dentro da cultura indígena.

Em 26 março de 1561, a recordista Madalena usou seus conhecimentos para redigir uma carta de próprio punho para o padre Manoel da Nóbrega, sacerdote português e chefe da primeira missão jesuítica à América. Nesta missiva, Madalena solicitava ao padre que as crianças escravas fossem tratadas com dignidade chegando a oferecer ajuda para que isso acontecesse. Ela denunciava os traficantes de escravos por desejarem a morte rápida dos meninos negros e lamentava que a Bahia tivesse deixado de ser “berço de uma geração tão pura”. Por esse ato, a Índia foi considerada também como pioneira na luta pelos direitos humanos no Brasil.

Apesar de não ter sido atendida, Madalena ficou marcada na história da escravidão no Brasil, sendo devidamente respeitada como figura feminina de força, determinação, desejo de vencer o analfabetismo e de luta pela liberdade de escravos, principalmente das crianças, por sua



ousadia, bom aproveitamento da alfabetização e seus conhecimentos. Madalena também foi homenageada pelos **Correios**, no ano de 2001, quando a empresa, lançou um selo que simbolizava a luta pela alfabetização da mulher no Brasil. No centro da peça, Madalena aparece com características indígenas, segurando uma pena de escrivão, que era um instrumento utilizado para a escrita na época em que a índia viveu.

Madalena representa, pois, a mulher que usou da palavra escrita para lutar contra a opressão e em favor da igualdade de gênero. Por esta razão sua história merece ser contada e suas ações merecem ser difundidas para que sirvam de incentivo para outras mulheres. Que a educação diversificada e plural siga libertando não só as mulheres, mas também a todos que precisam do conhecimento para aperfeiçoar-se e fazer do mundo um lugar melhor para se viver.

Referências:

CLUBE DAS PITAYAS. **Mulher do mês**: Madalena Caramuru. 19 fev. 2021. Disponível em: <https://clubedaspitayas.com/2021/02/19/mulher-do-mes-madalena-caramuru/>. Acesso em: 1 dez. 2021.

FENAE AGORA. **Uma carta como marco da alfabetização feminina**. set./ago. 2014. Disponível em: <https://fena.org.br/portal/data/files/FF8080811706ED20011744D39DDD3B0F/Madalena%20Caramuru.pdf>. Acesso em: 1 dez. 2021.

FERNANDES, Fernanda. A história da educação feminina. **MultiRio**, Rio de Janeiro-RJ, 7 mar. 2019. Disponível em: <http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/14812-a-hist%C3%B3ria-da-educa%C3%A7%C3%A3o-feminina>. Acesso em: 1 dez. 2021.

PIRES, Fátima. **Primeira mulher alfabetizada no Brasil**. RankBrasil Recordes Brasileiros, 15 fev. 2013. Disponível em: https://www.rankbrasil.com.br/Recordes/Materias/0W1e/Primeira_Mulher_Alfabetizada_No_Brasil. Acesso em: 1 dez. 2021.





**UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CARIRI**

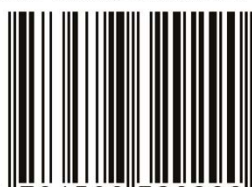
PROCULT – Pró-Reitoria de Cultura



**Nordestinados
a Ler**

ISBN: 978-65-88329-29-0

CDL



9 786588 329290